



PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
Programa de Pós-Graduação em História

Heitor Campos Bueno

**QUERIDA AMIGA MARTA:  
sexualidade, feminismo e poder no programa TV Mulher.**

DISSERTAÇÃO EM HISTÓRIA

São Paulo

2015

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
Programa de Pós-Graduação em História

Heitor Campos Bueno

**QUERIDA AMIGA MARTA:  
sexualidade, feminismo e poder no programa TV Mulher.**

DISSERTAÇÃO EM HISTÓRIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História sob a orientação do Prof<sup>a</sup> Dra. Carla Reis Longhi.

São Paulo

2015

## **Errata**

### **Página 13 – Primeiro Parágrafo**

**Onde se lê:** Foucault argumenta que a sexualidade humana não é um fenômeno que sempre existiu. Ela é historicamente construída e compartilhada em redes de poder e produzida por diversos discursos, regulamentos, leis, medidas administrativas, produções científicas, proposições filosóficas, morais e filantrópicas as quais Foucault denomina de “dispositivo da sexualidade”.

**Leia-se:** Foucault ao analisar a sexualidade humana na modernidade aponta que a mesma não é um fenômeno que sempre existiu como tal. Através do que denomina de “dispositivo da sexualidade”, o autor aponta para a construção e compartilhamento das concepções burguesas sobre o sexo por meio de diversos discursos, regulamentos, leis, medidas administrativas, produções científicas, proposições filosóficas, morais e filantrópicas.

### **Terceiro Parágrafo**

**Onde se lê:** Foucault deseja saber se as relações de poder são repressivas e se há evidências históricas que as possam comprovar. O autor enumera três dúvidas que envolvem sua “hipótese repressiva” sobre o sexo: a primeira de teor histórica; a segunda histórico-teórica; e a terceira histórico-política.

**Leia-se:** Foucault deseja ponderar sobre as relações de poder produtivos em contraponto as relações repressivas. Para tanto, o pensador aponta para evidências históricas enumerando três dúvidas que envolvem sua “hipótese repressiva” sobre o sexo: a primeira de teor histórica; a segunda histórico-teórica; e a terceira histórico-política.

### **Página 14 – Excluir terceiro parágrafo.**

### **Página 16 – Quinto parágrafo**

**Onde se lê:** Num processo de subjetivação os sujeitos eram conduzidos ao modo de ser e estar baseados nas culturas nas quais viviam.

**Leia-se:** Num processo de autoconstituição de subjetividade os sujeitos são conduzidos ao modo de ser e estar nas culturas nas quais viviam.

### **Página 39 – Primeiro parágrafo**

**Onde se lê:** [...] o livro “Direito das mulheres e injustiça dos homens” de inspiração na obra “*Woman not inferior to man*” de Mary Wortley Montagu (1689-1762).

**Leia-se:** “Direito das mulheres e injustiça dos homens” de inspiração na obra “*A Vindication of the rights of woman*” de Mary Wollstonecraft (1759 – 1797).

### **Página 44 – Primeiro parágrafo**

**Onde se lê:** Desta maneira, aponta Célia Pinto [...] **Leia-se:** Desta maneira, aponta Céli Pinto [...]

**Segunda citação - Onde se lê:** (Informa verbal) **Leia-se:** (Informação verbal)

### **Página 45 – Segundo parágrafo**

**Onde se lê:** O segundo, formado em grande parte por ex-exilidas [...] **Leia-se:** O segundo, também de linha marxista, era formado em grande parte por ex-exilidas [...]

### **Página 50- Segundo parágrafo**

**Onde se lê:** Um dos primeiros a surgir no país dirigido às elas e editado por elas foi o Brasil Mulher em 1975 na cidade paranaense de Londrina.

**Leia-se:** Um dos primeiros a surgir no país dirigido às elas e editado por elas foi o Brasil Mulher em 1975, tendo sido sua única e primeira edição publicada na cidade de Londrina e as demais edições na cidade de São Paulo.

### **Incluir as seguintes referências bibliográficas**

BRAGA, Adriana. **Corpo e Mídia: fragmentos históricos da imprensa feminina no Brasil**. IN: Anais do 10 Encontro da Rede Alfredo de Carvalho (ALCAR) - Mídia: 2 séculos de História. Espírito Santo, 2003.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. Brasiliense, São Paulo: 5ª ed., 1994.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

\_\_\_\_\_. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2006.

### **Realocar em ordem alfabética**

**Letra A:** ALMEIDA, Heloísa Buarque de. Trocando **em miúdos: gênero e sexualidade na TV a partir de Malu Mulher**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 27, n. 79, 2011.

**Letra K:** KEHL, Maria Rita. “**Eu vi um Brasil na TV**”. In: COSTA, Alcir Henrique; KEHL, Maria Rita e SIMÕES, Inimá. **Um país no ar: a história da TV brasileira em três canais**. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1986.

**Letra P:** PARKER, Richard Guy. **Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

**Letra R:** RAGO, Margareth; TAVARDOVSKAS, Luana. "**O prazer solitário: o corpo em êxtase no imaginário ocidental**". In: Flávia Regina Marquetti; Pedro Paulo Funari - **Corpo a corpo**. Representações antigas e modernas da figura humana, Editora FAP-UNIFESP, p. 263-280, 2014.

\_\_\_\_\_. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

\_\_\_\_\_. **Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global**. Labrys, Estudos Feministas, n. 3, janeiro/julho 2003. Disponível em: <<http://www.tanianavarros-wain.com.br/labrys/labrys3/web/bras/marga1.htm>> Último acesso em: 08 setembro 2014.

\_\_\_\_\_. **O Prazer no Casamento**. In: Revista Idéias. Campinas: IFCH/UNICAMP, ano 2, n.2, p.69-88, 1996.

Banca Examinadora

---

---

---

Às pessoas que ofereceram a mim partes de suas vidas

À tia Lourdes, sem o seu exemplo e apoio eu não chegaria até aqui.

À minha mãe, que a cada dia me faz sentir toda a potência do amor materno que me faz  
progredir mais e mais.

Ao meu pai, que a sua maneira soube educar-me para ser uma pessoa melhor.

À minha companheira, que com todo seu amor, carinho e suporte sempre me deu forças para  
seguir adiante.

À todas telespectadoras e mulheres que fazem parte desta pesquisa com as  
narrativas de suas vidas. Espero corresponder à altura.

## **AGRADECIMENTOS**

São muitas as pessoas que contribuíram de alguma maneira para a realização desta pesquisa. Porém, não posso deixar de expressar os seguintes agradecimentos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por possibilitar realização deste trabalho através do apoio do aporte financeiro dado por meio de bolsa de estudos.

Aos meus mestres professores da PUC-SP, por toda atenção e dedicação dada a mim durante o amadurecimento e desenvolvimento de minha pesquisa.

À professora Dr<sup>a</sup> Carla Reis Longhi pela excelência de seu trabalho durante os anos de orientação.

Às professoras Dr<sup>as</sup> Luzia Margareth Rago e Heloisa de Faria Cruz, que encarecidamente abriram caminhos para a conclusão desta dissertação.

À toda equipe técnica do CEDIC (Centro de Documentação e Informação Científica), por todo conhecimento empírico que pude adquirir enquanto estagiário e depois, por toda prestatividade em meu retorno como pesquisador.

À senadora Marta Suplicy, que muito atenciosamente concedeu-me a oportunidade de uma entrevista esclarecedora.

À todos meus familiares, amigos e colegas por todo o apoio recebido. Muito obrigado.

BUENO, Heitor Campos. **Querida Amiga Marta:** sexualidade, feminismo e poder no programa TV Mulher. Dissertação de mestrado em História Social. Programa de Pós – Graduação em História Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC - São Paulo, 2015.

## RESUMO

Esta dissertação tem como principal abordagem temática a análise dos efeitos produzidos no público telespectador pelos discursos presentes no quadro “Comportamento Sexual” apresentado pela psicóloga Marta Suplicy (1945 - ) no programa TV Mulher. Para tanto, utilizamos como fontes documentais relatos contidos em correspondências enviadas ao programa entre os anos de 1980 e 1982, bem como quatro publicações de autoria de Marta Suplicy: *Conversando sobre Sexo* (1983), *Condição da Mulher – Amor, Paixão, Sexualidade* (1984), *De Mariazinha a Maria* (1985), *Reflexões Sobre o Cotidiano* (1986). Como fonte complementar e não prioritária traremos também os relatos concedidos em entrevista pela psicóloga Marta Suplicy. A partir das discussões sobre poder e sexualidade propostas pelo filósofo francês Michel Foucault ponderamos que os discursos apresentados por Marta Suplicy, a respeito da sexualidade e da condição social das mulheres, apontam para uma relação dicotômica de normatização e liberalização. A fim de trazer melhores recursos analíticos sobre a temática e o período em questão, abordaremos questões que concernem os produtos da mídia impressa e televisiva brasileira tendo como foco a chamada imprensa feminina e os movimentos femininos e feministas atuantes no Brasil.

Palavras-chave: sexualidade; imprensa feminina; feminismo; Marta Suplicy.

## ABSTRACT

This work has as main thematic approach to analyze the effects produced in the viewer public by discourses present in the "*Comportamento Sexual*" presented by psychologist Marta Suplicy (1945 -) on *TV Mulher* program. Therefore, we use as documentary sources reports contained in correspondence sent to the program between the years 1980 and 1982 as well as four of Marta Suplicy publications: *Conversando sobre Sexo* (1983), *Condição da Mulher – Amor, Paixão, Sexualidade* (1984), *De Mariazinha a Maria* (1985), *Reflexões Sobre o Cotidiano* (1986). As complementary and not a priority source we will also bring the reports in an interview granted by psychologist Marta Suplicy. From the discussions about power and sexuality proposed by the French philosopher Michel Foucault we shall ponder the speeches presented by Marta Suplicy, about sexuality and social status of women, point to a dichotomous relation to regulation and liberalization. In order to bring better analytics on the subject and the period in question, the research discuss issues that concern the Brazilian print and broadcast media products focusing on the so-called women's press and women's and feminist movements operating in Brazil.

Keywords: sexuality; women's press; feminism; Marta Suplicy.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	08
<b>1. O dispositivo da sexualidade</b> .....	07
1.1 Cultura e mídia.....	17
1.2 Imprensa feminina.....	27
1.3 Uma televisão mais feminina.....	32
<b>2. Periódicos e Feminismo</b> .....	39
2.1 O princípio da mobilização feminina no Brasil.....	39
2.2 O feminismo brasileiro.....	41
2.3 Influências do outro lado.....	47
2.4 Feminismo e Imprensa.....	50
<b>3. A sexóloga feminista</b> .....	53
3.1 Os telespectadores.....	62
3.2 Virgindade e Orgasmo.....	88
3.3 Virgindade.....	89
3.4 O orgasmo feminino.....	95
<b>Conclusão</b> .....	104
<b>Bibliografia</b> .....	111
<b>Anexos</b> .....	121

## Introdução

Para a historiadora Michelle Perrot, as mulheres foram relegadas a um lugar de silêncio e invisibilidade na história. Ao longo dos séculos, e até as conquistas de melhores condições de vida com o avanço de ações diversas e das lutas dos movimentos sociais e feministas, as mulheres eram menos vistas no espaço público uma vez que eram sentenciadas ao privado. Confinadas em casa e o que a ela serve, eram quase invisíveis.

Para a historiadora, o advento das mulheres como objeto da História deu-se através de novos paradigmas investigativos que levam em consideração fatores científicos, sociológicos e políticos.<sup>1</sup> A falta de registros e relatos colabora para este “silêncio” das mulheres na História: “Para escrever a história são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da História das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios.” (PERROT, 2006: 21)

Entretanto, Michelle Perrot reconhece existir uma variada quantidade de fontes que auxiliam os historiadores a romper a barreira do silêncio acerca das mulheres: “Fontes que falam delas. Fontes que emanam delas, na quais se podem ouvir suas vozes diretamente.” (PERROT, 2006: 25) Estas fontes existem em diferentes lugares como bibliotecas, arquivos públicos e privados. No foro privado, duas são as fontes de destaque: os diários pessoais que contém detalhes de seu dia a dia, seus pensamentos e confissões; e as correspondências trocadas com amigos, colegas e amantes.

Incentivadas, primeiro por seus confessores e depois por seus pedagogos, mantinham o registro de suas intimidades como um meio de controle de si mesmas. A escrita, assim como a leitura, era considerada como desperdício de tempo na rotina das mulheres. Entretanto, para muitas destas o registro dos vestígios de suas intimidades configurava como momento de prazer momentâneo, sejam elas educadas de maneira laica ou religiosa. A escrita de si em diários ou correspondências, com amigos e amantes eram desta maneira um misto de gozo e pecado. (PERROT, 2005: 35-37)

Em 2010 um conjunto de correspondências, divididos em trezes caixas, foi doado à Faculdade de Psicologia da PUC-SP. Tratava-se de uma documentação que compunha o

---

<sup>1</sup> Segundo Michelle Perrot: os fatores científicos devem-se “a uma renovação de questões ligadas à crise dos sistemas pensamentos (marxismo, estruturalismo), à modificação das alianças disciplinares [como por exemplo entre a História e a Antropologia] e à proeminência da subjetividade”; os fatores sociológicos são marcados pela “feminização” das produções acadêmicas devido ao aumento da presença das mulheres nas universidades; e os fatores políticos, em amplo sentido foram decisivos graças aos movimentos de liberação das mulheres. (PERROT, 2006:20)

arquivo pessoal de correspondências de telespectadores recebidas, entre os anos de 1980 e 1986, por Marta Suplicy enquanto esta fora apresentadora do quadro Comportamento Sexual do extinto programa TV Mulher da Rede Globo de Televisão. Trata-se de um conjunto de aproximadamente seis mil correspondências enviadas por brasileiras e brasileiros de todo o Brasil.<sup>2</sup>

O material foi repassado ao Centro de Documentação e Informação Científica Professor Casemiro dos Reis Filho (CEDIC), vinculado à PUC-SP, que iniciou todo o processo arquivístico para seu armazenamento e preservação. O conjunto da documentação encontra-se em bom estado de conservação, contendo poucas correspondências danificadas pelo mau acondicionamento e ação do tempo.

A equipe técnica do CEDIC mantém toda a documentação organizada segundo os critérios de seleções e interesses estabelecidos por Marta Suplicy e seus assistentes sendo apenas reordenadas de maneira cronológica. O volume de correspondências varia de acordo com as temáticas presentes em cada uma das treze caixas.<sup>3</sup> Acreditamos que esta variedade seja decorrente a determinado assunto abordado por Marta Suplicy em determinado programa ou período, suscitando mais ou menos discussões. Os temas recorrentes destacados são: aborto; lógicas femininas e masculinas; dúvidas ginecológicas; dúvidas diversas; sexo na terceira idade; críticas; apoios; orientação para os pais; sexo na adolescência; gravidez; homossexualismo; orgasmo, virgindade; mariazinhas (termo classificatório criado por Marta Suplicy para referir-se às mulheres que ainda estavam em um nível psíquico de submissão aos homens e sociedade); sexo oral; sexo anal; disfunção sexual masculina e feminina; frigidez feminina; gravidez; parafilias; problemas pessoais; infertilidade; traição; entre outros. Também há dentre esta documentação um grande número de correspondências enviadas diretamente à residência de Marta Suplicy e ao Jornal Folha de São Paulo no qual Marta mantinha uma coluna periódica desde o início de 1980.<sup>4</sup>

Vale ressaltar a quantidade dos anexos enviados pelos telespectadores que, em sua maioria, serviam para auxiliar na argumentação das dúvidas presentes em suas cartas, e/ou contribuírem de alguma forma com Marta Suplicy e seu trabalho desenvolvido dentro e fora

---

<sup>2</sup> Marta Suplicy relata que a documentação doada não corresponde à totalidade das correspondências recebidas por ela enquanto apresentadora do TV Mulher, tendo sido uma parte desta documentação perdida. Todavia, centenas de correspondências foram preservadas seguindo critérios temáticos próprios da psicóloga para a publicação de seus livros. Informação pessoal concedida por Marta Suplicy em janeiro de 2015.

<sup>3</sup> Há indicações de que a variação no volume de correspondências presente entre as caixas seja decorrente de determinadas temáticas e assuntos abordados no quadro que suscitaram ou não maiores interesses e discussões entre os telespectadores e a própria apresentadora.

<sup>4</sup> A partir de abril de 1982, Marta Suplicy passará a escrever para o Jornal Folha de São Paulo como uma das colunistas do recém-criado caderno feminino publicado aos domingos, o “Suplemento Mulher”.

do programa. Tratam-se de xerocópias de jornais e revista, panfletos, atas de reuniões de organizações e movimentos sociais (com grande destaque às contribuições do Grupo Gay da Bahia), prontuários médicos, chapas de raios-X, entre outros. Dado o volume e tipologia documental, houve a necessidade de se estabelecer um recorte das fontes. O critério escolhido foi o período inicial que compreende os três primeiros anos da década de 1980 em que o programa TV Mulher era transmitido apenas para alguns estados brasileiros. Devido à variedade de assuntos que tangenciam a sexualidade dos telespectadores, buscaremos explorar nesta pesquisa aqueles que apresentam um maior volume de correspondências.

Durante a pesquisa foi analisada a totalidade de 1718 correspondências existentes entre os anos de 1980 e 1982, sendo: 415 correspondências de 1980; 733 orrespondências de 1981; 570 orrespondências de 1982. Optamos por ordenar espacialmente a documentação entre os estados e municípios brasileiros. Neste período, o programa TV Mulher passou a ser exibido de maneira gradativa para todo o território brasileiro, encontrando correspondência de diversas cidades localizadas em: São Paulo; Rio de Janeiro; Minas Gerais; Espírito Santo; Paraná; Santa Catarina; Rio Grande do Sul; Mato Grosso do Sul; Bahia; Paraíba; Pernambuco; Rio Grande do Norte; Sergipe; Alagoas; Maranhão; Distrito Federal. Os estados com o maior número de telespectadores missivistas são respectivamente de: São Paulo (1039); Rio Grande do Sul (187); Rio de Janeiro (173); Minas Gerais (132). Deste total, podemos identificar a presença 1680 correspondências de telespectadoras e 330 correspondências de telespectadores.

Através destes dados podemos apontar que grande parte dos telespectadores eram mulheres que se encontravam nas regiões sul e sudeste do Brasil. Não proporemos análises e discussões relacionadas à origem e localidade dos telespectadores, entretanto, todos os dados quantitativos da documentação serão apresentados em anexo visando à colaboração em futuras pesquisas. Ressaltamos que devido ao volume de correspondências foram selecionadas para a pesquisa algumas correspondências que por meio de suas de suas narrativas conseguem dar um tom a totalidade da documentação do período selecionado. Trabalhar com conjunto de documentação como este não é uma tarefa fácil em virtude de seu volume e variedade. Por existir apenas documentos produzidos pelos telespectadores (ainda que muitas correspondências e envelopes possuam comentários de Mara Suplicy) e devido às dificuldades encontradas em se obter acesso ao arquivo da Rede Globo contendo as gravações do TV Mulher, a pesquisa não pode avançar em questões que tratam das relações

estabelecidas entre os diversos missivistas e Marta Suplicy por meio da televisão, ou seja, entre a leitura de suas correspondências e as respostas dadas pela apresentadora.

Como ressalta a pesquisadora Ângela Maria De Castro Gomes um conjunto de documentação pode suscitar indícios culturais de seus autores, as realidades em que estão inseridos e suas relações sociais. Todavia, análises aprofundadas que levem em consideração estes fatores ou aqueles que remetem aos mecanismos de linguagem, vocabulário ou até a grafia dos missivistas não serão nosso foco. Não pretendemos reconstruir o leitor e sua realidade, mas apenas indicar aspectos sobre trato de suas sexualidades, seus entendimentos e opiniões a respeito de assuntos suscitados por eles ou abordados pela psicóloga.

Desta maneira, utilizaremos nesta pesquisa a análise de correspondências enviadas ao programa TV Mulher bem como das interpretações, reflexões e dos discursos produzidos por ela a partir dos quatro livros de sua autoria: *Conversando sobre Sexo* (1983), *Condição da Mulher – Amor, Paixão, Sexualidade* (1984), *De Mariazinha a Maria* (1985), *Reflexões Sobre o Cotidiano* (1986). De maneira complementar e não prioritária, traremos também relatos concedidos por Marta Suplicy referentes ao período de sua participação no programa TV Mulher.<sup>5</sup>

Ângela Maria De Castro Gomes argumenta que ao trabalhar com materiais biográficos que tragam reflexões pessoais, como as obras publicadas por Marta Suplicy, devemos nos atentar para o fato de que a escrita de si assume a subjetividade do autor como dimensão integrante de sua linguagem. Estes documentos não discorrem sobre o que houve, mas sim o de dizer que o autor viu sentiu e experimentou. (GOMES: 2004:15) Cada livro e cada texto produzido entre os anos de 1983 e 1986, por Marta Suplicy, traz diversas interpretações e reflexões suas acerca de diversos assuntos que dialogavam, de alguma maneira, com sua atuação na sociedade brasileira naquele período. Buscamos tomar o cuidado de não nos deixarmos incorrer no erro de afirmar que as fontes dizem apenas verdades e que reconstituem uma realidade tal como ela seria. Apesar da produção de Marta Suplicy apresentar uma determinada linearidade que segue a trajetória de suas ações cotidianas como feminista, “sexóloga” e psicóloga, não assumiremos a chamada “ilusão biográfica”, isto é, a crítica ingênua de supor a existência de um “eu coerente” e contínuo que se revelaria nesse tipo de escrita, exatamente pelo “efeito de verdade” que ela é capaz de produzir. (GOMES: 2005,15)

---

<sup>5</sup> Por esta razão e também pelo fato de a entrevista ter sido realizada no momento em que a pesquisa encontrava-se em processo de finalização, não traremos discussões teóricas a respeito de história oral.

Apesar de abordarmos aspectos biográficos e as produções autorais de Marta Suplicy, nossa proposta não é a de produzir uma biografia verdadeira sua, mas apenas dimensionar brevemente sua história a fim de melhor contextualizar particularidades que sejam relevantes à pesquisa. Para o especialista em biografias Sérgio Vilas Boas, um equívoco comum de trabalhos que levantem aspectos biográficos em busca apenas da “verdade” é o de deixar de reconhecer que os fatos narrados não são “puros” e que apenas trazem pontos de vistas que são postos em evidência através de métodos empíricos de análise. Tampouco pretendemos dotar a apresentadora com uma áurea de predestinação. Para Vilas Boas considerar o biografado como um ser possuidor de características que lhe conferem o status de pessoa única, extraordinária merecedora da notoriedade da que desfruta este, seria outro equívoco. (BOAS, 2008: 20)

Baseando-se nas reflexões de Michel Foucault sobre sexualidade e poder proporemos uma reflexão sobre a dicotomia liberalização X normatização presente nos discursos da psicóloga e feminista Marta Suplicy enquanto apresentadora do programa TV Mulher. Em um primeiro olhar vislumbramos um papel liberalizante cumprido por Marta Suplicy na sociedade brasileira através da mídia televisiva. Entretanto, questionaremos se sua atuação foi efetivamente liberalizante ou utilizou outro modo de normatização. Pautada nesta problemática discutiremos no primeiro capítulo a sexualidade, proporemos uma discussão acerca da sexualidade a partir do conceito de dispositivo da sexualidade de Foucault, abordando também o desenvolvimento do fenômeno histórico da sexualidade no Brasil. Analisaremos ainda os efeitos ocasionados na indústria cultural brasileira, decorrentes das mudanças socioculturais que ocorreram no país entre as décadas de 60 e 70, tendo como foco a chamada imprensa feminina e seus diferentes produtos. No segundo capítulo, focaremos e exploraremos as mobilizações femininas e feministas no Brasil, apontando para sua característica multifacetada e complexa, uma vez que foram compostos por agentes sociais que deles tomaram parte em diferentes contextos históricos sociais. No terceiro e último capítulo, trataremos a trajetória de vida Marta Suplicy, destacando sua atuação e seu entendimento a respeito da sexualidade e da condição social das mulheres brasileiras. A partir das narrativas contidas em correspondências enviadas à Marta Suplicy, trataremos sobre os efeitos produzidos pelos discursos apresentados pela psicóloga apresentadora no público telespectador do programa TV Mulher.

## 1. O dispositivo da sexualidade

Foucault argumenta que a sexualidade humana não é um fenômeno que sempre existiu. Ela é historicamente construída e compartilhada em redes de poder e produzida por diversos discursos, regulamentos, leis, medidas administrativas, produções científicas, proposições filosóficas, morais e filantrópicas as quais Foucault denomina de “dispositivo da sexualidade”.

Buscando analisar historicamente a sexualidade, Foucault problematiza momentos privilegiados que aproximam nossas experiências contemporâneas a outras que deixaram de nos ser estranhas. Ele remete-se às culturas greco-romanas<sup>6</sup> e cristãs para demonstrar que a sexualidade não é dada como algo natural e não pertence ao sexo, mas sim a um modo que adotamos ao falar, viver, agir e interagir. Estas, por sua vez, materializam-se como um modo incorporal de ser histórico e nos levam a encarnar certezas vividas por nós como naturais.

Foucault deseja saber se as relações de poder são repressivas e se há evidências históricas que as possam comprovar. O autor enumera três dúvidas que envolvem sua “hipótese repressiva” sobre o sexo: a primeira de teor histórica; a segunda histórico-teórica; e a terceira histórico-política.

Para o filósofo, ao invés de uma censura e de uma repressão acerca da sexualidade, as sociedades modernas ocidentais dedicaram-se a produção e proliferação de discursos e saberes acerca do sexo no próprio campo do poder. O sexo não foi escondido ou condenado a um lugar de obscuridade e de recato, uma vez que o homem ocidental investiu na tarefa que consiste em dizer tudo sobre ele, transformando-o em discurso. Mais do que um discurso moral, formulou-se sobre o sexo um discurso racional, que desenvolveu variados aparelhos para “dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que se diz.” (FOUCAULT, 1999: 35)

Ao se falar do sexo, não como algo condenado ou tolerado, busca-se gerir e inseri-lo em sistema de utilidade que o regule para o bem de toda a sociedade segundo um padrão exemplar de otimização. A “política do sexo”, como afirma Foucault, é a necessidade que as sociedades modernas desenvolveram para controlar o sexo por meio de discursos públicos e úteis.

---

<sup>6</sup> Ainda que sejam semelhantes os comportamentos sexuais da antiguidade clássica, Foucault foca sua análise na constituição dos sujeitos em suas próprias experiências. A maneira como cada vivência, aceita ou recusa códigos normativos em relação a si mesmo representam relações de rupturas e continuidades com os povos greco-romanos.

Mesmo que em último momento o sexo fosse mascarado, ciências como a medicina, a psicologia e a psicanálise tornaram o sexo alvo de discursos regulatórios e classificatórios visando o progresso, o desenvolvimento e a perpetuação da humanidade.

Tais esforços por desenvolver discursos que visam disciplinar os desejos e os comportamentos dos indivíduos, acabam por impor classificações que delimitam e rotulam condutas que esses indivíduos não poderiam, sozinhos, compreender ou identificar. A verdade sobre seus corpos e suas almas somente poderá ser desvendada através de saberes científicos.

Estas ciências colaboraram para que Estados nacionais desenvolvessem técnicas de poder para administrar suas populações a fim de solucionar problemas econômicos e políticos. Servindo aos interesses regulatórios do mercado, da política ou educação são levadas em consideração diversas variáveis analíticas: natalidade, idade do casamento, fecundidade, nascimentos legítimos ou ilegítimos, frequência das relações sexuais, métodos contraceptivos, estado de saúde, incidência de doenças, forma de alimentação e de habitat. (FOUCAULT, 1999: 28) Os poderes contribuem entre si e os discursos produzidos são apropriados e utilizados por um ou outro, como por exemplo, a medicina servindo como base para o direito penal.

Qual o intuito dessa investida sobre sexo? Segundo Foucault, a alta burguesia necessitava explorar a força de trabalho disponível e as energias dos trabalhadores não deveriam ser dispensadas com os prazeres da carne.

O sexo ao ser convertido em discurso fixou cada indivíduo à sua maneira, dividindo e restringindo suas sexualidades entre o lícito e o ilícito. Os ilícitos, apesar do que se imagina, não deixaram de existir. Estes foram relegados a locais próprios para suas práticas ou tratamentos como, por exemplo, hospitais psiquiátricos e bordéis. Diferentemente de sociedade orientais, que produziram a *Ars Erotica* – arte erótica – as sociedades ocidentais, durante a formação e a consolidação de suas instituições modernas, produziram a chamada *Scientia sexualis* que propunha produzir a verdade sobre o sexo. Mesmo os fins altruístas de investigação que classificam e traçam estatísticas acerca da sexualidade humana em nome da ciência buscam uma totalização por meio de uma individualização apurada das particularidades de cada indivíduo.

Tangenciando os estudos propostos por Foucault, o sociólogo brasileiro Richard Guy Parker, ao analisar a sexualidade do brasileiro, analisa as construções formais e racionais que tem estruturado as ideologias de gênero no Brasil. Com questionamentos e considerações religiosas, médicas e científicas sobre o sexo, o autor discorre como as considerações desses

discursos mais racionalizados, com suas inter-relações históricas, influenciaram a sexualidade brasileira. (PARKER, 1991)

Segundo o brazilianista, durante o século XX é possível observar as transformações e a expansão dos discursos moralistas de higiene social e da medicina moderna, circunscritos pelas transformações sociais decorrentes do processo de urbanização pelo qual o Brasil passava. Estas mudanças possibilitaram a reestruturação da família, da moralidade tradicional e da autoridade religiosa. Emergem novas práticas e valores sexuais.

Entre os séculos XIX e XX, a sociedade brasileira depara-se com a proliferação de discursos médicos e jurídicos que analisaram, classificaram e condenaram as chamadas “perversões sexuais”. A higiene sexual baseada em estudos, como aqueles propostos por Cesare Lombroso e sua Antropologia Criminal, ganhavam cada vez mais adeptos em solo brasileiro para identificar as práticas do onanismo, pedofilia, homossexualismo, trêfades, prostituição, entre outras. (RAGO, 1995) Entretanto, como aponta a historiadora Margareth Rago, os discursos médicos não eram homogêneos e coerentes em suas práticas ao longo das décadas. Antes mesmo da “revolução sexual” dos anos 60, a década de 20 já presenciava novos padrões sexuais e comportamentais “liberalizantes”, mas que ainda tinham como padrão relações entre homens e mulheres heterossexuais.

“Pagu e Oswald de Andrade ficam famosos, nos anos vinte, por suas relações amorosas bastante livres e transgressoras enquanto ela, principalmente, é lembrada como uma mulher que ousa desafiar a moral, que circula audaciosamente vestida nas ruas da cidade, protagonizando a “nova mulher”, ou a “mulher emancipada”, próxima da figura da “melindrosa” e da “vamp” sedutora, que aparecem nos romances da época. Entre a figura da casta e a da degenerada-nata, os anos vinte assistem à emergência da “mulher moderna”, que trabalha fora de casa, torna-se advogada, médica, escritora ou aviadora, participa dos meetings políticos, viaja e relaciona-se de igual com os homens.” (RAGO, 1995:69)

Os papéis das mulheres passam, paulatinamente, por mudanças estruturais que intentam romper com seu antigo status social de “senhoras do lar”. Mais organizado e politizado esse público feminino fez com que os meios de comunicação passassem a retratá-lo sob uma nova perspectiva:

“Assim sendo, toda uma série de desenvolvimentos – muito frequentemente emanando do exterior e importada pela elite urbana bem educada- exerceu papel importante em influenciar um processo de modernização na vida sexual, ligada a modernização da vida brasileira de maneira geral.” (PARKER, 1991: 136)

A preservação do casamento indissolúvel e a perpetuação da humanidade necessitavam de um combate moral aos perigos que afetam as famílias brasileiras. A educação sexual defendida por médicos entendia que homens –apenas– bem informados quanto a sua sexualidade não seriam seduzidos pelos “vícios elegantes” (drogas) e também não tornar-se-iam sedutores de “mulheres honestas” . A fixação pelo gozo deveria ser controlada e canalizada para o bom desenvolvimento de uma vida conjugal saudável.

Políticos, juristas, médicos, entre outros, adeptos da eugenia, preocupavam-se com o futuro de uma nação que não priorizava um desenvolvimento “racial forte” ao depurar suas raças. Dos muitos focos de atuação eugenistas, a família recebeu grandes atenções ao ser considerada como símbolo de uma nação civilizada. Defendia-se uma família hetero, nuclear e monogâmica que tivesse uma vida sexual saudável e reservada apenas aos cônjuges a fim de evitar, por exemplo, doenças sexualmente transmissíveis. (MATOS; MORAES: 2007)

A partir da década de 60, o assunto sexo torna-se um dos tópicos favoritos de discussão em todo o país. Ganha espaço e passa a ser debatido publicamente em filmes, programas radiofônicos e televisivos bem como na mídia impressa: “Os columnistas o comentam, psicólogos populares constroem carreiras em torno dele, cientistas sociais os estudam e fazem relatórios e, através disso tudo, um público notavelmente diferente o consomem.” (PARKER, 1991: 137)

Ergue-se a bandeira de que era necessário “educar e informar para combater a ignorância” no que concerne a temática sexual. Abrir para o debate público a fim de combater as antigas e falsas afirmações e superstições e com isso modernizar a sexualidade brasileira. Saem os padres e médicos que eram dotados da verdade sobre sexo e entram os educadores, sexólogos e psicólogos.

Foucault argumenta que ao incorporar o poder pastoral, a partir do cristianismo, os Estados modernos com suas diversas instituições estariam guiando e explorando as almas e as consciências dos seres levando-os a produzir “verdades sobre si”. Este poder produz e reproduz de maneira intencional assim como cria subjetividades que penetram o indivíduo, deslocando o poder externo para um poder interno que visa estimular um autodesenvolvimento e governabilidade. As “práticas de si” ou as “técnicas de si” possibilitam reflexões sobre a maneira cotidiana de viver em sociedade e com isso regular condutas que façam indivíduos enfrentar as incertezas da materialidade da vida.

A imprensa feminina que tratava do sexo funcionava como um “manual de autoajuda” que, por meio de técnicas de si, materializam as verdades produzidas por diferentes ciências

como a psicologia, a medicina, a sexologia, etc. Num processo de subjetivação os sujeitos eram conduzidos ao modo de ser e estar baseados nas culturas nas quais viviam.

A pesquisadora Rosa Maria B. Fisher, concebe com base no “dispositivo de sexualidade” e nos “modos de subjetivação”, propostos por Foucault, o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”. Segundo ela, a mídia tem papel fundamental na “educação” das pessoas ao produzirem imagens, significações e saberes que normatizam como ser alguém em sociedade:

“descrevo o dispositivo pedagógico da mídia como um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir veicular e consumir [produtos midiáticos] numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si [...]” (FISCHER, 2002:155)

Em sua proposição, Rosa Maria B. Fisher destaca que a partir do surgimento e expansão da televisão, a mesma assumiu “um lugar especial de educar” ao propor fazer justiça e promover uma “verdadeira” investigação dos fatos. Também cabe a televisão “ensinar como fazer” determinadas tarefas cotidianas, operações com o próprio corpo, mudanças no cotidiano familiar, entre outras. Publicização e pedagogização midiática relacionam-se desta maneira aos “diversos modos de subjetivação em uma determinada formação social”. (FISCHER, 2002:155)

A sexualidade é entendida como fenômeno histórico que deu bases ao desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos ao englobar mecanismos de reprodução, variantes individuais e sociais, comportamentos e regras normativas apoiadas em diversas instituições (religiosas, pedagógicas, judiciárias e médicas). Estas por sua vez provocaram mudanças no modo pelo qual os indivíduos atribuem valores a suas condutas, deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. (FOUCAULT, 1998:9) A mídia, como aponta Fisher, também se inseriu neste processo de subjetivação dos sujeitos ao fornecer aos indivíduos modos de ser e viver suas sexualidades e gêneros.

## **1.1 Cultura e mídia**

A partir de meados da década de 50, visando à formação de novas gerações de pessoas que fossem mais especializadas e que pudesse contribuir para o crescimento e desenvolvimento das nações, nota-se um gradativo avanço das educações básica, secundária e universitária.

Esta nova geração de jovens mais escolarizados e independentes, além de dominarem com mais facilidade as novas tecnologias também comunicava com mais rapidez suas experiências e ideias uma vez que dispunham de novas redes de relações e novos espaços de socialização - como as universidades - para se encontrarem e organizarem. Contavam também com outro diferencial: o incremento de mulheres que antes se viam reclusas, mas que agora adquiriam novas consciências femininas.

O rádio, a televisão, as revistas e jornais ajudaram a propagar e fortalecer esta nova alternativa cultural contestadora que os analistas sociais denominam de “contracultura”. Com um poder aquisitivo maior, em decorrência da expansão do mercado de trabalho, a indústria cultural voltou suas atenções para este público jovem passando a produzir produtos musicais, fílmicos e literários destinados apenas a ele. Ter uma liberdade pessoal também significava ter liberdade de consumo. Este fator propiciou o surgimento de uma “cultura jovem global” que teria como características os mesmos padrões de consumo, modos de agir e até mesmo de se comunicar.

As culturas jovens dos anos 60 e início dos anos 70, enfrentaram dilemas que envolviam a produção e o consumo de uma cultura engajada que visava revolucionar a sociedade brasileira ao mesmo tempo em que passava a se questionar sobre sua participação na indústria cultural ligada a este modelo de indústria, cultura ligada a um Estado repressor e ao capital estrangeiro. Um período de crise se abate sobre as produções de filmes, peças de teatro, músicas e livros que passam a sofrer com o forte controle e censura estatais. Seus autores e produtores, quando considerados uma ameaça à Ditadura, são colocados na lista de suspeitos do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) (BRANDÃO; DUARTE, 2008:87).

A dura repressão política social promovida pela Ditadura, em especial durante a pós-promulgação do Ato Institucional Cinco (AI-5) em 1968, desarticulou movimentos sociais que anteriormente vinham mobilizando a sociedade por reformas, em especial aqueles ligados à esquerda. Em busca de novas experiências e alternativas de consumo que não aquelas associadas às agências estatais e as grandes empresas privadas, a juventude, principalmente aquela oriunda da classe média urbana, recorreu a correntes culturais contestadoras: “Tratava-se de uma forma de inconformismo diante da repressão e do conservadorismo vigente no país, que desencadeava um fenômeno cultural híbrido e complexo que dominou a produção cultural até meados dos anos 70 [...]” (BRANDÃO; DUARTE, 2008:103). Há, então, uma falta de

credibilidade de uma parcela da juventude do período com o ufanismo de “Brasil Moderno” que vivenciava o chamado “milagre econômico”.

Parte da juventude da classe média urbana passa a adotar esta contracultura que trazia consigo aspectos utópicos oriundos das culturas alternativas cujo lema era “sexo, drogas e *rock’n’roll*”. Também surgiu no Brasil o hibridismo que mesclava elementos da cultura *hippie* com a cultura popular brasileiro (seguindo os passos dos tropicalistas).

Antigos apoiadores do regime também passaram a criticar as condutas administrativas do país. A diminuição dos lucros empresariais e dos investimentos externos, a alta no preço do petróleo, o aumento da inflação, entre outros fatores, fizeram com que o Governo de Ernesto Geisel (1974-1979) enfrentasse uma concisa oposição. Isto fica evidenciado a partir das eleições de 1974, ano em que cresce no congresso o número de deputados do partido oposicionista Movimento Democrático Brasileiro (MDB). As mortes do jornalista Vladimir Herzog e do metalúrgico Manuel Fiel Filho nos porões da Ditadura, as mobilizações populares contra o aparato repressivo estatal, as diversas que se seguiram (principalmente aquelas que ocorreram no ABC Paulista) colaboraram para que o general Ernesto Geisel desse início ao que chamou de “abertura lenta, gradual e segura”. Apesar das medidas tomadas pelo General Geisel, como o fim do AI-5, será no Governo do General João Batista Figueiredo (1979-1985) que o processo de redemocratização será concretizado. Pressões populares levam o Governo Figueiredo a promulgar ainda em 1979 a lei da Anistia Política a todos aqueles que se encontravam presos, exilados ou vinham sendo perseguidos pela Ditadura. O sistema do bi partidarismo com seus dois únicos partidos existentes, o ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB, é extinto e cede espaço a criação de vários partidos, com destaque a força exercida pelo Partido dos Trabalhadores (PT) que conseguiu reunir grande número de partidários oriundos de diversos setores político-sociais do período.

Para alguns especialistas, o Brasil em um intervalo de aproximadamente trinta anos, de 1950 ao final da década de 70, tornou-se uma economia moderna ao incorporar novos padrões de produção e de consumo, que o igualaria aos chamados países desenvolvidos. (MELLO; NOVAIS, 1998:526)

Indústrias como a de base, petroquímica, farmacêutica, automobilística, de alimentos e bens de consumo surgem e expandem-se. Os novos hábitos de vida e consumo passam a ser uma realidade do cotidiano de muitos brasileiros graças aos novos produtos e as novas tecnologias. Já era possível andar em um carro Volkswagen, ouvir a um LP, assistir a um programa na TV, consumir e preparar alimentos industrializados em novas batedeiras,

liquidificadores e fornos, utilizar produtos de higiene e beleza que prometiam em suas propagandas verdadeiros milagres. A comercialização desses produtos industrializados é realizada em novos templos do consumo e lazer como supermercados, shopping centers e lojas de departamento.

O golpe civil-militar de 1964 causou profundas mudanças na sociedade brasileira. Uma vez no poder e visando “modernizar” o Brasil, militares e apoiadores do novo regime trataram de colocar em prática ações que transformariam a política, a economia e a sociedade. Para tanto, pretendiam encaminhar a sociedade brasileira em direção de um modelo de desenvolvimento capitalista bastante específico como aponta Renato Ortiz:

“Tal modelo, geralmente descrito através de seus traços genéricos, concentração de renda, crescimento do parque industrial, criação de um mercado interno que se contrapõe a um mercado exportador, desenvolvimento desigual das regiões, concentração da população em grandes centros urbanos [...]” (ORTIZ, 1994:81)

Assim, durante o pós-golpe consolida-se um novo mercado de consumo, simbólico e material, que colocará para o regime um novo conceito de modelo de integração nacional em torno de uma modernidade que seria capaz de deixar para trás um país “subdesenvolvido” e rural e transformá-lo em um urbanizado, industrializado que acabara de ingressar na Era mais avançada do capitalismo. Ainda segundo Renato Ortiz, a solução encontrada para esta noção de integração nacional foi a trabalhada a partir do pensamento autoritário de um “Estado de Segurança Nacional” que deveria estimular a cultura sob o controle do aparelho estatal: “A noção de integração, trabalhada pelo pensamento autoritário, serve assim de premissa a toda uma política que procura coordenar as diferenças, submetendo-as aos chamados Objetivos Nacionais” (ORTIZ, 1994:82).

Desta maneira, a Ditadura Civil-Militar cria empresas e órgãos estatais responsáveis por diversos setores das diferentes esferas da cultura brasileira, sendo elas: EMBRATEL (1965); Conselho Federal de Cultura e Instituto Nacional de Cinema (1966); Ministério das Comunicações (1967); EMBRAFILME (1969); TELEBRÁS (1972); FUNARTE (1975). Os resultados são notados pelos dados das produções das diferentes áreas culturais: 3.951.584 de periódicos diários e 4.213.802 em 1960 para 1.272.901.104 diários e 149.415.690 não diários; 240 milhões de telespectadores em 1971, o que colocava o Brasil em quinto lugar no ranking mundial; de 50 milhões de espectadores de filmes em 1978. Na década de 70 o mercado brasileiro atingiu proporções internacionais sendo considerado o nono mercado no mundo em

televisão em 1975, o quinto em discos no mesmo ano e em publicidade o sexto em 1976 (ORTIZ, 1994:81).

Para Maria Rita Kehl, este projeto modernizador e de integração nacional pretendia unir as subculturas isoladas e distantes aos grandes centros produtores de cultura através de uma visão clara, ordenada e unificada. Desta forma, todo país partilharia desejos, símbolos e hábitos próprios de uma sociedade de consumo que possibilitariam uma evolução social justa que caminharía do inculto/despossuído ao aculturado/consumidor. (KHEL, 1986:170)

Durante o Governo Geisel, e sob a administração do Ministro da Educação Ney Braga, foi lançado um novo PNC (Plano Nacional de Cultura) que previa uma integração nacional através do desenvolvimento do país:

“A plenitude e a harmonia do desenvolvimento só podem ser atingidas com a elevação da qualidade dos agentes do processo que a integram. Uma pequena elite intelectual política e econômica pode conduzir, durante algum tempo, o processo de desenvolvimento; mas será impossível a permanência prolongada de tal situação. É preciso que todos se beneficiem dos resultados alcançados. E para esse efeito é necessário que todos, igualmente, participem da cultura nacional. Dessa verificação, resulta desde logo, a conclusão de que a Política Nacional de Cultura não se destina a uns poucos brasileiros, mas a todos os brasileiros [...]” (KEHL, 1986:172)

Porém, o plano desenvolvimentista promovido pela Ditadura Civil-Militar previa uma política cultural ligada à política de Segurança Nacional tutelada por um Estado autoritário, que seria responsável pelo apoio e estímulos necessários para o desenvolvimento econômico e cultural da nação. Caberia ao Estado fornecer os incentivos e abrir caminho para que o empresariado nacional fizesse chegar a todo país sua presença através de bens culturais simbólicos que estimulassem na mente de todos os brasileiros um sentimento de pertencimento a nação. O consumo destes bens serviria, então, como cristizador de sonhos e promessas do chamado “milagre econômico brasileiro” promovido pela Ditadura Civil-Militar.

Nota-se, então, que o período da Ditadura Civil-Militar forneceu subsídios para um conciso avanço da produção, distribuição e consumo de bens culturais pela então crescente classe média urbana. Expandem-se, por exemplo, a consolidação e monopolização dos grandes conglomerados dos meios de comunicação de massa como a Rede Globo e Editora Abril (KEHL, 1986:83).

Rádio, mídia impressa e televisão modernizam-se progressivamente adotando novas posturas e técnicas que visavam a uma melhor eficiência tanto da produção quanto do consumo. Autores como João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais acreditam que a

tecnização e a expansão da indústria cultural brasileira deu-se num momento em que houve grandes influências estadunidenses nas lógicas da produção midiática:

“a americanização da publicidade brasileira tem um papel fundamental na difusão dos padrões de consumo moderno e dos novos estilos de vida. Destrói rapidamente o valor de vida sóbria e sem ostentação. Numa sociedade em que a grande maioria é construída de pobres, passa a fabricar interruptamente falsas necessidades, promove uma corrida ao consumo que não acaba nunca, mantém o consumidor perpetuamente insatisfeito, intranquilo, ansioso.” (MELLO; NOVAS, 1998:639)

Foca-se, agora, em produtos voltados a uma variedade de consumidores. As novas técnicas publicitárias separam seus anunciantes e consumidores em grupos classificados conforme seus interesses. As mídias impressas criam produtos destinados aos mais “bem informados”, às mulheres, aos homens, às crianças, aos jovens, aos amantes de automóveis, aos homens de negócios, etc.<sup>7</sup> São feitas pesquisas e são abertos canais de diálogos que possibilitam conhecer melhor esse público, levantando dados que permitiam a elaboração de novas publicações voltadas a um nicho de mercado e também mensurar sua aceitação promovendo com isso a adequação de seus produtos.<sup>8</sup>

A partir de meados do século XX cresce no Brasil a variedade de um produto que atraia a atenção dos consumidores brasileiros graças a novas técnicas de produção que envolvia grandes reportagens, ilustrações e fotografias: as revistas de variedades.

Um dos fenômenos do segmento foi a revista O Cruzeiro de Assis Chateaubriand. Lançada em 1928, a revista trazia temas e reportagens que abordavam uma gama variada de assuntos internacionais e nacionais. Entre suas seções encontravam-se as de: culinária, moda, literatura, política, humor, colunas sociais e aquelas destinadas ao público feminino. Com objetivo de informar e entreter, o público alvo da revista eram os leitores médios de ambos os sexos, não importando sua idade.

Fenômeno de vendas de anúncios, Assis Chateaubriand fez levar seu produto a muitas regiões do país tendo muitos de seus exemplares esgotados nas bancas. Na década de 1950, O Cruzeiro chegou a uma tiragem de 700 mil exemplares por semana. (BAPTISTA; ABREU, 2010: 5)

---

<sup>7</sup> Entre as revistas que surgem nesse novo modelo de segmentarização destacam-se, por exemplo: as informações Realidade, Veja, Isto é; as revistas de Histórias em Quadrinhos (HQ's) nacionais como o Pererê, de Ziraldo, e Mônica, Cebolinha e Cascão, de Maurício de Souza; especializadas em decoração como Arquitetura e Construção, Casa Cláudia, Casa e Jardim; em moda como a Manequim; as direcionadas ao público masculino Quatro Rodas, Duas Rodas, Modern Man, Man's Pleasure, Placar; as de conteúdo erótico Playboy, Fairplay, Sexy, Status.

<sup>8</sup> Nessa perspectiva, para João Manuel e Fernando Novais há uma verdadeira burocratização dos jornalistas que se convertem em profissionais da informação especializada em determinados assuntos.

Para fazer concorrência à revista O Cruzeiro na produção de grandes reportagens, é lançada na década de 1940 a revista Diretrizes pelo jornalista Samuel Weiner. De produção mensal, Diretrizes foi uma revista importante para o período por não se submeter facilmente a Ditadura Vargas e por dirigir-se a um público mais crítico e politizado. Entre seus colunistas estavam, por exemplo, o Jorge Amado, Álvaro Moreyra, Rubem Braga e Joel Silveira.

Buscando adentrar o mesmo mercado das revistas O Cruzeiro e Diretrizes, a Editora Bloch lança no mercado a revista Manchete em 1952. Entretanto, diferente de ambas de suas concorrentes a revista Manchete dava mais ênfase aos recursos fotográficos e ilustrativos. Era comum a revista trazer pequenas reportagens que abordavam as peculiaridades e amenidades da sociedade brasileira junto a variadas fotografias e ilustrações, tornando-se assim um veículo de comunicação e não um veículo jornalístico.

As publicações de O Cruzeiro e Diretrizes se aproximavam pelo fato de optarem por uma linha jornalística que mesclava reportagens críticas as consideradas sensacionalistas. Para José Faro, a imprensa do momento representava bem esta característica em prestação de informação já que traziam “o profissionalismo do ofício de reportar e as demandas culturais que formavam o universo simbólico do público. Trata-se da confluência de duas linhas de análise fundamentais.” (FARO, 1999:65)

Todavia, com uma proposta diferenciada que intencionava corresponder às novas demandas sociais dos anos 60 marcadas, entre outras, pelas discussões que envolviam a “Revolução Sexual” e as críticas a moral e bons costumes, chega às bancas em 1966 a revista Realidade da Editora Abril.<sup>9</sup>

Destinada a uma classe média urbana mais crítica, a Editora Abril pretendia inovar a imprensa brasileira da época ao trazer um produto mensal com um novo fazer jornalístico além de novos temas e abordagens. Realidade tinha como uma de suas principais características um tempo acima da média para a época para a elaboração de suas reportagens, seus repórteres podiam desenvolver livremente seu trabalho com um tempo variado entre uma semana a até meses. Outra característica da revista era a utilização do chamado *New Journalism*, ou “Jornalismo Literário”, que libertava a escrita jornalística tornando-a semelhante à narrativa de um texto literário.

---

<sup>9</sup> Pesquisadores destacam que o sexo apareceu de forma lenta e gradual na mídia brasileira devido à censura governamental e até mesmo a censura interna dos editoriais que introduziam o assunto de maneira gradativa: “Não se podia, por exemplo, nomear as partes do aparelho genital feminino, mesmo pelos nomes científicos; só era possível descrevê-la. Havia problemas para publicar desenhos, ainda que esquemáticos; fotos eram praticamente proibidas.” (BUITONI, 1986: 66)

Ao trazer recursos do realismo a Realidade buscou aproximar ao máximo o leitor a uma história real. Recursos fotográficos registravam pessoas sob novos ângulos e focos, tornando as cenas registradas as mais reais possíveis. Segundo o levantamento de Talita Godoy, tais recursos e estratégias permitiam aos repórteres prender à atenção do leitor: “Algumas informações, se colocadas de forma pura e simples, logo fariam o leitor desistir antes do final. A estratégia era permitir ao repórter descrever e dissolver tais informações ao logo do texto, entre detalhes que enriqueciam o texto [...]” (GODOY, 2013:24)

Outro fator diferencial eram os assuntos abordados pela revista. Temas referentes à cultura, sociedade, comportamento, sexualidade, religião, política, assuntos internacionais e até mesmo alguns tidos como tabus estimulavam o leitor a uma reflexão nada comum para período. (GODOY, 2013:42)

Para pesquisadores como José Faro, a Realidade trazia em suas páginas aquilo que jornalistas atentos e sensíveis às necessidades da época captavam num contexto de inquietação social que levantava questionamentos e que mobilizava politicamente uma geração de brasileiros de classe média. Não podemos esquecer o fato de que a revista foi produzida em um momento histórico específico em que ocorriam profundas mudanças econômico-sociais pós Golpe de 1964.

As mulheres brasileiras também configuravam tema importante em seu editorial tendo uma edição especial inteira dedicada às elas em 1967. Na apresentação desta edição, o diretor da revista, Roberto Civita, esclarecia sobre os dados coletados:

"uma grande pesquisa nacional. Entrevistamos 1.200 mulheres de todos os tipos, idades e mentalidades, de Pernambuco ao Rio Grande do Sul. Tabulamos mais de 100 mil respostas [...] o maior estudo do gênero jamais realizado no Brasil." (FARO, 1999:108)<sup>10</sup>

Realidade abordou diversos temas referentes ao gênero feminino nesta edição especial, inclusive os considerados mais polêmicos: política, moral religião, casamento, família, esportes, lazer e sexo eram alguns deles.

“As matérias que se seguiam discutiam a questão da superioridade entre os sexos, faziam a radiografia da estrutura física da mulher e de todo o aparelho reprodutor feminino, traçavam o perfil de religiosas envolvidas com questões sociais, abordavam em fotos e textos o momento do parto, traçavam ainda o perfil de Ítala Nandi, apresentada como uma mulher livre e independente, carregada de convicções perturbadoras sobre os padrões conservadores, discutiam questões de ordem sentimental, analisavam a personalidade e o trabalho de uma mãe de Santo,

---

<sup>10</sup> “A mulher brasileira, hoje.” Realidade. janeiro de 1967. Edição especial. apud. ( FARO, 1999:108).

dissecavam histórias de casamentos desfeitos, o perfil de uma empresária, de uma mãe solteira que se proclamava orgulhosa disso e ainda questionavam, na última página, se a mulher devia ou não ser "virgem ao casar." (FARO, 1999:109)

Em sua tese de doutorado o pesquisador José Faro analisa os dados coletados pelo INESE (Instituto de Estudos Sociais e Econômicos) em uma pesquisa solicitada pela Editora Abril. O intuito da pesquisa era delimitar o público em potencial e suas expectativas de consumo quanto a suas publicações. Para isso foi elaborada uma edição número zero, de uma possível revista mensal, com algumas reportagens e assuntos pré-determinados e selecionados pelos seus idealizadores. Assuntos eram separados por categorias como “favoritos”, “apreciados”, “sexo do leitor” e os de “reduzido interesse”. O resultado desta foi a seguinte ordem de preferência dos leitores: ciência, grandes problemas brasileiros e os assuntos relativos ao sexo e à educação sexual. (FARO, 1999: 92) Ainda segundo o INESE, independentemente do sexo do leitor, os temas relativos à Ciência, ao sexo, às questões nacionais, à economia, à religião, às artes, aos problemas brasileiros estavam entre os mais importantes. Nota-se que a temática sexual é assunto recorrente na preferência do público da classe média urbana selecionada pela a revista.

A primeira reportagem de impacto contendo a temática sexual da Editora Abril foi à pesquisa realizada em 1966 pela revista Realidade. Feita para traçar "o retrato autêntico do que rapazes e moças, do Rio e de São Paulo, conhecem, falam e fazem a respeito dos problemas sexuais". Para a pesquisa foram coletadas 116 mil respostas e referiam-se a uma amostragem de mil jovens, entre 18 e 21 anos, alunos de cursos preparatórios para os vestibulares, divididos igualmente entre homens e mulheres das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Todos os resultados não chegaram a ser publicados, pois a revista foi advertida pelo Juizado de Menores de Guanabara que considerou o conteúdo “obsceno e chocante”. Para o pesquisador Rodrigo Faro pesquisas como esta demonstravam que: “Assuntos como educação sexual, relações sexuais, namoro, dissolução do casamento, mostravam uma juventude que oscilava entre a reprodução do conservadorismo e o rompimento em direção àquilo que a revista identificava como uma "nova moral".” (FARO, 1999: 99)

A temática da educação sexual só voltou às páginas da Realidade em 1968 através do artigo de José Carlos Marão, que analisou os resultados de outra pesquisa feita com base em 17 perguntas dirigidas e uma amostragem de 2.400 pessoas (em sua maioria residentes dos estados de São Paulo e Rio Janeiro):

“O resultado, levando em conta os aspectos relacionados com os valores da família, comprovavam que a rigidez conservadora e o caráter acanhado que o debate em torno do assunto tinha, cediam espaço para uma visão que progressivamente se abria para uma postura liberal e anti-convencional. Para os entrevistados, a educação sexual tornava as pessoas mais felizes (99%), era um assunto "importante e agradável" (81%), devia ser oferecida predominantemente na infância (75%) e na adolescência (23%), envolvia principalmente pais (95%) e professores (86%), devia estar presente nas escolas (95%) desde o curso primário (71%), deveria ser dada igualmente a pessoas de ambos os sexos (98%), incluindo o conhecimento sobre o uso de anticoncepcionais (89%).” (FARO, 1999: 100)

Para José C. Faro, o assunto sexo presente na revista Realidade ia além dessa dimensão educacional, pois já reunia elementos informativos e polêmicos em torno do comportamento: “Essa dupla dimensão esteve presente em outras edições da revista, seja pelo viés da abordagem indireta nas questões relativas à família, à mulher, ao jovem, seja pela abordagem direta de assuntos vinculados ao comportamento sexual.” (FARO, 1999: 104)

A revista ainda causou discussões ao trazer uma reportagem com uma sequencia de fotografias que retratavam um parto natural com o seguinte título “Quieta! Não grite! Isso só atrapalha”. Realidade buscou, desta maneira, trabalhar com temáticas consideradas espinhosas, optando por enfrentar o conservadorismo da sociedade brasileira. Por esta edição (e por outras que se seguiram), a revista foi censurada pelo Juizado de Menores que considerou seu conteúdo “abusivo”, “obsceno” e até mesmo “ofensivo à dignidade e à honra da mulher.” (GODOY, 2013: 50)

Lançada após a homologação AI-5, a revista *Êle&Ela* da Editora Bloch foi idealizada e editada pelo jornalista Carlos Heitor Cony, para ser uma revista que abordasse o envolvimento entre homens e mulheres. Em sua primeira edição tal proposta ficava evidente não só pelo seu slogan “Êle&Ela uma revista para ler a dois” mas também nas chamadas de suas reportagens: “É hora de aprender: Tudo sobre o corpo da mulher; Brasil 1969: O casamento ainda se usa; Um caderno fechado: Dicionário de Educação Sexual”. A revista ainda afirmava: “Ninguém jamais conseguirá ler tudo o que se escreveu sobre sexo. Mas é possível conhecer o essencial. Dicionário de Educação Sexual - supervisão científica do Prof. Nelson Sant’Anna”. (COSTA, 2006: 04)

Neckel, destaca o lançamento de uma revista como *Êle&Ela* corrobora para a ideia de que a sexualidade foi distanciando-se da intenção “reprodutiva” para focar-se na “fisiologia do prazer”, ou seja, agora o importante para homens e mulheres era alcançar de forma satisfatória a plenitude de sua sexualidade:

“A sexualidade é, cada vez mais, dissociada das relações sexuais ligadas à procriação e à família, abrindo um espaço cada vez maior ao controle da reprodução pelos métodos anticoncepcionais. Aos métodos tradicionais de evitar a gravidez, como o coito interrompido, foram acrescidas possibilidades mais modernas, tal como a pílula anticoncepcional.” (NECKEL, 2007: 319)

Contudo, a historiadora observa que apesar de abordarem a “revolução sexual”, a mídia impressa estava, em grande parte de seus artigos, atrelada à manutenção do casamento. Contraditória, defendia a necessidade das transformações “modernas” como as experiências pré-matrimoniais, e a permanência de determinados comportamentos como a virgindade. (NECKEL, 2007: 321)

Diferentes autoridades continuavam a produzir discursos sobre o sexo que, com o passar do tempo, ganhava novos aspectos e interpretações. O orgasmo ganha a centralidade da sexualidade de homens e mulheres que, ao mesmo tempo prezam pelo prazer, não deixam de se preocupar com fatores financeiros com um possível aumento da família. Tais preocupações quanto aos prazeres, reprodução e manutenção do casamento apareciam na sociedade brasileira em publicações médicas há décadas.<sup>11</sup>

Focada no público feminino, a chamada imprensa feminina também corroborou na construção de novas identidades e sexualidades das mulheres brasileiras a disponibilizar diversos discursos as auxiliariam em experiências cotidianas na modernidade.

## 1.2 Imprensa feminina

Tendo em vista a importância das mulheres nesta nova lógica de segmentação de público, abriu-se caminho para uma renovação da imprensa feminina,<sup>12</sup> possibilitando o surgimento de novos produtos editoriais destinados ao público feminino.<sup>13</sup> Segundo a antropóloga Miriam Goldenberg, tal mudança e foco especial no público feminino devem-se:

---

<sup>11</sup> Ver: (RAGO, 1995)

<sup>12</sup> Dulcília Buitoni esclarece que o termo imprensa feminina denomina “aquela dirigida e pensada para as mulheres. A feminista, embora se dirija ao mesmo público, se distingue pelo fato de defender causas.” (BUITONI, 1986: 16)

<sup>13</sup> Segundo Buitoni a chamada “imprensa feminina” surgiu no Brasil no início do século XIX com o aparecimento de publicações que contemplavam o público feminino, sendo as primeiras: Espelho Diamantino em 1827, A Fluminense Exaltada, em 1832, A Marmota em 1849. Ainda durante o século XIX a “imprensa feminina” ganha aspectos de um folhetim que misturava moda e literatura dando a este gênero aspectos de romances seriados e com isto uma nova característica de ficção e autonomia que ultrapassavam os espaços de variedades de um jornal. Destacam-se com estas características as publicações O Lírio, A Violeta, A Borboleta, O Beija-Flor, A Esmeralda, A Grinalda, O Espelho que transmitiam a imagem de uma mulher doméstica característica do período. (BUITONI, 1986: 41). Para a pesquisadora Adriana Braga o caráter noticioso da imprensa feminina no Brasil surge apenas no século XX com a publicação da A Revista da Semana em 1901 na cidade do Rio de Janeiro. A revista além de trazer o marco da inauguração da fotografia trazia também a diversas ilustrações mescladas aos assuntos abordados em suas páginas. Já a Revista Feminina, lançada em 1914 por Virgínia de Souza Salles, foi a maior revista brasileira de até então. Com uma tiragem em torno de 15 mil

“a necessidade econômica; ao aumento nas expectativas de consumo; as mudanças econômicas e a abertura de novos empregos; aos movimentos feministas dos centros estrangeiros; a queda da natalidade; ao aumento dos níveis de escolaridade, colocando as mulheres nas universidades.”

(GOLDENBERG, 2000: 108 apud LIMA, 2003: 3)

Porém, destaca Buitoni, os folhetins femininos abordavam apenas assuntos relacionados à moda, arte, literatura e variedades que reforçavam a imagem doméstica das mulheres. (BUITONI, 1990:41) São retratadas nas páginas das revistas femininas conteúdos que ora mantinham as mulheres presas ao âmbito doméstico do lar, com assuntos relacionados ao trato do marido e filhos, culinária, decoração, beleza, etc. ora preconizavam uma mulher que aos poucos assume novos papéis, conquista novos postos de trabalho e que pressiona a sociedade por direitos considerados como básicos (o divórcio e a escolha de gerar ou não uma criança através de métodos contraceptivos são alguns deles):

“A presença de matérias que tinham como tema a insatisfação das mulheres e que valorizavam a emancipação feminina estavam não apenas em consonância com o contexto vivido na época, mas também funcionava como uma estratégia na conquista de leitoras. Histórias de mulheres insatisfeitas com seu exclusivo papel como donas-de-casa e que quebraram barreiras assumindo funções antes desempenhadas apenas por homens, traziam a ideia de um novo modelo de mulher, aquela que deixa de ser a “rainha do lar” e que passa a ser uma mulher realizada consigo mesma, independente.” (MIGUEL, 2012:29)

Um das estratégias desenvolvidas pela imprensa feminina para atingir seu público foi recorrer aos sentimentos. Para esta mídia, o sentimento desenvolve uma função psicoterápica. Seções de aconselhamentos, artigos psicológicos, fotonovelas e contos românticos buscam ao mesmo tempo aliviar e confortar suas leitoras. Além disso, recorrem a uma linguagem coloquial que busca aproximar a revista da relação entre mulheres amigas e companheiras confidentes. (BUITONI, 1990:41)

Para Edgar Morin, a informação romanceada apela para os processos de projeção-identificação, e assim intervém em todas as relações humanas, desde que estas sejam “coloridas” de afetividade: “nós nos projetamos e nós nos identificamos em nossas amigas, nossos amores, nossas admirações, nossos ódios, nossas cóleras, etc.” (MORIN, 1977:101)

Outra característica das revistas femininas é o chamado “jornalismo de serviço”. Focadas no cotidiano, multiplicam-se seções que informam e tiram dúvidas diversas de suas

---

exemplares de 90 páginas (considerados significativos para a época) a revista contava ação comercial que unia assinaturas e vendas de produtos fabricados pela Empresa Feminina Brasileira. Já seus conteúdos buscavam orientar as mulheres brasileiras a serem boas esposas e mães. (BRAGA, 2003:8) .

leitoras. São consideradas de utilidade já que visam à possibilidade de realização imediata, poupando o trabalho de pesquisa de suas leitoras:

“Além das tradicionais [seções] – consultório sentimental, de beleza, médico, jurídico – acrescentam-se inúmeras especialidades [...] Assim, temos respostas sobre homeopáticas, acupuntura, regime, velhice, jardinagem, tratamento de animais domésticos, astrologia, informática, etc.” (BUIIONI, 1990:26)

Para aumentar a credibilidade e o prestígio junto ao público, quanto aos “serviços” prestados, os editoriais das variadas revistas contavam muitas vezes com colaboradores especializados e renomados em diversas áreas e assuntos.

Uma das precursoras dessa renovação da imprensa feminina foi a revista *Capricho*. Lançada em 1956 pela Editora Abril como uma revista de fotonovela quinzenal, a *Capricho* ganha espaço no mercado editorial brasileiro alcançando até o final da década de 50 uma tiragem de cerca de 500 mil exemplares – além de ser considerada como a maior do segmento de toda a América Latina é considerada também como a primeira da grande imprensa brasileira (GURGEL, 2013). Nesse período com propagandas de eletrodomésticos, utensílios para o lar e com produtos destinados a bebês (como pomadas, talcos e fraldas) a publicidade contida na revista foca-se nas donas de casa e nas jovens aspirantes ao casamento (MIGUEL, 2012:20). Porém, já em meados da década de 60, nota-se uma mudança em suas capas e nos conteúdos que gradativamente buscam conciliar a imagem da dona de casa brasileira com a de uma nova mulher aspirante aos novos padrões sociais de autonomia. Agora surgem nas páginas da revista, modelos e atrizes com cabelos soltos ou com penteados que dão certo ar de leveza e mais naturalidade.<sup>14</sup> A maquiagem – como a utilização de rímel e delineador nos olhos – tornam essas mulheres mais sedutoras e modernas. Ao final dos anos 60 entram em foco novos ídolos e assuntos polêmicos tais como as matérias com as atrizes Leila Diniz e Kim Novak, que afirmavam não precisar de homens em suas vidas ou ainda que julgavam imoral uma mulher depender unicamente de seu marido.

Outra revista da Editora Abril destinada ao público feminino foi *Claudia*. Lançada em 1961 com tiragens mensais, *Claudia* dirigia-se às donas de casa de classe média urbana

---

<sup>14</sup>As transformações nos padrões comportamentais femininos já haviam surgido na mídia impressa brasileira nos anos 40 com o surgimento da coluna “As Garotas do Alceu” publicada na revista *O Cruzeiro*. O artista plástico Alceu Penna (1915-1980) buscou retratar através da cultura “pin-up” uma nova geração de mulheres que ao mesmo tempo em que estavam inseridas num contexto no qual ser uma boa mãe e esposa era o esperado também revolucionavam ao substituírem “o recato pela ousadia, namorando vários rapazes, praticando esportes e mostrando a beleza de seus corpos em público” evidenciando assim as implícitas e intensas contradições e transformações da sociedade brasileira. Para saber mais, ver: (PENNA, 2007)

preocupadas com a aparência, casa, filhos e maridos. Trazia seções de dicas culinárias, moda, beleza, literatura além dos conselhos da psicanalista e feminista Carmem da Silva.

Como as demais revistas destinadas ao público feminino do período, o editorial de Claudia não trazia discursos politizantes ou que ainda indicassem um novo padrão de mulher. Seu slogan “Uma revista para a Mulher Moderna” se adequava mais aos incentivos de consumo presentes na publicidade em suas páginas que idealizavam uma mulher mais preparada e equipada para desenvolver suas tarefas cotidianas com o auxílio de eletrodomésticos e produtos anunciados pela crescente indústria nacional. Porém, as seções assinadas por Carmem Silva rompiam com este paradigma. A psicanalista não se enquadrava na lógica alienante presente no mercado editorial da época. Em seu artigo inaugural na revista Claudia, Carmem da Silva convidava suas leitoras a serem “protagonistas em de suas vidas”:

“Muitas mulheres se casam esperando que o amor lhes dê felicidade; trabalham pensando que um emprego lhes dará independência, ou estudam com o objetivo de que uma carreira lhes dê prestígio. Nos três casos, partem de premissas errôneas: a felicidade, a independência, o prestígio e os demais bens da vida não são outorgados a ninguém em bandeja de prata. O amor de outrem, o trabalho e a carreira em si não dão nada; constituem apenas instrumentos que nos ajudam a construir o que desejamos. A palavra construir sugere a ideia de tarefa, de esforço consciente e intencional, nada mais oposto à atitude passiva e estéril de esperar que as coisas fundamentais nos chovam do céu” (SILVIA, 1963: 108)

Carmem da Silva contribuiu na propagação e na construção de um novo papel do gênero feminino, mais autônomo e seguro de si. Também defendia a ideia de que as mulheres deveriam se integrar melhor com a sociedade bem como se relacionarem com os homens. Com isso, poderiam adquirir a autonomia e deixar de viver sob a tutela de seus maridos. Casamento, infidelidade, divórcio, aborto, maternidade, orgasmo eram temas recorrentes em suas reportagens. Para muitas leitoras, entrar em contato com suas palavras era o mesmo que entrar em contato com as discussões em pauta na época e com isso tornar possível uma aproximação com os “tempos modernos”.

Para Buitoni “Claudia é uma revista que procura adequar-se às exigências do mercado” já que de tempos em tempos publicava reportagens polêmicas e temas que provocavam discussões mais “intelectualizadas”. Porém, seu foco continuava sendo o universo doméstico feminino (BUITONI, 1990:50).

Nota-se então que as revistas femininas desenvolveram um papel importante para a sociedade brasileira, pois muito além de reforçarem estigmas sociais em relação às mulheres

também ajudaram na difusão de novos padrões sociais que aos poucos iam se estabelecendo e mudando as lógicas e estruturas sociais vigentes.

Com uma proposta diferenciada para a imprensa feminina da época *Nova*, é lançada em 1973 também pela Editora Abril, como a versão nacional da revista estadunidense *Cosmopolitan* que além do Brasil mantinha ao redor do mundo outras revistas destinadas às mulheres. Adaptada ao gosto das brasileiras, *Nova* veio na contramão de suas irmãs ao focar a mulher solteira, que segundo Ana Lucia de Castro, engloba temas “ligados ao comportamento e relacionamento pessoal/amoroso/profissional” (CASTRO, 1995: 7). Ainda que a *Capricho* e a *Claudia* trabalhassem também com os mesmo temas femininos, o foco ainda eram as donas de casa. A revista *Nova*, por sua vez, direcionava-se às mulheres solteiras e autônomas, preocupadas com suas carreiras e que estão em busca de bons parceiros, um maior autoconhecimento, além do equilíbrio emocional.<sup>15</sup> Desta maneira, seu editorial trouxe temas que abordassem a liberação sexual, independência financeira além da sexualidade feminina. Segundo as pesquisadoras Nírcia Teixeira e Maristela Borges uma das formulas da *Cosmopolitan* foi:

“tratar a mulher como indivíduo, sendo que as outras publicações a colocavam sempre como dona de casa e esposa. Ela, também, mostrou que os interesses e preocupações das mulheres em todas as partes do mundo são parecidos, prova disso foi que a revista espalhou-se por diversos países” (BORGES; VALÉRIO, 2008: web)

Todavia, mesmo inovando com seus discursos e abordagens acerca do universo feminino, a revista *Nova* pouco difere de publicações outras que veicularam a imagem da mulher vivendo e atuando em função do homem. A mensagem implícita nas páginas da revista *Nova*, segundo o pesquisador Cássio Miranda, é de que as mulheres devem agradar aos homens. (MIRANDA, 2006: 79)

Também focando no mercado de revistas femininas, a Rio Gráfica Editora pública em 1971 a revista *Você, Mulher*. Pouco lembrada nas pesquisas sobre imprensa feminina, *Você, Mulher* foi uma revista especializada em comportamento tendo como público-alvo as mulheres e o trabalho não doméstico (o que a tornaria uma revista de vanguarda quanto a essa segmentação de público-alvo, antes mesmo da *Nova*). Em uma pesquisa inédita, Luisa Guimarães Lima mostra como a revista inovou ao trazer – além das tradicionais seções de

---

<sup>15</sup> Para Ana Lúcia de Castro tais temáticas estavam presentes em diversas outras revistas publicadas ao redor do mundo. Exploram o que chama de “*biopscultural*” do ser mulher, porém resgatando particularidades locais. Com isso, o mercado editorial volta-se para a vida de leitoras que, embora vivam em locais distintos, compartilham uma inserção social similar. (CASTRO, 1995).

moda, beleza, decoração, culinária, contos literários – temas que ganhavam cada vez mais espaço entre as mulheres que não eram necessariamente casadas e que pertenciam à classe média urbana: “Eu estudo e trabalho”, “Quanto vale uma esposa”, “E quando seu chefe está de mau-humor”, “Quando a mulher é quem manda”, “O adorável exército das mulheres”, “Quanto custa um bebê?”, “Ah, cansei, quero trabalhar”.

Entretanto, para Luisa Lima, as reportagens que abordavam o tema trabalho não defendiam a emancipação das mulheres, como aquele defendido pelas feministas: “Ele é tratado como uma escolha pessoal, que tem a ver com temperamento e vontade da mulher. E mais, seria um elemento que garantiria maior proximidade para com os maridos e felicidade no casamento” (LIMA, 2003: 9). Nesse sentido, a pesquisadora chega à conclusão que em Você, Mulher o trabalho feminino estaria inserido no ciclo de mudanças ocorrido na modernização do discurso sobre feminino no século XX.

### **1.3 Uma televisão mais feminina**

A televisão chega ao Brasil nos anos 50 através do empreendedor e empresário das comunicações de então, Assis Chateaubriand. Proprietário de uma cadeia de jornais, revistas e rádios conhecida por Diários Associados, Chateaubriand inaugura a pioneira TV Tupi em 18 de setembro de 1950. Destacando o caráter nacionalista da primeira emissora de televisão nacional, o logo da TV Tupi era um nativo indígena brasileiro que ao invés de trazer um cocar em sua cabeça trazia um par de antenas.

Durante a cerimônia de inauguração Assis Chateaubriand – além de destacar a importância das contribuições e investimentos das empresas Companhia Antarctica Paulista, o grupo Sul América Seguros, o Moinho Santista e a Organização Francisco Pignatari, fabricante da Prata Wolff em seu novo empreendimento - afirma que uma das finalidades da televisão seria a de ser uma “máquina” que diminuía distâncias e possibilitava a exacerbação da imaginação fantasiosa de um mundo provável e possível: “Uma máquina que dá asas à fantasia mais caprichosa” e capaz de “juntar os grupos humanos mais afastados”. (BARBOSA, 2010:19)

Os primeiros anos da TV Tupi são marcados pelos altos custos dos equipamentos importantes, pela falta de estrutura e pela limitação da transmissão de suas imagens. Os aparelhos receptores eram considerados artigos de luxo devido ao seu valor e por ainda configurarem uma nova linguagem para os brasileiros. Todavia, nota-se uma expansão da televisão pelo país ainda na década de 1950 com o estabelecimento da TV Tupi e suas

difusoras em São Paulo e no Rio Janeiro além do lançamento da TV Record de São Paulo e da TV Jornal do Comércio de Recife.<sup>16</sup>

Aos poucos os receptores televisivos tornaram-se objeto de desejo de muitos brasileiros. Em poucas décadas para as famílias de baixa renda o consumo deste produto viria antes de outros como geladeiras ou máquinas de lavar. (HAMBURGER, 2011:64) Em 1952 o Brasil somava nada mais que cerca de 11 mil aparelhos receptores. Este número subiria para 1,8 milhões em 1964 e saltaria para 15 milhões em 1978. Já em 1987 a quantidade mais do sobrou, chegando a 31 milhões de aparelhos.

Tal fato deve-se aos incentivos concedidos pelo Estado à mídia televisiva, tendo como interesse a consolidação de uma política de integração nacional e de modernização do país. A Ditadura Civil-Militar considerava a televisão um meio de comunicação que seria capaz de falar a segmentos distintos da nação:

“Longe de promover interpretações consensuais, ela fornece um repertório comum por meio dos quais pessoas de classes sociais, gerações, sexo e regiões diferentes se posicionam, se situam umas em relação às outras. Ao tornar repertório comum e acessível a cidadãos os mais diversos, a TV sinaliza a possibilidade, ainda que sempre adiada, da integração plena” (HAMBURGER, 1998: 442)

Seguindo esta lógica, a EMBRATEL desenvolve políticas nacionais que fomentaram a criação de uma infraestrutura necessária para implementação e propagação da televisão pelo território nacional. Satélites e antenas, incentivos fiscais, promulgação de leis e concessões foram cedidos à iniciativa privada que dispunha de capital suficiente para investir no setor.

“Ao mesmo tempo em que investiram pesadamente no setor de telecomunicações, os militares promulgam leis e decretos através dos quais favoreceram o investimento privado. Em 1968, por exemplo, foi emitido o Decreto-lei nº486, que isentava das taxas de importação equipamentos, partes e peças de reposição para instalação e manutenção das estações de rádio e TV, com apenas uma condição: que fossem importadas direta e exclusivamente pelos benefícios da concessão” (JAMBEIRO, 2002: 80)

Por fazerem parte desta “política nacionalista de integração nacional” e também por estarem sob controle de um Estado Autoritário, as pautas de transmissão davam preferência a

---

<sup>16</sup> Entre 1955 e 1961 são inauguradas no Brasil: TV Itacolomi de Belo Horizonte (1955); TV Piratini de Porto Alegre (1959); TV Cultura de São Paulo (1959); TV Itapoan de Salvador (1960); TV Brasília (1960); TV Rádio Clube de Recife (1960); TV Paraná (1960); TV Ceará (1960); TV Goiânia (1960); TV Mariano Procópio de Juiz de Fora (1960); Tupi-Difusora de São José do Rio Preto (1960); TV Vitória (1961); TV Coroados de Londrina (1961); TV Borborema de Campina Grande (1961); TV Alterosa de Belo Horizonte (1961); TV Baré de Manaus (1961); TV Uberaba (1961); TV Florianópolis (1961); TV Aracaju (1961); TV Campo Grande (1961); TV Corumbá (1961). (JAMBEIRO, 2002: 21)

eventos oficiais e lugares institucionais que excluía a pobreza e a miséria da nação. Programas de auditório “serviam como vitrine aos comerciais e merchandising que divulgavam os novos produtos da indústria nacional.” (HAMBURGER, 2011: 66) Distribuía milhões em prêmios como geladeiras, fogões, aparelhos de TV entre outros bens de consumo durável.

Até 1969 as transmissões televisivas eram locais e concentravam-se apenas nas grandes capitais. Neste mesmo ano, o Brasil filia-se à empresa fornecedora de serviços de comunicações via satélite, a Intelsat. Com utilização do vídeo tape, programas sofriam uma variação de horário e até mesmo dias em suas transmissões em decorrência do tempo que se levava para transportá-los de um local a outro. Porém, a partir de 1974 a Ditadura Civil-Militar brasileira, via EMBRATEL e Intelsat, inaugura um sistema doméstico de telecomunicações visando integrar regiões mais distantes dos grandes centros urbanos permitindo, assim, um crescimento dos negócios além da distribuição de um entretenimento “saúdável”.<sup>17</sup> Este período também é marcado por uma produção televisiva e publicitária nos dois maiores centros urbanos no país: São Paulo e Rio de Janeiro. É a partir dos padrões sociais, econômicos e culturais dessas duas cidades que teremos uma padronização homogênea da programação televisiva para as massas brasileiras. (JAMBEIRO, 2002: 90-91)

Após a criação da Rede Globo de Televisão em 1965, pelo jornalista Roberto Marinho, os Governos Civis Militares ganharam um aliado importante no meio televisivo. Com seu alinhamento político e ideológico ao Regime, a Rede Globo era a única a dispor de capital o suficiente para expandir-se pelo Brasil e para investir em novas tecnologias. Soma-se a isso o fato de que a emissora importou dos EUA, entre as décadas de 60 e 70, uma nova maneira de fazer televisão. Através do acordo assinado com o grupo estadunidense *Time-Life*, de 1962 a 1968, a Rede Globo contará com a assistência técnica:

---

<sup>17</sup> Pesquisas tendem a ter um consenso quanto à relação estabelecida entre as iniciativas privadas e Ditadura Civil Militar brasileira. Através de órgãos reguladores e da Lei de Segurança Nacional (principalmente entre os anos de 1968 e 1979) as telecomunicações brasileiras sofreram um controle formal e informal a risca em sua produção. Caso não houvesse uma programação que exaltasse sentimentos cívicos nacionalistas e os valores morais e de “bons costumes” idealizados pelos militares ou que ainda entrassem em desacordo com as políticas civil militares, programas, telejornais, novelas, etc. poderiam ser censurados e retirados do ar sem avisos prévios. Entretanto, a televisão – Rede Globo – soube como entrar em acordo com as autoridades e o seu público, produzindo conteúdos pró-governo e conteúdos que se adequassem às aspirações dos brasileiros quanto aos novos padrões sociais. Eugenio Bucci ressalta que na televisão brasileira havia uma constante necessidade de transgredir os próprios limites, ou seja, buscava abordar temáticas consideradas tabus e modernas demais. Para o autor, a TV sempre busca ir além das preferências e limites estabelecidos por ela mesma e com isso mudar de opinião em muitas ocasiões, chegando a negar afirmações antigas. Devido a este fator de mobilidade, a TV conquista os mais jovens e, ainda em que fascina, choca os mais velhos. Esta relação dialética, por vezes conflituosa, resultava em constantes ameaças de cassação das concessões que não se efetivavam devido aos acordos políticos econômicos entre governo e empresários. VER: (BUCCI, 1997)

“implementação da moderna administração, métodos e habilidades em programação, novos programas, atividades de interesse público, controle financeiro, orçamentário e contábil, desenvolvimento e especificações de equipamentos, engenharia, treinamento e dimensionamento da equipe, organização comercial, técnica e administrativa do funcionamento da uma estação de TV.” (JAMBEIRO, 2002: 97-98)

Entretanto, ao adaptar as técnicas de marketing, produção e administração estadunidenses a Rede Globo consegue criar uma fórmula única para produzir um produto televisivo que conquistaria grande parte dos lares brasileiros e até mesmo estrangeiros: as telenovelas.

Um novo mercado nasce com as telenovelas, e com ele um verdadeiro hábito em consumi-las. A Rede Globo inspirou-se no sucesso que a *soap-operas* faziam nos EUA e em outros países da América Latina para elaborar suas novelas. As *soap-operas* eram seriados diários, repetitivos, centrados em tramas românticas com viés melodramático. De caráter comercial, eram patrocinadas pela indústria de produtos de higiene e feitas para um público imaginado como feminino. Porém, certas diferenças marcavam as *soap-operas* das telenovelas brasileiras: as primeiras eram transmitidas normalmente no horário do almoço, considerado não nobre no mercado estadunidense e composto por 90% do público feminino, já as telenovelas eram transmitidas no horário nobre e em seus melhores momentos registravam cerca de 40% de um público masculino; enquanto as *soap-operas* duravam anos e acompanhavam o envelhecimento de suas personagens, as telenovelas brasileiras duravam apenas alguns meses. (HAMBURGER, 2011)

Outra influência marcante na receita de sucesso das telenovelas produzidas pela Rede Globo era a interlocução com o cinema. Diretores que já trabalhavam com cinema, como o cineasta Daniel Filho, levavam para a televisão a temporalidade contemporânea em capítulos diários que eram ambientados em espaços conhecidos pelo grande público. Tais recursos objetivavam estabelecer uma continuidade entre as personagens e os telespectadores. (HAMBURGER, 2011: 67)

Entre os anos 70 e 80 as novelas da Rede Globo alcançavam uma audiência de aproximadamente 70% dos telespectadores brasileiros. Para a Rede Globo, suas novelas deveriam incluir uma noção de “novidade” e um senso de “contemporaneidade”, sendo capazes de “provocar o interesse, o comentário, o debate de telespectadores e articulistas de outras mídias, o consumo de produtos a ela relacionados, como livros, discos, roupas etc.” (KEHL, 1986: 466). Sempre se adequando aos objetivos econômicos e sociais desenvolvidos pelos governos civil-militares.

Esther Hamburgo (HAMBURGER, 1998) afirma que ao contar com uma série de dispositivos de produção e convenções de linguagens que incluíam consultas constantes aos telespectadores, as telenovelas tornaram-se um produto “aberto” capaz de sintonizar, interpretar e reinterpretar as políticas estatais de inclusão social e consumo, bem como os ideários do que era ser homem, mulher, esposo e esposa e família: “A novela se tornou um dos veículos que capta e expressa padrões legítimos e ilegítimos de comportamento.” (KEHL, 1986: 468)

Como nas revistas femininas, os produtos televisivos acompanharam as transformações sociais e modificaram ao longo dos anos a maneira como representavam o ideal estereotipado das mulheres brasileiras. De mulheres que sonham com o amor romântico, a felicidade de um bom casamento e uma família feliz a mulheres que se veem livres de filhos e obrigações domésticas e de casamentos infelizes. Suas sexualidades aos poucos se libertam e as cenas de beijos românticos e tímidos abrem espaço para as cenas em ambientes íntimos com o casal na cama simbolizando inclusive o orgasmo.

O seriado *Malu Mulher* (1979-1980) foi o primeiro produto televisivo destinado a um público feminino considerado como mais exigente, escolarizado e urbano. Nele, variados temas presentes no universo feminino de classe média, bem como nas rodas de discussões feministas, eram abordados de forma crítica e até mesmo politizada. Durante todo o seriado eram levantados assuntos como a desigualdade entre os gêneros, o casamento tradicional, o divórcio, a independência econômica e sentimental, a valorização e realização da mulher no mercado de trabalho, a violência doméstica, o homossexualismo e até mesmo o aborto (HEILBORN, 2011).

*Malu Mulher* popularizou estas e outras questões feministas ao trazê-las publicamente com uma linguagem simples e de fácil compreensão. A personagem principal, Malu, representava o arquétipo de uma mulher de classe média altamente escolarizada: mãe, formada em nível superior, divorciada, independente, autônoma, além de amiga presente e ativista social.

Contudo, é preciso posicionar o seriado no contexto de sua produção. A construção simbólica das mulheres na televisão brasileira além de acompanhar o bojo de mudanças ocorridas no papel social desenvolvido pelas mulheres, também contou com o momento político nacional que dava início à transição política de um sistema militar autoritário para um cívico-democrático.

Qual seria, então, a receita de sucesso do Malu Mulher e muitas outras teledramaturgias da TV Globo? Segundo Maria Rita Kehl e Eugênio Bucci, a emissora desenvolveu um modo de produção televisiva de entretenimento capaz de promover a adesão das massas graças a uma relação entre fato e ficção no qual a realidade dos telejornais aparece como ficção e a ficção parece realidade, como nas telenovelas. Nesse sentido, “enquanto certas formulações do telejornalismo governista mais pareciam peça de ficção, muitos dados da realidade bruta entraram na pauta nacional a partir das telenovelas” (BUCCI, 2004:225). A televisão acaba por aglutinar um país desigual e desunido no plano do imaginário, incorporando incessantemente ao seu repertório aquilo que a desafia e que pode estar de acordo com seus idealizadores e proprietários.

“A TV é menos uma orientação fechada e mais um ambiente, é menos um veículo para ideários e mais uma ideologia em si mesmo. Ela é a assembleia permanente do Brasil – que lança faíscas sobre os guetos escuros e que por eles é às vezes assaltada. Ela também deixa que sua luz escorra para as privacidades (os bastidores, as alcovas e as ruelas que existem nos subterrâneos e na periferia da grande assembleia) e ensina o telespectador a desfrutar de intimidades que ele mal sabe que existem.” (BUCCI, 2004:13)

Dentro deste contexto de produção televisiva e seguindo o modelo de imprensa feminina a TV Globo cria em 1980 o programa TV Mulher. Com a proposta de trazer informação, lazer e cultura para as mulheres de todo o Brasil, o programa apresentava quadros curtos (de cerca de cinco minutos cada) que tratavam de moda, culinária, atualidades, “fofocas”, direitos femininos, entrevistas e sexualidade. As mesmas seções presentes nas revistas impressas femininas.<sup>18</sup> Conforme o aumento de audiência e da conquista de novos anunciantes, o programa ganhou mais espaço e tempo de televisão além de gradativamente passar a ser exibido em todo o país.<sup>19</sup> Era exibido na faixa matinal da grade e seu tempo de duração variou ao longo dos anos<sup>20</sup>. A partir de 1981, TV Mulher passou a ser apresentado das 8h30 às 12h.

---

<sup>18</sup> Para a pesquisadora Luísa Guimarães Lima a revista *Você, Mulher* editada pela Rio Gráfica, de propriedade de Roberto Marinho, serviu de laboratório para a produções do seriado *Malu Mulher* e do programa *TV Mulher*. (LIMA, 2003)

<sup>19</sup> Inicialmente o programa *TV Mulher* era exibido apenas para as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Juiz de Fora. Entretanto, a partir do conjunto documental podemos destacar temporalmente e espacialmente a exibição do programa em dois momentos: um primeiro que vai da estreia do programa em 1980 até meados de 1982, quando o mesmo era exibido apenas para os estados da região sul e sudeste do país; e um segundo momento vai de 1983 até o encerramento do programa em 1986, quando já era exibido para todos os estados do território nacional. Além do sucesso entre o público e anunciantes, tal fato deve-se também a expansão da rede de telecomunicações brasileiras promovidas pela EMBRATEL e a Rede Globo de Televisão.

<sup>20</sup> Segundo o portal *Memória Globo*, o programa a partir do ano de 1981 “passou a ser apresentado das 8h30 às 12h. No ano seguinte o horário do programa foi novamente ampliado, passando a estender-se até 13h. Em 1983,

O programa apresentava quadros com os mesmos padrões das seções das revistas femininas: culinária, moda, atualidades, “fofocas”, entrevistas, horóscopo e sexualidade. As estratégias e linguagens adotadas também seguiam os mesmo padrões: um jornalismo de serviço que visava à possibilidade de soluções imediatas para diversos problemas do cotidiano; desenvolver a função psicoterápica de reconfortar e aliviar ao recorrer aos sentimentos; utilizar uma linguagem coloquial para aproximar-se às mulheres como se fossem amigas e companheiras confidentes.

---

a partir de 19 de setembro, a atração estreou uma nova proposta de linguagem, e teve seu início antecipado para 8h. No ano seguinte, houve nova reformulação, e o TV Mulher teve a duração reduzida e passou a ser apresentado de 8h às 9h30. No seu último ano no ar, em 1986, teve apenas uma hora diária, de 8h às 9h.” Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher/formato.htm>>. Acesso em: 14 12 dezembro 2014

## **2. Periódicos e Feminismo**

O feminismo no Brasil é um movimento multifacetado que apresenta ao decorrer de sua história variadas pretensões, objetivos e atuações. Tentar conceitualizar o termo “feminismo” não é tarefa fácil uma vez que podemos estar nos referindo a diversas ações individuais ou coletivas de mulheres que em determinado período se interessaram por questões que afetam o sexo feminino. “Definir o feminismo não é um ato neutro” (ABREU, 2010), afirma a socióloga Maira Abreu em sua dissertação, pois a cada opção em utilizá-lo para referir-se a uma vertente do feminismo defende-se também uma posição político ideológica. Dessa maneira, defende a socióloga, é necessário que busquemos entender os múltiplos contextos históricos que o termo feminismo adquiriu - entre suas práticas e teorias - em nome e defesa das mulheres.

A historiadora Margareth Rago faz uma distinção entre os termos “feminismo” e “movimentos femininos”. Segundo Margareth Rago, o primeiro caracteriza-se pelos movimentos sociais de mulheres que demandavam direitos que consideravam básicos – creches nas fábricas, transporte público de qualidade, condições básicas de vida, etc. – já o segundo, refere-se a práticas sociais, culturais e políticas que questionavam a condição subalterna da mulher ditada pela lógica masculina e pelos “discursos sobre si” construídos historicamente pela Igreja e pela ciência (RAGO, 2013: web). Nesta pesquisa, adotaremos esta perspectiva de análise ao nos referirmos ao feminismo.

Nosso foco não será analisar a trajetória feminista no Brasil. Todavia, faz-se necessário um breve levantamento das mobilizações femininas no Brasil, para que possamos compreender quais são suas influências na mídia brasileira e no trabalho desenvolvido por Marta Suplicy enquanto uma psicóloga que tratava assuntos que sobre sexualidade e a condição da mulher num programa dedicada a elas na maior rede de comunicação televisiva brasileira.

### **2.1 O princípio da mobilização feminina no Brasil**

Pesquisas apontam o aparecimento da mobilização de mulheres no Brasil em meados do século XIX. Em 1832 era publicado por Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto (1809-1885), o livro “Direito das mulheres e injustiça dos homens” de inspiração na obra “*Woman not inferior to man*” de Mary Wortley Montagu (1689-1762). Nísia Floresta Brasileira é considerada como uma das primeiras feministas brasileiras. Na obra era proposta uma reflexão sobre papel social das mulheres e de suas participações em

postos de comando (CANDELORO CAMPOI, 2011). Amiga de Augusto Comte, Nísia Floresta era adepta ao positivismo, defendia a educação para mulheres e a abolição da escravidão. Ainda no século XIX são publicados os periódicos feministas: “A Família” (1852) editado por Narcisa Amália em São João da Barra no Rio de Janeiro; “Jornal das Senhoras” (1852) editado por Joana de Paula Manso na cidade do Rio de Janeiro; o “Bello Sexo” no Estado da Bahia, dirigido por Julia de Albuquerque Sandy Aquiar (1862); “O Domingo”(1870), da editora Violanta Atalipa Ximenes de Bivar e Vellasco na cidade do Rio de Janeiro; “O Sexo Feminino” (1873) na cidade Campanha Princesa em Minas Gerais, de Francisca Senhorinha da Motta Diniz; “O Eco das Damas” (1879), de Amália Carolina da Silva Couto, no Rio de Janeiro; “O Direito das Damas” (1882), de Idalina D’Alcantra também no Rio de Janeiro; “A Família” (1888), dirigido por Josefina Álvares Azevedo em São Paulo e posteriormente no Rio de Janeiro; entre outros (TELES, 1993).

Salvo suas particularidades, estes periódicos “tiveram grande papel em estimular e disseminar as novas ideias a respeito das potencialidades femininas” (TELES, 1993: 23). Também tiveram grande relevância sociopolítica ao defenderem os direitos das mulheres à educação e a participação política.

As primeiras manifestações que comumente são consideradas como feministas no Brasil apresentam variadas vertentes, porém, segundo Céli Fonseca Jardim Pinto, são três as principais:

“A primeira delas, a mais forte e organizada, é liderada por Bertha Lutz, que tem como questão central a incorporação da mulher como sujeito portador de direitos políticos. [...] A segunda vertente é a que se poderia chamar de feminismo difuso, o qual se expressa nas múltiplas manifestações da imprensa feminista alternativa. [...] defendem a educação da mulher e falam em dominação dos homens e no interesse deles em deixar a mulher fora do mundo público. [...] A [terceira] vertente se manifesta no movimento anarquista e, posteriormente no Partido Comunista. [...] defende a liberação da mulher em forma radical, tendo na maioria das vezes a questão da exploração do trabalho como central [...]” (PINTO, 2003:14-15)

Proibidas de votarem segundo a nova Constituição republicana, a luta pelo sufrágio universal, iniciada ainda no século XIX, ganha forças a partir de organizações políticas como o Partido Republicano Feminino (1910) e pela Federação Brasileira para o Progresso Feminino (1922), ambos ligados a figura da feminista Bertha Lutz (1894-1976).

Bertha Lutz, filha do importante cientista brasileiro Adolfo Lutz, formou-se em biologia pela Sorbonne em Paris e em Direito no Rio Janeiro. Bertha Lutz além obter uma formação fora país, também pode viajar por países europeus e pelos Estados Unidos o que lhe possibilitou entrar em contato com a militância feminista do hemisfério norte. Na volta de

suas viagens ao Brasil, Bertha Lutz publica suas ideias na imprensa brasileira em favor dos direitos negados pelo Estado às mulheres chegando a fundar em 1921 a Federação Brasileira para o Progresso Feminino e a organizar o I Congresso Internacional Feminista no Rio de Janeiro no ano seguinte. (PINTO, 2003:23)

Em sua militância pelo sufrágio universal, Bertha Lutz terá ao seu lado outras mulheres consideradas ilustres pela sociedade brasileira, dentre elas destacam-se as figuras de Jeronima Mesquita, Ana Amélia Carneira de Mendonça e Maria Eugenia Celso. Este grupo contará com o apoio de alguns políticos como Juvenal Lamartine que enquanto presidente do Rio Grande do Norte fez aprovar em 1927 o voto feminino em seu estado. A luta pelo voto feminino no Brasil terá fim apenas com a tomada do poder por Getúlio Vargas em 1932, quando o então presidente outorga o Código Eleitoral que concedia à brasileira o direito em votar e ser votada.

A atuação de Bertha Lutz junto com a Federação Brasileira para o Progresso Feminino continuou ativa nos anos seguintes. Superada a luta pelo sufrágio universal, o grupo voltou suas atenções para outras demandas femininas como a proteção a maternidade e as crianças além de aparatos jurídicos que beneficiavam as mulheres. O movimento perdeu forças a partir do golpe de 1937 que esvaziou sua discussão ao concentrar à atenção das brasileiras em favor ou em combate à Ditadura Vargas.

Durante as décadas 1950 e 1960 continuará a existir uma mobilização de mulheres brasileiras provindas tanto das classes médias quanto das populares. O foco das lutas será contra e o alto custo de vida e a carestia, a proteção à infância, construção de creches, melhoria da saúde e serviços públicos em gerais. Muitas dessas mulheres estarão organizadas em associações e clubes que, em muitos casos, contaram com o apoio e a promoção da Igreja Católica.

## **2.2 O feminismo brasileiro**

Como já explicitado, não é simples a tarefa de caracterizar o movimento feminista no Brasil. A reivindicação, não utilização e até mesmo negação de uso evidência os embates políticos ideológicos travados em diversos momentos históricos pelos seus agentes históricos e pelas produções acadêmicas acerca deles.

Nas primeiras décadas do século XX, a principal mobilização de brasileiras será marcada pelas lutas sufragistas. Estas mobilizações das mulheres são conhecidas nos estudos sobre o feminismo no Brasil por termos como “Feminismo bem comportado” (PINTO,

2003:23), a “Primeira Onda” ou ainda “Velho Feminismo”. Tal caracterização é feita por pesquisadores que tendem a compreender que estes movimentos não podem ser considerados feministas em sua formação ou mesmo seus propósitos já que não questionavam as relações de poder, a liberalização e autonomia feminina, o papel social atribuído às mulheres brasileiras e ainda a fertilidade, aborto e sexualidade (PINTO, 2003:44). Também costumam ser diferenciadas devido ao fato de que muitas destas mulheres pertencerem ou frequentarem círculos sociais ligados às elites e em muitos casos contarem com apoio e respeito de conservadores e políticos.

Já o surgimento dos conhecidos “Atual Feminismo”, “Novo Feminismo” ou “Feminismo de Segunda Onda” é apontado por ter ganho representatividade a partir de 1975, estabelecido como o Ano Internacional da Mulher pela Organização das Nações Unidas (ONU).

No dia 19 de Junho de 1975 cerca de 130 delegações de Estados participantes e mais de duas mil mulheres de diversos países se reuniram na Cidade do México para a primeira Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher promovida pela ONU.<sup>21</sup> A partir deste evento foram definidas quais seriam as questões a serem defendidas com relação à questão feminina. Dentre as temáticas propostas estavam discussões sobre o planejamento familiar, o papel da mulher no desenvolvimento da sociedade, sua integração aos processos políticos, econômicos e sociais, entre outros.

Porém, para a historiadora Joana Maria Pedro, o “Novo Feminismo Brasileiro” teve início anos antes com a atuação de mulheres que já demonstravam publicamente seu interesse em discutir a situação da mulher brasileira e defender seus direitos.

Em seu levantamento, Joana Maria Pedro ressalta a atuação da advogada Romy Martins Medeiros da Fonseca, que em 1962 consegue a aprovação do Estatuto da Mulher Casada, que estabelecia o direito das mulheres ao trabalho sem consentimento do pai ou do marido, a igualdade entre marido e mulher no gerenciamento dos bens e nas decisões familiares (PINTO, 2003). Participaram ainda deste “primeiro movimento” as feministas Rose Marie Muraro, Heleieth Saffioti e Carmem da Silva<sup>22</sup>. A historiadora defende que por comporem um grupo de mulheres não vinculadas à esquerda e por Romy Medeiros ser

---

<sup>21</sup> Uma das primeiras iniciativas dessa categoria ocorreu em 1946 quando fora assinado um compromisso para melhorar a situação das mulheres pelos respectivos cinquenta e um Estados-membros das Nações Unidas.

<sup>22</sup> Carmem da Silva é lembrada por muitas feministas como uma das grandes precursoras do feminismo no Brasil graças ao trabalho desenvolvido na coluna “A Arte de Ser Mulher” na revista *Claudia* desde 1963. Nesta coluna Carmem da Silva ressaltava a importância da autonomia e independência da mulher, como veremos mais adiante. Ver: (DUARTE, 2005); (MENDEZ, 2008); (MORAES, 2007)

influyente entre as elites e a Ditadura Civil-Militar, este grupo em específico não é lembrado por ter inaugurado o “Novo Feminismo” no Brasil.

Os anos 60 e 70 também são lembrados por movimentos de mulheres que tinham como principais características o compromisso com a luta pelos direitos considerados básicos para mulheres, pela igualdade entre as classes e os sexos, em favor da anistia e contra a Ditadura Civil-Militar.

Tais grupos eram formados pelos bairros e comunidades brasileiras e eram organizados em clubes de mães, associações, grupos de amigas em casas de particulares. Discutiam inúmeras questões que diziam respeito aos problemas enfrentados cotidianamente por mulheres. Em muitos casos estavam ligados às organizações e entidades vinculadas à Igreja Católica e aos movimentos marxistas.

Pesquisas sobre o feminismo brasileiro costumam caracterizar e diferenciar suas lutas e pautas em duas principais categorias: uma exigia o fim das hierarquias sexuais, a conscientização de mulheres como seres autônomos, a liberdade sexual, o direito a reprodução e aborto; e outra marcada pelos protestos contra o aumento do custo de vida, vagas em creches, saúde e transporte público, moradias populares e condições dignas de vida. Esta heterogeneidade é apontada por Vera Soares como resultante de movimentos que não seguem critérios tradicionais de organização e ação política:

“Os movimentos de mulheres, como outros movimentos sociais, são movimentos não-clássicos, na medida em que transcorrem nas esferas não-tradicionais de organização e ação política- a novidade é que tornaram visíveis a prática e a percepção de amplos setores sociais que geralmente estavam marginalizados da análise da realidade social, iluminaram aspectos da vida e dos conflitos sociais em geral obscurecidos e ajudaram a questionar velhos paradigmas da ação política. Uma das principais contribuições do movimento de mulheres tem sido evidenciar a complexidade da dinâmica social e da ação dos sujeitos sociais, revelando o caráter multidimensional e hierárquico das relações sociais e a existência de uma grande heterogeneidade de campos de conflito.” (SOARES, 1988:38)

No início da década de 1970 surge em grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro, grupos de reflexão de mulheres interessadas em debater e propagar o ideário feminista no país. Para elas, havia a necessidade de ultrapassar o individualismo e de unirem-se coletivamente e cooperativamente para compreenderem melhor as propostas do feminismo internacional, que algumas tiveram a possibilidade de entrar em contato durante suas trajetórias de vida até então.

De caráter informal e sem organização, estes grupos eram formados por mulheres intelectuais de esquerda pertencentes às classes médias que possuíam certa intimidade e que

se reuniam nas casas umas das outras para seus encontros. Sem pautas pré-estabelecidas para suas discussões, formavam “um grupo de mulheres de esquerda, traumatizadas pela conjuntura, as *unhappy few* em busca do seu lado feminino” (COSTA, 1988:65). Queriam compreender melhor o que era ser mulher e assim romperem com as opressões sociais que eram submetidas.

A origem social de suas integrantes, sua informalidade e não militância em temor da repressão policial<sup>23</sup> as levou a serem consideradas como feministas “bem comportadas” predecessoras do “Novo Feminismo”:

“É longe da policia, embora perto da patrulha ideológica e em confronto com ela, mas longe da miséria e da fome, que tende a se desenvolver um feminismo radical de cunho libertário. É a convivência com a repressão, o controle ideológico relaxado em virtude do vazio político, a proximidade da iniquidade social que modelam um estilo de feminismo “bem comportado”, de cunho marcadamente social.” (COSTA, 1970: 66)

A psicóloga e feminista Marta Suplicy recorda que assim que retornou dos EUA, em meados da década de 70, tomou parte em um destes grupos feministas que já se encontravam organizados:

“Logo me engajei nos grupos que já estavam organizados. Havia um grupo muito importante. Foi muito embrionário e importante para o feminismo, e que se reunia na casa da Ruth Escobar. Tinha eu, a Ruth Cardoso, [Carmen] Barroso, Sylvia Telles. Existiam várias mulheres pensantes que escreviam sobre a questão do feminismo. A gente se reunia lá, e trabalhava essas questões toda semana. Participavam pessoas intelectuais, artistas, acadêmicas.” (Informa verbal)<sup>24</sup>

Em 1975 também é realizado no Rio de Janeiro, sob o patrocínio da ONU, o evento “O papel e o comportamento da Mulher na Realidade Brasileira” e a partir deste a fundação do Centro de Desenvolvimento da Mulher. Organizado pelos grupos de mulheres intelectuais que reuniam-se no foro privado, o evento irá demonstrar o interesse dessas feministas em promover e divulgar debates que abordassem a questão da mulher. Desta maneira, aponta Célia Pinto, “há uma virada radical no movimento, que não só se tornava público como buscava institucionalizar” (PINTO, 2003:57).

---

<sup>23</sup> Segundo depoimento de Walnice Nogueira Galvão: “A impossibilidade do exercício político, que todo o mundo tinha tido antes, nos levou a procurar alguma coisa para fazer que não fosse só individual, alguma coisa coletiva – reflexão coletiva. [...] A gente nunca apareceu em público, o grupo era fechado, a militância política estava impossível no Brasil.” (COSTA, 1970:66)

<sup>24</sup> Informação verbal concedida por Marta Suplicy em janeiro de 2015.

Essas mulheres queriam ganhar maior visibilidade ao mesmo tempo em que enfrentavam a repressão e a censura promovidas por conservadores e pela Ditadura Civil - Militar. Também sofriam críticas da esquerda que considerava suas pautas e propostas desvirtuantes das discussões que envolviam a luta de classes. Ao envolver várias vertentes do feminismo da época, a organização do Centro de Desenvolvimento da Mulher refletia a situação complexa de uma sociedade que vivia duros anos de um regime de exceção em detrimento dos países europeus ou estadunidenses que permitiam debates e lutas abertas pelos direitos de minorias e dos oprimidos.

Dois eram os principais grupos de feministas que estavam ligados ao Centro de Desenvolvimento da Mulher e as publicações feministas: Nós, Mulheres e Brasil Mulher. O primeiro, de linha marxista, engajava-se na luta contra a Ditadura Civil-Militar e sua repressão, pela anistia e pelos direitos básicos de operárias. O segundo, formado em grande parte por ex-exilidas, preocupava-se com questões que envolviam a sexualidade, o aborto, a contracepção e a emancipação psíquica e financeira da mulher.

O embate entre estas duas vertentes feministas marcará o trajetória feminista deste período. Em entrevista concedida a historiadora Margareth Rago, Amelinha Teles relembra as divergências que existiam entre ambos:

“[...] me lembro dizer: “Elas são mais inteligentes do que nós, porque elas descobriram isso e nós não”. Essas são minhas impressões, de que quando a gente falava no feminismo, como éramos de esquerda, falávamos de classe operária, mas não havia mulheres operárias, só burguesas, hoje entendo claramente, mas, naquela época, eu tinha dificuldades de dar respostas. [...] Elas trouxeram para nós um discurso que identificou que a mulher era discriminada mesmo que não fosse operária, pobre; para nós, foi um achado, foi aí que entendemos por que as mulheres de classe média ficavam discutindo, porque elas também eram discriminadas...” (RAGO, 2013:119)

No início da década de 1980, os movimentos feministas brasileiros irão consolidar-se como movimentos sociais e políticos em favor dos direitos das mulheres e pela redemocratização do país. Temas que antes eram secundarizados por serem considerados essencialmente “femininos” e pertencentes ao foro privado agora entravam na pauta feminista de discussões da esfera pública. A crítica radical contra a racionalidade masculina e burguesa cede espaço às afirmações do universo femininos em suas múltiplas dimensões. (RAGO, 2003)

Grupos feministas passaram a valorizar uma linguagem feminina, pensando sobre si mesmas através de um novo olhar. O que antes era recusado ou deixado de lado, agora era incorporado de maneira renovada à esfera pública:

“As questões do mundo privado, da subjetividade, da família, da sexualidade, das linguagens corporais ganharam visibilidade e dizibilidade [...] O distanciamento do discurso marxista-masculino, por sua vez, facilitou a incorporação de temas tabus como os referentes às emoções, ou à moda e, por conseguinte, a procura de novos conceitos capazes de enunciá-los e interpretá-los.” (RAGO, 2003:05)

Desta maneira, destaca a historiadora Margareth Rago, será nos anos 80 que ambos os movimentos – movimentos femininos e movimentos feministas – abrirão um canal de diálogo que culminará com em novo caminho para as lutas em nome das mulheres brasileiras. As feministas passavam a atingir um número maior de mulheres (principalmente nas periferias brasileiras) e os movimentos femininos começaram a perceber questões que antes eram silenciadas com sofrimento, dentre eles estavam às questões que abordavam aspectos da sexualidade, o corpo e a saúde da mulher.

Nota-se que o feminismo no Brasil apresentou características próprias, configurando-se como um movimento que refletia a heterogeneidade da situação das mulheres brasileiras. A desigualdade presente na sociedade brasileira também acaba por refletir nas pautas e demandas do movimento feminista:

“Nas periferias urbanas reivindica-se o atendimento às necessidades básicas: água, luz, esgoto, asfalto, saúde, educação. Essa população carente que vive nas grandes cidades, embora excluídas do conforto, está exposta a modernidade que as caracteriza. [...] O feminismo começou e encontrou um campo fértil entre as camadas médias urbanas, mais propensas a ideologias individualistas e às mudanças de comportamento. Ecoou enquanto proposta radical de politizar o privado, repensar e reinventar as relações fundamentais, na família, no dia-a-dia, nos hábitos mais naturalizados.” (SARTI, 1988: 39)

Trabalho, vida familiar, educação e religião são fatores que influenciaram as demandas de diferentes brasileiras em suas trajetórias em busca de melhores condições de vida para si e para outras. As mulheres de camadas médias estavam mais propensas a receber influências de organizações e partidos de esquerdas. Já as camadas populares estavam, em muitos casos, vinculadas a Igreja Católica com sua Teologia da Libertação. Como destaca Cynthia Sarti, apesar dos conflitos gerados entre o feminismo e a Igreja Católica pela hegemonia nos grupos populares, as diferentes correntes conseguiram dialogar e caminhar num mesmo caminho em benefício de suas demandas em comum e contra a Ditadura Civil-Militar. (SARTI, 1988: 40)

A maior representatividade política dos movimentos feministas entre os anos de 70 e 80, período marcado pelo processo de redemocratização e pela multiplicidade dos feminismos pelo país. A pressão exercida por estes grupos foi crucial para que o Estado e as diferentes esferas públicas passassem reconhecer as pautas de reivindicações como a criação de creches,

desenvolvimento de políticas públicas de planejamento familiar, entre outras. Partidos políticos também passaram a propor debates sobre as propostas feministas uma vez que há entre seu quadro de candidatos a presença de mulheres as levam adiante. Para Sônia Alvarez, o avanço efetivo das reivindicações feministas pela via partidária nem sempre era efetivo, já que muitos partidos se apropriavam das questões de gênero por interesses eleitoreiros. Desta forma, a participação de mulheres em partidos políticos ocorria de maneira limitada. Entretanto, a autora reconhece que durante os anos 80, a sociedade brasileira presencia em sua política nacional a proliferação de mobilizações e problematizações que envolviam questões de gênero, chegando a denominar o período de "feminismo de Estado". (ALVAREZ, 1988)<sup>25</sup>

### **2.3 Influências do outro lado**

O feminismo no Brasil também será influenciado pelo feminismo internacional através de trocas com grupos feministas fundados no exterior por exiladas e por brasileiras que retornavam ao país após suas formações acadêmicas, período de trabalho, entre outras razões.

Na França são fundados dois grupos de brasileiras exiladas: o Grupo Latino-Americano de Mulheres e Circulo de Mulheres Brasileiras em Paris. O primeiro é fundado em 1972 em Paris pela ex-militante comunista Danda Prado, e por mulheres latino-americanas exiladas em decorrência das Ditaduras que se espalhavam pelo continente. Desejam discutir questões gerais que concerniam à situação das mulheres. O segundo, de maior relevância em sua atuação, também é fundado em Paris em 1975 por mulheres que acabaram de chegar à Europa vindas do Chile. De caráter ideológico revolucionário marxista, o Circulo de Mulheres fazia distinção entre a luta de classes a luta de liberação das mulheres.<sup>26</sup> Ao mesmo tempo em que adotavam uma postura política militante de esquerda não deixavam de discutir internamente e ao modo europeu questões ligadas ao feminismo internacional:

---

<sup>25</sup> Será também entre os anos 70 e 80 que o movimento homossexual brasileiro ganhará maior visibilidade na sociedade através das artes, cultura, movimentos sociais e estudantis bem como na imprensa alternativa. O jornalista e ativista LGBT João Silvério Trevisan, um dos fundadores do SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual (1978) e período homossexual Lâmpião de Esquina (1978), afirma que no período da Ditadura o movimento enfrentou críticas, tanto de conservadores que os classificavam como doentes degenerados, quanto da esquerda que entendiam que as discussões de gênero propostas seriam irrelevantes. Todavia, destaca-se a relevância do movimento no combate aos estigmas e violências direcionados aos gays assim como no debate e na construção da pluralidade dos gêneros e das sexualidades no Brasil. Ver: (TREVISIAN, 2000)

<sup>26</sup> Debates, grupos de reflexão e projeções de filmes eram algumas das propostas de atuações desse grupo para conscientização e politização de mulheres. Um dos resultados desse grupo latino americano foi o lançamento do boletim em português e espanhol, Nosotras. Nesse boletim eram reproduzidos textos autorais de suas integrantes, reproduções de trabalhos já publicados, traduções e contribuições de leitoras e feministas. Para saber mais ver: (ABREU, 2013)

“O movimento feminista brasileiro em Paris tinha uma ideia muito particular de autonomia e da especificidade da condição da mulher nas relações de gênero. Essas mulheres que defendiam a autonomia estavam no mesmo tempo comprometidas com o ideário marxista, que reduzia a condição da mulher às formas de dominação presentes no modo de produção capitalista.” (PINTO, 2003:55)

No mesmo período reuniam-se em Berkeley, nos EUA, um grupo organizado por Branca Moreira Alves (fundadora de outro grupo, tempos depois, no Rio de Janeiro) a partir de suas trocas de correspondências com Danda Prado. O grupo durou menos de um ano, porém foi importante por influenciar diversas mulheres que passaram por ele (PINTO, 2003:54).

É também nos EUA que muitas brasileiras, exiladas ou não, entraram em contato com as pautas feministas. Neste caso as obras de Betty Friedan e seu *best-seller* *A Mística Feminina* de 1963, tiveram papel fundamental para as discussões feministas que ocorriam nos EUA nos anos 60 e 70. Em *A Mística Feminina*, Friedan propõe a analisar, através de inúmeras entrevistas, um “problema sem nome” que afligia as estadunidenses durante os anos pós-II Guerra Mundial. Muitas relatavam à Friedan sentirem um vazio em suas vidas como donas de casas e “mães de família”:

“Aos poucos fui percebendo que o problema sem nome era partilhado por inúmeras mulheres do país inteiro. Quando redatora de uma revista, entrevistara muita gente a respeito de suas dificuldades com os filhos, o casamento, a casa, a comunidade, mas depois de algum tempo comecei a perceber sinais evidentes desse outro problema.[...] Qual era exatamente esse problema sem nome? Quais as palavras usadas pelas mulheres ao tentar descrevê-lo? Às vezes diziam: «Estou me sentindo vazia... incompleta». Ou então: «Tenho a impressão de não existir». Às vezes apagavam a sensação com um tranquilizante, julgavam que o problema relacionava-se com o marido ou os filhos. Ou então que precisavam redecorar a casa, mudar-se para um bairro mais agradável, ter um caso com alguém, ou mais um filho.” (FRIEDAN, 1971:21)

Betty Friedan chega então à conclusão de que estas mulheres sentiam-se desta maneira devido às frustrações geradas a partir do momento em que se tornaram “rainhas-do-lar” dedicadas exclusivamente a uma vida doméstica que as prendiam dentro de casa e as afastavam cada vez mais de um ensino superior e de um emprego. Ou seja, para Betty Friedan, essa insatisfação e desconforto se estabelecia nessa mulher mais escolarizada, “cultura” e que vivia os confortos do *“American way of life”*, pois a mesma não conseguia compreender o porquê de sua infelicidade uma vez que tinha todos os motivos para estar satisfeita com sua vida: um bom casamento; filhos; uma casa equipada; e dinheiro para gastar:

“[...] mulher que sofre deste mal, e em cujo íntimo fervilha a insatisfação, passou a vida inteira procurando realizar seu papel feminino. Não seguiu uma carreira (embora as que o façam talvez tenham outros problemas); sua maior ambição era casar e ter filhos. Para as mais velhas, produtos da classe média, nenhum outro sonho seria possível. As de quarenta ou cinquenta anos, que quando jovens haviam feito outros planos e a eles renunciado, atiraram-se alegremente na vida de donas de casa. Para as mais moças, que deixaram o ginásio ou a faculdade para casar, ou passar algum tempo num emprego sem interesse, este era o único caminho. Eram todas muito «femininas», na acepção comum da palavra, e ainda assim sofriam do mal.” (FRIEDAN, 1971:30)

Ao questionar os cânones da medicina, psicologia e psicanálise dos EUA de sua época sobre como identificar e lidar com esse “mal”, e ao propor modificações nos papéis sociais das mulheres que implicariam na conscientização da sociedade e das próprias mulheres, na equidade entre os sexos, na autonomia e liberalização, Friedan causou grande furor. Suas leitoras e seguidoras começaram a se mobilizar, chegando a fundar em 1966 em Washington a organização feminista, o NOW – *National Organization for Women*, tendo a própria Betty Friedan como uma de suas líderes.<sup>27</sup>

Retomando entrevistas concedidas à socióloga Albertina Costa (COSTA, 1980) de mulheres que se encontravam presentes nos EUA nesse período, Maise Zucco (ZUCCO, 2005) nota a forte influência que a feminista estadunidense teve na trajetória de feministas brasileiras que relatam terem se identificado com o feminismo quando realizaram existir outras possibilidades do “ser mulher em sociedade”:

“Uma das coisas que o feminismo me deu foi uma valorização das funções da mulher na sociedade. Por exemplo, acho que o homem tem que ficar mais consciente, mais participante, mais atuante na produção da vida, que é a produção da criança.”

(Maria B. em dezembro de 1977)

“A condição da mulher foi uma descoberta gradual para mim. O exílio mostrou-me que a condição da mulher é difícil em toda parte e os problemas que ela enfrenta são frequentemente os mesmos, se bem que as soluções propostas difiram. Se aqui pela primeira vez enfrentei as dificuldades que essa condição criava para mim no setor profissional, a descoberta dos problemas que a mulher profissional enfrenta na família ocorreu muito antes: veio com o casamento.”

(Emília Viotti da Costa em abril de 1979)

---

<sup>27</sup> Fazemos menção também às contribuições pioneiras de Simone de Beauvoir, através sua atuação político social e de sua obra “O Segundo Sexo” de 1949. Feministas brasileiras como Carmen da Silva, Rose Marie Muraro, Heleieth Saffioti, entre outras, destacam ser dura tarefa mensurar a totalidade das contribuições da feminista francesa em suas vidas, porém observam os questionamentos iniciais que acerca da relação de poder entre o gênero que colocava em posição hegemônica a figura masculina. As leituras e releituras feitas a partir da obra de Simone de Beauvoir e Betty Friedan foram fundamentais para o desenvolvimento do feminismo no Brasil. Para saber mais ver: (MÉNDEZ, 2010); (BORGESa, 2009); (BORGESa, 2013).

Como nos EUA, no Brasil Betty Friedan e as feministas que se identificavam com sua obra e luta eram fortemente criticadas. Se na imprensa estadunidense eram qualificadas “como frustradas, neuróticas, homossexuais, megeras ressentidas, espumando de ódio contra sexo masculino” no Brasil *O Pasquim* e outros periódicos<sup>28</sup> trataram de criticá-la e se posicionarem contra as suas ideias durante sua visita ao país em 1971.<sup>29</sup>

Além de ex-exiladas, Friedan encontrou no Brasil grandes entusiastas de seu trabalho, dentre elas estavam as feministas Rose Marie Muraro (que a acompanhou durante toda sua estadia no país, participando junto a ela de entrevistas, visitas e confraternizações), Carmen da Silva e Marta Suplicy.

## 2.4 Feminismo e Imprensa

No levantamento da pesquisadora Elizabeth da Penha Cardoso, nota-se que uma variedade de livros, jornais e revistas editados por mulheres engajadas em divulgarem suas produções e seus ideais que tangiam a questão das mulheres brasileiras, circulavam, principalmente, entre o meio acadêmico e grupos feministas.

Um dos primeiros a surgir no país dirigido às elas e editado por elas foi o Brasil Mulher em 1975 na cidade paranaense de Londrina. Fundado e organizado inicialmente pela jornalista Joana Lopez, o jornal era ligado ao movimento Sociedade Brasil Mulher e contou com dezesseis edições e quatro “extras”, circulando entre os anos de 1975 e 1980. O Brasil Mulher pretendia ser e trazer uma proposta mais feminista e diferenciada do que aqueles apresentados na imprensa feminina da época. Defendia o princípio de um jornal direcionado diretamente as mulheres brasileiras e que abordasse aspectos e discussões de seus cotidianos. (TAMIÃO, 2009)

Por divergências políticas e ideológicas, há um racha no grupo editorial do jornal. O grupo fundador, liderado por Joana Lopez, acreditava que aquele ligado a Ação Popular Marxista Leninista, ao Partido Comunista e ao Partido Comunista do Brasil, ao Movimento Revolucionário oito de outubro utilizavam métodos e ideologias tradicionalmente ligados aos

---

<sup>28</sup> “Betty Friedan – Muito aplicada; tem, porém, a estranha mania de querer ser o homem mais importante do país” FERNANDES, Millôr. 06 de agosto 1975. Análise da personalidade de estudantes célebres. Revista Veja. Editora Abril. apud. (ZUCCO, 2005 )

<sup>29</sup> Convidada por sua editora no Brasil para conhecer o país, Betty Friedan conseguiu atrair à atenção de críticos, apoiadores e pessoas interessadas em conhecer seu trabalho. Visitou instituições públicas e privadas, “conheceu as mulheres que marcharam em 64, pela família, Deus e a propriedade, visitou favelas, onde conheceria avós de 32 anos e mulheres que sustentavam suas famílias sozinhas, fazendo com que ela logo as relacionasse com as moradoras de comunidades negras americanas. Conheceu pessoas torturadas, almoçou com grandes empresários da área da comunicação como Roberto Civita (Grupo Abril) e Adolpho Bloch (Bloch Editores).” (DUARTE, 2008: 291).

homens. Por não conseguirem manter a liderança e por discordar dos “métodos de poder” utilizados pelas militantes de esquerda, o grupo fundador deixa o editorial do jornal a partir de sua edição número oito. Este segundo momento do editorial do Brasil Mulher será organizado por Madá Barros, Rosalina Santa Cruz, Rosa Guillon, Amelinha de Almeida Telles, Ângela Borba e Iara Prado.

Mais heterogêneo em sua formação, o jornal *Nós, Mulheres* reunia em sua produção mulheres da periferia, donas de casas, católicas, militantes de esquerda e intelectuais da classe média. Apesar das tiragens do jornal não serem regulares, devido a sua “produção artesanal”, sua distribuição atingia as camadas mais pobres das periferias e as classes médias urbanas. Tal fato deve-se a maneira como o periódico era distribuído, tendo o foco grupos articulados, politicamente ou não, que se responsabilizavam pela sua redistribuição.

Para as idealizadoras do jornal sua proposta era diferente da aquela do Brasil Mulher, já que afirmavam abertamente serem feministas e que também considerarem-se distantes dos ideais políticos partidários de esquerda.

Outro diferencial do jornal *Nós, Mulheres*, eram as abordagens de assuntos tabus como o aborto, autoconhecimento, sexualidade, educação e as reportagens que traziam a visibilidade pessoas que não estavam presentes na grande mídia. Revelavam histórias de donas-de-casa, metalúrgicas, empregadas domésticas e costureiras, por exemplo. O objetivo era retratar a vida comum das brasileiras com um foco especial para as consideradas mais pobres. Muito próximo de outras publicações da imprensa feminina, em suas oito edições o *Nós, Mulheres* utilizou uma linguagem pessoal, afetiva e íntima que visava estabelecer uma relação de proximidade entre editoras e leitoras.

Lançado em um contexto histórico social diferenciado daquele dos jornais *Nós, Mulheres* e *Brasil Mulher*, o jornal *Mulherio* é publicado pela primeira vez em 1981 em São Paulo. O periódico era organizado por pesquisadoras vinculadas as temáticas femininas vinculadas, inicialmente, à Fundação Carlos Chagas<sup>30</sup>. O editorial do jornal buscava contemplar os posicionamentos de diferentes vertentes dos movimentos feministas e

---

<sup>30</sup> Durante sua trajetória pode-se dividir o jornal em três períodos: o primeiro sob organização da jornalista Adélia Borges, composto por quinze edições, inicia-se com sua primeira publicação e irá até meados de 1983 quando, por divergências quanto aos conteúdos publicados, deixará de ser vinculado à Fundação Carlos Chagas; seu segundo momento sob responsabilidade editorial da jornalista Inês Castilho, o jornal, ainda financiado pela Fundação Ford, contará com recursos próprios para publicar suas próximas vinte e quatro edições; o terceiro e último momento inicia-se em 1988 quando o jornal passa a chamar-se “Nexo, Feminismo, Informação e Cultura” tendo apenas duas edições por falta de recursos e apoio da Fundação Ford. Todas as edições do jornal encontram-se disponíveis no site da Fundação Carlos Chagas. Ver: Fundação Carlos Chagas - Conteúdo especial “Mulherio”. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/historia.html>>. Acesso em: 23 maio 2013.

femininos do período. Devido a este fato, as temáticas presentes nas páginas do jornal eram variadas passando por questões socioculturais do universo feminino que envolviam problemas relacionados a falta de creches, as violências psicológica, doméstica e sexual, o aborto, ao planejamento familiar, a biologia dos corpos femininos as duplas jornadas de trabalho (ou seja, dentro e fora casa), casamento, sexualidade, política, divulgação de publicações e eventos problematizavam o feminino, entre outros.<sup>31</sup>

De distribuição gratuita, o jornal circulava em instituições, entidades acadêmicas, grupos feministas, rádios, televisões, etc. O Mulherio era um jornal que não se atrelou a nenhum grupo feminista de sua época, sendo composto por feministas das mais diferentes vertentes e ideologias.

É importante ressaltar que as pautas feministas circulavam durante o período circunscrito não só na “imprensa feminista”, mas também na chamada “imprensa alternativa”. Jornais como Opinião, Movimento, Repórter, Pasquim, Coojornal, Versus, Beijo, Bagaço, Em Tempo, Lampião, Informação, Ovelha Negra, Escrita, Cobra de Vidro, De Fato, entre outros, também concediam espaços em suas páginas para jornalistas interessadas em trabalhar com temas relacionados a demandas de movimentos sociais diversos ligados às questões femininas. (WOITOWICZ, 2008)

---

<sup>31</sup> Para mais informações ver: (NASCIMENTO, 2014); (TAMIÃO, 2009).

### 3. A sexóloga feminista

Marta Teresa Smith de Vasconcellos nasceu em 1945 em uma família tradicional de São Paulo. Frequentou os colégios Des Oiseaux e Sion, ingressando no curso de psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1963. Ainda durante o primeiro ano de faculdade, casa-se com Eduardo Matarazzo Suplicy (que também provinha de famílias tradicionais de São Paulo). Decide trancar a faculdade para, em sua primeira vivência nos EUA, acompanhar Eduardo Suplicy durante seu mestrado em economia na Universidade Estadual de Michigan. Marta Suplicy retorna ao Brasil para terminar sua graduação e novamente em uma segunda experiência nos EUA decide fazer mestrado em psicologia clínica, enquanto Eduardo Suplicy o seu doutorado, ambos pela Universidade Estadual de Michigan. Em 1973 Marta Suplicy conclui sua pós-graduação na Universidade de Stanford, onde entra em contato com a psicologia comportamental (behaviorismo), com a psicanálise e a sexologia.

Sua segunda experiência nos EUA é considerada por ela como a mais enriquecedora. Se durante a sua primeira estadia no país, Marta teve que aprender o idioma inglês e se adaptar ao a um novo estilo de vida, em sua segunda experiência norte-americana a psicóloga relata a possibilidade de sair mais de casa. Em Standford na Califórnia, entra em contato com a cultura estadunidense e com diversos movimentos sociais como aqueles contra a guerra do Vietnã e em favor dos direitos civis da população negra (SUBLICY, 1983:17). Neste mesmo período recorda-se de sentir fascinação pelo movimento feminista estadunidense:

“Você [poder] mudar de cultura é algo muito forte. Eu morei em dois momentos distintos lá. Eram momentos muito fortes na cultura americana. Transformação social, o assassinato do Bobby Kennedy, políticas acirradas. E tudo isso mexeu com toda a sociedade. Eu me lembro que logo que eu fui [na década de] 60, primeiro em Michigan, tinha na universidade um movimento de meninas que queimavam calcinhas e que jogavam pela janela os sutiãs. Eu achava aquilo fascinante, como um movimento libertário das mulheres. Eu participava daquilo olhando. Não participava completamente porque era casada e tinha um bebê que era o Supla. Era um mundo que se descortinou. Foram muito importantes na minha a formação daqueles anos nos EUA.” (Informação verbal)<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Informação verbal concedida por Marta Suplicy em janeiro de 2015.

Anos posteriores, Marta Suplicy faz uma reavaliação de seu primeiro contato com o feminismo.<sup>33</sup> Relata ter se entusiasmado com o discurso feminista “radical natural de todo processo revolucionário” que estava presente entre os movimentos de contracultura dos anos 60 e 70. Rejeição da diferença entre os sexos, desvalorização do serviço doméstico, busca da profissionalização, ocupação do espaço público, repensar a maternidade, liberação sexual entre outras demandas feministas do período, eram algumas das bandeiras feministas que ela passou a considerar.

Marta Suplicy afirma que apesar de reconhecer a importância da “época da queima dos sutiãs” na vida de mulheres que passavam a estudar mais, a ocupar novos postos de trabalhos e ter novas opções quanto a sua sexualidade, ela acredita que o radicalismo feminista é uma proposta inacabada. Ela entende que a luta por mudanças radicais que visam mudar as estruturas de poder instituídas pelo homem e que impedem as mulheres de se expressar, serem mais independentes e alcançar conquistas por seus direitos devam ocorrer, mas sem perder as “qualidades femininas”: “as conquistas não são para todas e ocorrem mais na teoria do que na prática. [...] o movimento tomou caminho da valorização e busca dos padrões masculinos de sucesso numa rejeição aos valores convencionalmente associados aos nossos valores.” (SUPLICY, 1986: 248)

De volta ao Brasil, dá continuidade ao trabalho como psicóloga comportamental e sexóloga, funda o curso de Terapia Comportamental no Instituto Sedes Sapiense, onde passou a ministrar aulas sobre Terapia de Casais. Dedicou-se a atender casais em seu consultório particular, a escrever colunas para as revistas Claudia e Vogue e a dar palestras. Nesse período entra em contato com outras feministas brasileiras, participando de um grupo de mulheres intelectuais que se reuniam no foro privado para debater a condição das mulheres.

Quando pensava estar desinteressada pela psicologia comportamental e a sexologia, no final da década de 70, Marta recebe o convite do diretor Nilton Travesso para apresentar diariamente um quadro sobre a sexualidade em um programa novo dedicado as mulheres, o TV Mulher.

Ao dirigir sua atenção às mulheres em suas publicações, Marta Suplicy procura analisar a condição das brasileiras sob diferentes aspectos que contemplam análises histórico-

---

<sup>33</sup> Para Marta Suplicy, seu “primeiro contato” com o feminismo ocorrera ainda muito jovem no momento em que se questionava sobre questões que envolviam a condição das mulheres. Discriminação e tratamento diferenciado eram algumas das primeiras dúvidas que surgiam em sua mente: “Havia um tratamento diferenciado para mim e meu irmão. As aspirações para mim eram muito limitadas e para meu irmão eram diferentes. Eu percebia que não queria ser tratada daquele jeito. Não era uma coisa consciente e eu achava que era a única no mundo. Não fui perguntar para pessoas que pensavam coisas assim. Nos EUA foi um susto. Me lembro da Gloria Steinem, Betty Friedan e de todas elas.” Informação verbal concedida por Marta Suplicy em janeiro de 2015.

sociais, psicanalíticas e sexuais. Segundo a sexóloga, enquanto os meninos utilizam-se do machismo para impor seu poder, as mulheres aprendem desde pequenas a se utilizarem de “jogos de sedução para conseguirem o que querem”: “As meninas aprendem a ser coquete, bonitinha, sentar no colo do papai, bater as pestanas e pedir.” (SUPLICY, 1984: 224) Tal educação ajuda na construção do papel de ambos os sexos, criando homens que priorizam o sexo e desconfiam de “truques femininos” que os prendam a um casamento e mulheres que sonham com o amor e o casamento em negação a suas sexualidades.

Ainda segundo Marta, esta educação estereotipada que trata as mulheres como objetos sexuais que estão prontas para agradar os homens a transformam em seres sem identidades que só se realizarão através da figura de um marido que possa oferecer segurança, status social e um padrão de vida. Estas mulheres são vistas como uma extensão do homem e não têm identidade alguma. Elas somente se sentem gratificadas através dos outros (marido, filhos e sociedade):

“Na nossa cultura, à mulher sempre foi outorgado um papel “feminino” no relacionamento. Traduzindo-se o feminino por passivo, obediente, sem desejo sexual, uma figura sem vontade própria, reprimindo o desejo sexual que porventura ousasse ter, aflita e solícita em entender aos desejos de seu amo e senhor: veja lá, ser trocada por outro “Amélia” mais dócil.” (SUPLICY, 1984:174)

A psicóloga acredita que antes mesmo de começar a pensar em direitos femininos como creches e salários iguais aos dos homens, as mulheres devem superar o medo e a culpa que as impossibilitam de alcançar a liberdade necessária para enfrentar as consequências da escolha de ser quem realmente são. As mulheres são criadas de maneira para que sintam medo do que pode ser novo e desafiador, medo de ficar solteira, de casar e assumir novas responsabilidades familiares, medo em ser trocada e de se apaixonar por outro, medo de ficar só e de ser tutelada pelo companheira (SUPLICY, 1985: 276). É através da superação desta “jaula interna” que as mulheres poderão, de fato, superar outras jaulas como a econômica e a social:

“É dentro de cada uma de nós que se trava a luta principal. Coragem para aguentar as consequências de ser o que se quer ser, o que sua natureza e discernimento exigem. Aguentar a paulera que vem em cima. Se a gente aguenta, acaba dobrando o sistema.”. (SUPLICY, 1984: 207)

Ao incentivar suas telespectadoras e leitoras a voltarem suas atenções para si, Marta Suplicy as conduz ao um processo de autorreflexão e de autoconhecimento, o que Foucault denomina de “cuidado de si”.

Em sua análise histórico filosófica, Foucault retorna as correntes filosóficas da antiguidade que defendiam às práticas de si destacando diferentes modos de subjetivação dos indivíduos e formas que constituem o *êthos*. O filósofo ressalta alguns conceitos filosóficos relevantes para os antigos: o cuidado de si - *epimeloû heautoû* - que ao passar do tempo foi colocado em um patamar secundário; e o conhece-te a ti mesmo - *gnôthi seautón* - que é a prática de si; a ascese *askhêsis*; o domínio de si - *enkrateia* - . Todas estas práticas ditas de virtude são consideradas com exercícios que visam preparar os indivíduos para as causalidades da vida cotidiana, assegurando uma subjetividade construída a partir por atividades criadoras de si. O cuidado de si, segundo o valor filosófico socrático-platônico, afirma que é preciso conhecer a si mesmo e a sua alma para ligá-lo ao divino. Com isso, reconhecer a si mesmo é conhecer a verdade através de um processo dinâmico. Apesar de esta noção ter ampliado e multiplicado ao longo dos tempos e de ter se manifestado nos modelos cristãos, Foucault apreende a noção do cuidado de si como sendo:

“uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações de ter relações, com outro [...] é também uma certa forma de atenção de olhar [...] que se conduza do interior para... eu ia dizer “o interior”.[...] digamos simplesmente que é preciso converter o olhar do exterior, dos outros, do mundo, etc. “para si mesmo”.” (FOUCAULT, 2006:14)

Para Marta Suplicy, este é um exercício fundamental para que as mulheres possam elaborar uma análise crítica sobre si mesmas e suas vidas. Com isso, poderiam libertassem de possíveis medos que lhes prendem a um estado psicológico de insegurança que as impedem de conquistar uma vida considerada mais autônoma e emancipada.

Marta também faz ressalvas quanto a possíveis confusões de entendimento que algumas mulheres – e até mesmo feministas do período – fazem sobre a liberdade feminina. Para ela, ser uma mulher liberada não é assumir posições que são tipicamente masculinas, tais como: o autoritarismo; ter diversos amantes; sexo pelo sexo; etc. Ao adotar a posição do “machão” que tanto repudia, esta mulher pode estar dificultando a construção de um relacionamento realmente igualitário e maduro:

“Acho importante meditarmos sobre isso. Essa confusão é consequência de dois fatores: a opressão real existente contra mulher e a imaturidade de muitas. [...] Vemos então o autoritarismo desenfreado com os subalternos, a agressão aos companheiros que muitas vezes precisam mais de esclarecimentos e diálogos para compreender o que ocorre e não de intimidação e abandono [...]” (SUPLICY, 1984: 161)

Em seu entendimento, considera que as críticas feitas pela sociedade e, que acabam sendo reforçadas pela mídia brasileira, às “mulheres liberadas” são duras. Comumente são retratadas pela mídia como homossexuais masculinizadas ou mulheres promiscuas, o que colabora para fixar tal imagem preconceituosa pela sociedade. Contra isso, afirma, há de se recuperar o feminino dentro de uma postura feminista, ou seja, há de se liberalizar sem pender o “horizonte do que é ser feminino” e “ombro a ombro com os homens” na construção de novos papéis para os sexos: “Liberação é outra coisa: trabalho lento e sofrido que resulta tanto para os homens como para as mulheres na capacidade de livre escolha. A época da “queima do sutiã” já passou, porém muitas ainda estão na década passada.” (SUPLICY, 1984: 162)

Marta Suplicy crê que ser uma educadora sexual televisiva abrangia uma proposta maior do que apenas falar sobre sexo uma vez que suas informações tinham como objetivo conscientizar mulheres e homens sobre a liberalização de seus papéis sociais. Em sua avaliação, ambos os gêneros deveriam ser livres para amar, assumir identidades próprias, libertarem-se afetivamente e economicamente sem se preocuparem com status sociais, renda e poder. Em contraponto a uma mulher sem desejo sexual e vontade própria, passiva, obediente e submissa ao homem, Marta propõe uma “nova mulher” que seja independente psicologicamente, livre para desenvolver-se, desejosa em viver sua sexualidade plenamente, independente financeiramente, detentora de seu corpo, livre para decidir quando ou não gerar uma criança e que busque um autoconhecimento que a permitirá tornar-se dona de si. Mais exigentes e conhecedoras de seus corpos, a “nova mulher” passaria a questionar sobre outros aspectos de suas vidas: “Liberação sexual no sentido de ser dona do próprio corpo só vem junto com uma consciência de seus direitos como cidadã e como mulher.” (SUPLICY, 1984: 213)

Esta mulher, ao adquirir a “nova consciência”, passaria também a exigir “novo homem”. Este, por sua vez, teria que a aceitar como ela é realmente, vivendo e aprendendo em conjunto em um relacionamento igualitário. Ele haveria de retribuir o amor dado e auxiliar sua companheira a desenvolver-se. Este “novo homem” deveria ainda ser sensível, amoroso, preocupado com “valores reais” e não ambiciosos: “Não existem padrões para esses novos relacionamentos. O bom está exatamente nisso. Cada um, e cada relação têm que achar o caminho. E esta é uma tarefa, primeiro, individual, depois, a dois.” (SUPLICY, 1984: 175)

Marta Suplicy entendia que sua função como “educadora de massa” não era o de propor respostas soluções para seus telespectadores, mas sim o prestar informações sexuais

básicas como, por exemplo, o corpo e as funções dos órgãos reprodutores auxiliando mulheres e homens a pensar sobre a sexualidade como um todo e sem qualquer tipo de padrão único:

Entretanto, aceita contradizer-se ao fornecer determinadas “contra receitas” por considerar necessário informar o básico para um desenvolvimento sadio e positivo da sexualidade. Para ela, a atitude de “não saber” o que seja melhor para si, deve ser superada por conhecimentos alternativos que levem o outro a tomar uma decisão pessoal e que com isso cresça e busque suas “próprias verdades”.

“São [essas contra receitas] no sentido de informação básica e formação de atitudes que considero, juntamente com outras pessoas que estudam o comportamento sexual, mais sadias e positivas para o desenvolvimento do ser humano. Acredito que reprodução e sexo são funções biológicas naturais, e que a maioria das atitudes de nossa sociedade para com a sexualidade são irracionais e baseadas na culpa e repressão com funestas consequências na qualidade de vida do nosso cidadão.” (SUPLICY, 1983: 30)

Neste processo pedagógico, Marta diferencia dois tipos de valores: universais (ou fundamentais) e alternativos. Os primeiros, todos que vivem em sociedade devem compartilhar para o bom funcionamento da sociedade, como por exemplo, não matar, não roubar, respeitar o outro e igualdade entre os sexos. Os alternativos são aqueles que não precisam compartilhar porque se adéquam a uma sociedade democrática de livre escolha, como por exemplo, sexo antes do casamento, aborto e o homossexualismo. É neste último que ela afirma focar seu trabalho por acreditar que é através das éticas alternativas que homens e mulheres poderão desenvolver a capacidade de escolha.<sup>34</sup>

Nota-se que Marta Suplicy assume uma certa autoridade como psicóloga comportamental para se posicionar frente à sociedade. Ao reproduzir via televisão, em colunas de jornais e publicações o discurso científico sobre o sexo (não deixando de citar vários especialistas sobre o sexo e o comportamento humano, como por exemplo, William H. Masters and Virginia E. Johnson, Alfred Charles Kinsey, Sigmund Freud, entre outros) a “sexóloga” evidencia tratar o sexo cientificamente como sendo uma função biológica natural de homens e mulheres. Ela não admite uma sexualidade que seja baseada em falsos preconceitos que acarretam em interdições que considera serem danosas ao desenvolvimento dos indivíduos. Para Foucault tal posicionamento pode ser considerado como uma prática

---

<sup>34</sup> Marta ainda elenca três valores éticos inerentes a uma sociedade democrática: 1- Respeito pela verdade; 2- Respeito pela igualdade e dignidade de cada indivíduo; 3 – Reconhecimento do direito de livre-arbítrio e autodeterminação. (SUPLICY, 1983: 31)

discursiva coercitiva que atua de um modo dinâmico no qual o aparato do poder postula os efeitos de verdades.

Estabelece-se uma relação de poder no qual Marta Suplicy se apresenta como uma especialista a respeito do comportamento humano e, os seus telespectadores como despossuídos desse discurso a serem educados segundo os conhecimentos científicos modernos.

“[...] em tal tipo discursivo sobre o sexo [regularidade do comportamento sexual] em tal forma de extorsão de verdade que aparece historicamente em lugares determinados [...] quais são as relações de poder mais imediatas, mais locais que estão em jogo? [...] Em linhas gerais: ao invés de referir as ocultações com que se obterá o conhecimento possível do mesmo, à forma única do Grande Poder, trata-se de emergir a produção exuberante dos discursos sobre o sexo no campo das relações de poder, múltiplas e móveis.” (FOUCAULT, 1999: 93)

Podemos apontar que, via televisão e correspondências de missivistas, as relações estabelecidas entre apresentadora-telespectadora, psicóloga-paciente, educadora-educando (e até mesmo amiga confessoria-amiga-ouvinte) são desenvolvidos através de técnicas de saber e estratégias de poder que Foucault denomina de “focos locais” de poder-saber. Segundo o filósofo francês estas são técnicas semelhantes:

“as relações que estabelecem entre o penitente e o confessor, ou fiel e diretor de consciência; aí, e sobre o “signo” da carne a ser dominada, diferentes formas de discurso – exame de si mesmo, interrogatórios, confissões, interpretações, entrevistas – vinculam formas de sujeição e esquemas de conhecimentos, numa espécie de vaivém incessante.” (FOUCAULT, 1999: 94)

Em sua atuação a frente do quadro Comportamento Sexual, Marta Suplicy destaca ter recebido centenas de correspondências de telespectadores. Em sua avaliação, grande parte são de mulheres casadas de baixa renda, adolescentes de ambos os sexos e uma minoria de homens. Entretanto, para Marta a desinformação com relação à sexualidade é igual em ambos os sexos: “Os estereótipos de papel sexual na sociedade sobressaem na maioria das cartas.” (SUPLICY, 1983: 24)

(Figura 1 – Marta Suplicy no TV Mulher)



(Fonte: Memória Globo)

Uma das primeiras dúvidas de Marta Suplicy quando recebeu o convite para falar sobre sexualidade na TV, foi como poderia trabalhar temática tão complexa em apenas cinco minutos.<sup>35</sup> Ao longo dos programas a psicóloga desenvolveu uma metodologia única que a faria ganhar a atenção de muitos telespectadores. De forma clara, de fácil entendimento e objetiva, Marta Suplicy abordava os mais diferentes temas que envolviam o sexo, a condição da mulher entre outros temas considerados por ela relevantes para o momento como questões sociais e políticas. Em uma avaliação de seu trabalho no 6º Congresso Mundial de Sexologia em 1984, Marta reconheceu como ousada e pioneira a proposta de ser falar de sexo na TV aberta em um país que caminhava para o fim de um Estado de exceção:

“[...] apresentei o quadro “Comportamento Sexual”, programa de educação sexual na televisão brasileira há três anos. Essa experiência brasileira despertou enorme interesse. Como é possível fazer esse programa num país saindo de uma ditadura? – perguntavam os do Terceiro Mundo. Por que apareceu numa televisão comercial e não educativa? – era a pergunta dos nórdicos. E os mais encantados e muito espantados eram os americanos, que não se conformam em não ser os pioneiros nesse trabalho nem em poder executá-lo.” (SUPLICY, 1984: 16)

---

<sup>35</sup> Antes de receber o convite para apresentar o quadro sobre sexualidade no TV Mulher, Marta Suplicy relata que a Rede Globo havia convidado a psicóloga e sexóloga Maria Helena Matarazzo que recusou por considerar cinco minutos insuficientes para se abordar o assunto. Informação pessoal concedida por Marta Suplicy em janeiro de 2015.

Marta aceitou como desafio a possibilidade em ser uma educadora em massa através do principal veículo de entretenimento e informação da época que era a televisão. Como psicóloga e feminista Marta, buscava não apenas instruir seus telespectadores, mas também romper com os tabus e estereótipos que envolviam o sexo das mulheres brasileiras: “O primeiro passo para quebrar o tabu generalizado contra a sexualidade é poder falar dela numa boa. As atitudes negativas frente ao sexo têm um peso muito maior do que a ignorância.” (SUPLICY, 1983: 27) <sup>36</sup>

Para ocorrer mudanças profundas e efetivas na mente dos telespectadores, Marta Suplicy notou que informação sem qualquer tipo de conscientização não funcionava. Através do contato com o seu público, Marta passou a avaliar qual era o uso das informações que recebiam pela televisão:

“Acho que a primeira coisa que percebi foi minha reação de animada expectativa e, em seguida, o meu desaponto. As cartas começavam mais ou menos assim “...você me ensinou muitas coisas... aprendi tanto...realmente a mulher deve ter direito ao prazer... luto para obter orgasmo...”, nessa hora eu sorria e pensava: “valeu, ela não se vê mais como um objeto de uso”. Ela é e se vê como gente. Prosseguia então a leitura para, nas últimas linhas, encontrar essa preciosidade : “Pois é Marta, e eu tenho que ter o orgasmo porque senão o João ou o Joaquim, ou o Mauro, ou o Aníbal me larga.”

Droga! Não aprendeu nada! E eu pensava. O que será que aconteceu? Ou melhor, deixou de acontecer? [...] É a história prosseguindo com a mulher vivendo em função do desejo do outro, como e para o que foi educada durante centenas de gerações. Isso mostra como o informar sem conscientizar serve para muito pouco.” (SUPLICY, 1985: 19)

Marta passou se preocupar em informar sobre a sexualidade vinculando a um contexto mais politizado de conscientização da condição da mulher e do sexismo presente na sociedade. Também passou a considerar uma maior diversidade de telespectadoras a quem se dirigia, uma vez que cada telespectadora em cada região e situação econômica e psicológica poderia entender equivocadamente aquilo que ela pretendia transmitir:

“[...] se falo para cinco ou sete milhões de pessoas, da mulher do campo à garota de Ipanema, passando pela mulher do interior, como essas informações chegam a elas? As interpretações que fazem do que é dito, segue a cabeça de cada uma e cada

---

<sup>36</sup> Marta Suplicy afirma que seu maior interesse era o de levar pontos de reflexão às mulheres sobre sua situação social: “Eu me lembro que quando fui fazer o TV Mulher eu era feminista até o último fiozinho de cabelo. Minha intenção total era essa, a de mudar o lugar da mulher na sociedade brasileira.” Em outro momento assegura considerar-se a pessoa certa na época para assumir a tarefa de apresentadora de um quadro televisivo cuja a temática era sexualidade: “Eu era a pessoa certa para fazer naquele momento porque eu tinha os títulos acadêmicos, uma família bem constituída... Era uma pessoa que socialmente não me podiam dizer nada por estar falando sobre sexo[...]. Isso me ajudou bastante. E depois eu acreditava no que estava fazendo. Eu achava que iria ajudar muita gente. E ajudei.” Informação verbal concedida por Marta Suplicy em janeiro de 2015.

loucura de interpretação que eu escuto! É com recursos internos que cada uma tem de elaborar o que ouve.” (SUPLICY, 1986: 258)<sup>37</sup>

Marta afirma que mudou com passar do tempo a maneira como se dirigia ao seu público de telespectadoras, recordando-se de um caso que a marcou:

“[Houve o caso] daquela mulher que o marido cortou sua orelha e eu disse a ela que tinha que voltar para casa e enfrentá-lo. Depois eu percebi que se ela voltasse ele cortaria a orelha que tinha sobrado. Havia várias situações em que eu percebia que não tinha ideia da dimensão do verdadeiro Brasil. O livro da Rose Marie Muraro<sup>38</sup> me ajudou muito a entender a mulher brasileira [...]. Trabalho fundamental este no qual ela falava que uma mulher do Rio de Janeiro encarava o corpo de uma maneira diferente de uma mulher que corta cana. Uma era tida como objeto de prazer e a outra como objeto de trabalho.”<sup>39</sup>

### 3.1 Os telespectadores

A presença de Marta Suplicy explanando sobre sexo em um programa matutino de televisão, na maior rede de TV do país, que ia ao ar em dias variados na semana por apenas cinco minutos, provocou reações diversas nos telespectadores brasileiros.

Como já explicitado nessa pesquisa, o programa TV Mulher era a versão televisiva de um produto midiático já conhecido há anos por muitas brasileiras: a imprensa feminina. O programa apresentava quadros com os mesmos padrões das seções das revistas femininas: culinária, moda, atualidades, “fofocas”, entrevistas, horóscopo e sexualidade. A correspondência dos diferentes apresentadores, como Marta Suplicy, com as telespectadoras

---

<sup>37</sup> Sobre esta questão, a psicóloga recorda-se sobre as possíveis apropriações feitas, a partir de suas falas, por suas telespectadoras: “Às vezes eu recebia uma carta que dizia – Seu conselho foi maravilhoso, eu larguei o meu marido! – eu não queria isso. Eu nunca daria conselho para alguém como: largue teu marido. Eu poderia apontar pontos para reflexão. Eu aprendi na televisão que às vezes as pessoas usam a fala televisiva para apoiar um desejo que elas têm. No começo eu ficava muito perturbada com as pessoas dizendo que eu as mandava fazer isso ou aquilo. Mas depois eu percebi que elas usavam minha fala nessa direção. A pessoa quer ouvir e ter coragem para fazer alguma coisa. Então ela poder ouvir algo que você está falando na televisão e ampliar aquele contexto para servir para alguma coisa que ela queira fazer. Eu percebi que isso era bastante comum e que eu tinha que tomar cuidado, mas que era inerente e iria acontecer.” Informação verbal concedida por Marta Suplicy em janeiro de 2015.

<sup>38</sup> Marta Suplicy refere-se ao livro *Sexualidade da Mulher Brasileira Corpo e Classe Social no Brasil* (1983) de autoria da intelectual e feminista Rose Marie Muraro. Segundo o teólogo Leonardo Boff, parceiro profissional de Rose Marie na Editora Vozes, por dezessete anos, a relevância desta obra deve-se ao fato de ter sido uma pesquisa de campo realizada em vários estados brasileiros a fim de analisar: “como é vivenciada a sexualidade, tomando em conta a situação de classe das mulheres, coisa ausente nos pais fundadores do discurso psicanalítico. Neste campo Rose inovou, criando uma grelha teórica que nos faz entender a vivência da sexualidade e do corpo consoante as classes sociais.” BOFF, Leonardo. *Rose Marie Muraro: a saga de uma mulher impossível*. 22 Jun. 2014. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2014/06/22/rose-mrie-muraro-a-saga-de-uma-mulher-impossivel/>> Acesso em: 20 janeiro 2015

<sup>39</sup> Informação verbal concedida por Marta Suplicy em janeiro de 2015.

assemelhava-se as seções “cartas dos leitores”, “consultório sentimental” e “depoimentos”. As estratégias e linguagens adotadas também seguiam os mesmos padrões: jornalismo de serviço visava à possibilidade de soluções imediatas para diversos problemas do cotidiano; desenvolver a função psicoterápica de reconfortar e aliviar ao recorrer aos sentimentos; utilizar uma linguagem coloquial para aproximar-se às mulheres como se fossem amigas e companheiras confidentes.<sup>40</sup>

O quadro Comportamento Sexual de Marta Suplicy, valia-se de estratégias como estas para estabelecer um canal de mediação com as telespectadoras:

“Querida Marta,

Obrigada pela resposta da terceira carta que eu mandei. Eu continuo adorando este programa.

Eu só fico triste quando chega alguma carta criticando você, eu não consigo entender como alguém possa não gostar de você. Você é uma pessoa simples e maravilhosa.[...]

Marta eu continuo dormindo cedo o meu marido não deixa eu assistir televisão até tarde, será que não daria para o Sr. Nilton Travesso colocar o Malu Mulher, na TV Mulher eu assistia o Malu Mulher mas só quando meu marido estava desempregado agora esta trabalhando e nunca mais eu pude assistir o Malu Mulher. [...]

Marta eu já lhe disse na outra carta que você é minha amiga por isso eu vou lhe dizer uma coisa, leia só para você ta.

Eu soubece que iria morrer e pudece escolher um desejo. Sabe o que eu escolheria, passar toda a manhã nos istudios da TV Mulher.

Eu tenho todos vocês como os meus amigos, porque vocês eu posso escrever tudo que eu estou sentindo e recebo as respostas de um modo direto e gentil por isso eu sinto como se estivece conversando com voceis. [...]

(São Paulo - SP, 16/12/1980)<sup>41</sup>

Esta telespectadora, impossibilitada por que um marido não a permite ficar acordada até mais tarde, lamenta não poder mais assistir a sua telenovela de preferência, que lhe permitia fantasiar com a vida de uma mulher mais autônoma de si que enfrentava problemas do cotidiano semelhantes aos dela. Sem ter alguém em que possa confidenciar seus pensamentos e sentimentos volta todas suas atenções à Marta Suplicy e a toda equipe do TV

---

<sup>40</sup> Esta perspectiva de análise da mídia impressa da imprensa feminina que adotamos também para analisar a mídia televisa já foi trabalhada no capítulo anterior.

<sup>41</sup> Toda a documentação será transcrita mantendo a grafia original de seus autores. A fim de aprofundar uma maior compreensão dos telespectadores missivista, buscaremos transcrever partes consideráveis das correspondências.

Mulher, tratando-os como os amigos mais próximos que ela possui. Para ela o programa seria ponto de fuga de sua realidade e uma fonte agradável de entretenimento diário.

A maneira de como tratava a temática sexual, considerada por suas telespectadoras como direta, séria, leve e de forma clara, fez com que muitas passassem a admirá-la. Pensavam em Marta como uma amiga “experiente” e íntima em quem podiam confiar suas histórias, segredos, medos e culpas:

“[...] eu quero dizer a você que eu adoro você, adoro seu jeito de ensinar, aconselhar, orientar, gosto do seu jeito, só lhe escrevi sobre todos os meus problemas porque confio em você e acredito que você possa me ajudar preciso de conselhos, eu acho que não é necessário escrever p/ outras sessões você pode me ajudar, você é a pessoa que eu mas confio. Sua amiga que muito te admira, confia e gosta muito. [...] Obrigado”

(Adolescente de 16 anos. Guarulhos-SP, 13/02/1981)

“Realmente você é uma pessoa muito aberta e legal, sabe vou me casar dia 14 próximo e muitas coisas que eu não sabia e não ia saber tão logo por não ter condições de comprar livros e por minha mãe não saber responder minhas perguntas, com você tive respostas claras e abertas as minhas e isto me fez agradecer de pleno coração, por tudo você tem proporcionado por meio deste magnífico programa.”

(Adolescente de 17 anos. Caucaia do Alto - SP, 10/02/1980)

A psicóloga inspirava em adolescentes como estas, um sentimento de intimidade e confiança que elas não encontravam em suas casas e entre seus pais ou familiares. Na expectativa de encontrar uma solução para seus problemas ou em busca de alguém para desabafar, confessavam a Marta Suplicy seus medos e anseios:

“Dra Marta.

Desculpe chamar assim amiga. Porque mesmo a senhora não ter respondido nossa carta de 01/12/80 agente gosta da senhora doutora.

Essa é a nossa converça nossa eu a minha mulher, a gente diz querida pessoa é a Marta. Na outra carta a gente falou da senhora e de nós, pena se não recebeu.

Doutora Marta, o seu trabalho na TV é ótimo porque essas respostas positivas que a senhora dá não tem recursos para pagar consultas. É da senhora que recebem grátis, pode ficar certa que é de muita valia. Pena que o espaço é curto na TV. Olhe doutora Marta, hoje a senhora estava muito bonita vestindo uma linda blusa hoje 26/12. Vá em frente que aqui a gente lhe aplaude.

Doutora desculpa a curiosidade para com a senhora, mas a gente gosta da Dra Marta.

Um abraço dos amigos [...]” (Casal. Pelotas - RS, 26/12/80)

Apesar de evidenciar o reconhecimento que o casal tem por Marta Suplicy ao tratá-la como “doutora”, não deixam de relatar os elogios e afetos que sentem por ela devido à maneira como lidava com a temática e o público na televisão aberta brasileira. Compreendem que Marta Suplicy desenvolve um trabalho de grande utilidade para pessoas que não tem recursos para pagar a um especialista.

“Habitualmente vejo seu programa na TV Mulher. Gosto muito de sua maneira meiga e gentil de falar conosco e principalmente de seus conselhos e palestras sobre como deve ser o nosso comportamento Sexual. Sua forma franca , sincera e objetiva de conduzir os problemas sexuais. [...]

Minhas amigas e cunhadas nunca tocaram nestes assuntos comigo e eu não me atrevo a conversar com elas porque acho que o assunto [sexo anal] muito íntima e daqui a pouco toda a comunidade estará sabendo e comentando. Acho que a vida íntima de um casal deve ser preservada.

Espero que você seja minha amiga e procure dizer-me uma palavra.”

(Telespectadora de 52 anos. Rio de Janeiro - RJ, 28/06/1980)

Muitos destes telespectadores relatam não ter a oportunidade de receber uma educação sexual. Relatam os ambientes em que vivem como sendo repressivos e conservadores, bem como descrevem pais e educadores que não os informavam adequadamente sobre suas sexualidades. Pela falta de informação, medo e até mesmo vergonha essas telespectadoras recorriam à única pessoa com conhecimentos sobre o assunto e que atendia as dúvidas de pessoas como elas:

“Querida Amiga,

[...] Meu problema é o seguinte:

Meus pais nunca me informaram nada sobre sexo e o pouco que sei aprendi com você “escondida”; pois minha mãe chega até a desligar a televisão no seu quadro veja só quanta ignorância junta.

Minhas amigas até dão risada de mim quando sai algo sobre o assunto de sexo e ela percebem que eu não sei quase nada.

Eu tenho 16 anos e quando tive minha 1ª menstruação (até envergonho de dizer) eu pensei que eu tivesse me machucado. Fui até minha mãe com muito medo e ela me disse: - Isso é normal, você está menstruada pela 1ª vez e isso vai acontecer todo mês. Depois disso me deu um pacote de modess e nunca mais me disse nada, por ai você vê como eles são. Se eles descobrirem que eu escrevi para você, eu nem sei o irá acontecer comigo.”

(Adolescente de 16 anos, Penápolis - SP. 30/01/81)

“Quando criança não tive nenhuma informação, pois quando perguntava alguma coisa a minha mãe, ela dizia – “quando você crescer mais eu te explico, agora você não vai entender nada”- e nunca mais se tocava no assunto.”

(São Paulo - SP, 08/04/1981)

Adolescentes e mulheres adultas contam ter recebido ao longo de suas vidas uma educação sexual repressora ou omissa que as levaram a reprimir suas dúvidas quanto aos seus corpos e sexualidades. Também presentes nas narrativas dessas telespectadoras, exemplos de profissionais da saúde que geram dúvidas maiores ou até mesmo recusam-se em abordar o assunto:

“Olhe este não é um problema só meu [sexo na gravidez] quando vou ao médico fazemos um grupinho de mulheres e discutimos o assunto o interessante é que cada uma sabe menos que a outra, já tentamos falar com o médico mas ele é tão fechado que não temos coragem, na ultima consulta que fomos enquanto ele não chegava fizemos um acordo de que eu escreveria para você e ficaríamos a partir de hoje na expectativa de sua resposta.”

(Santos - SP, 20/02/1981)

A relação estabelecida entre Marta Suplicy e seus telespectadores, remonta a aquela descrita por Foucault como sendo entre aquele que confessava e aquele que desenvolvia papel de ouvinte. Para o filósofo, falar sobre a intimidade de seus pensamentos carrega semelhanças ao sacramento da confissão e os poderes pastorais estabelecidos pela Igreja Católica. Em um Brasil em que a presença do catolicismo se fez presente, o sacramento do ato de se confessar colaborou para o estabelecimento de um método confessional eficiente na produção da verdade sobre o sexo:

“A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização do poder. [...] A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passados e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; [...]. Confessa-se - ou se é forçado a confessar [...]. A obrigação da confissão nos é, agora, imposta a partir de tantos pontos diferentes, já está tão profundamente incorporada a nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage; parece-nos, ao contrário,

que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não "demanda" nada mais que revelar-se [...]" (FOUCAULT, 1999: 59)

Assim, os indivíduos são conduzidos pelo poder pastoral a dizer as verdades sobre si e com isso analisarem suas sexualidades e desejos, mesmo que haja a obrigação de se manter o segredo devido às regras da modéstia e decência. Como identificar as verdades sobre si a fim de controlar os desejos? Para Foucault são desenvolvidas técnicas que levam os indivíduos a compreenderem quem realmente são. O cuidado de si não conduz os sujeitos por meio de práticas coercitivas, mas por práticas de autoafirmação:

“[...] que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.” (FOUCAULT, 1994: web)

Para um monge cristão atingir a pureza e a Deus, ele não pode confiar apenas em si para determinar o que realmente é bom. Em uma prática ascética, ele confessa seus pensamentos mais íntimos a um mestre e de forma obediente segue todas suas determinações. O monge revela-se e renuncia a si como sujeito ao verbalizar os pensamentos, os movimentos mais íntimos, suas intenções e o que se passa em sua mente. Em uma luta incessante, o monge deve controlar corpo e alma contra as impurezas que lhe possam afligir. O corpo, como prisão da alma e sede dos desejos sexuais, tornou-se algo suspeito. Seria ele a sofrer com as humilhações impostas por “Deus” pelos pecados da alma. (SANT’ANNA, 2011: 17)

Esta confissão passa a ser o reconhecimento de alguém de suas próprias ações e pensamentos. O ato de confessar ao longo do tempo perde seu aspecto ritualístico ao difundir por outras esferas: justiça, medicina, pedagogia, relações familiares, relações amorosas, na vida cotidiana e nos ritos mais solenes. É marcada, por exemplo, pelas relações entre médico e paciente, delinquentes e peritos, pais e filhos, pedagogos e alunos. Nesse sentido, Foucault argumenta que pertencemos a uma sociedade que articula o saber sobre sexo não como a transmissão de um segredo, mas como algo a ser confidenciado não se tratando apenas “de dizer o que foi feito – o ato sexual – e como; mas reconstruir nele e ao seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que contém.” (FOUCAULT, 1999: 62)

Marta Suplicy apreende que sua presença enquanto sexóloga na televisão preenchia o espaço deixado pelos pais e os educadores em geral. Acreditava estar cumprindo um papel social necessário como educadora em um período visto por ela como de transição nos valores,

cultura e política para o país. Assim sendo, reconhece também ter consciência em ser pioneira ao falar de sexo na televisão brasileira. (SUPLICY, 1985: 294)

Marta defende que a transmissão de valores sobre o que é certo ou errado em uma sociedade diversificada como a brasileira seria de responsabilidade dos pais e como educadora não caberia a ela tomar esse lugar:

“Não percebo o meu papel nem o de nenhum educar como sendo o de impor a conformidade e um determinado padrão de comportamento, mas sim o de proporcionar novos conhecimentos, estimular o questionamento do que se sabe e proporcionar o intercambio de opiniões que levam a decisões individuais. Isto é, a proposta é de propiciar o crescimento através da busca da verdade. E a verdade não é a mesma para todos.” (SUPLICY, 1983: 29)

Em seu contato com o público, Marta nota que os pais sentiam-se inseguros em educar nesses “novos tempos”. Se antes existiam verdades sobre o casamento, virgindade, desquites e moças solteiras, nesse período de transição há novas possibilidades que são agora aceitas. Esses pais crêem que ao educarem seguindo os novos tempos poderão incentivar as práticas que destroem a ignorância e a virtude infantil. Outros pais passaram a avaliar e/ou reavaliar a educação que dão aos seus filhos, desejosos por uma que entendem ser mais adequada e supere as educações “repressoras” e repletas de tabus que vivenciaram.

“Querida Marta.

Somos duas mulheres que assistem na medida do possível a TV Mulher, mas procuramos não perder a parte que apresenta, ou seja, Comportamento Sexual.

Queremos parabeniza-la, pois o seu trabalho tem ajudado a todos, pois cada pessoa tem sua parte de duvida e até mesmo ignorância crescer assunto.

Temos crianças pequenas que já começaram à se interessar em saber um pouco das coisas. Gostaríamos de aprender um pouco mais para explicarmos com naturalidade a eles, pois como é horrível a gente aprender tudo errado ou não aprender, afinal nós ainda somos de uma geração que muita coisa era errado e repleta de tabus. Temos 23 e 20 anos respectivamente. Somos vizinhas e já contamos de 6 e 4 anos de casamento, o que não é fácil somos mulheres de mente aberta e contamos com o apoio de nossos maridos que também são jovens. [...] Mas nos escrevemos para pedi que se possível você dê a relação dos livros de educação sexual que seriam por idades.[...]”

(São Paulo - SP, 24/04/1981)

“Acabo de ouvir por intermédio, a leitura de carta de uma mineira como eu [...] e fiquei triste e contente ao mesmo tempo.

TRISTE por ver que há pessoas ainda que não evoluíram e nem querem.

Digo isso, por que ainda ontem comentava com meu marido sobre o meu despreparo para o casamento quando nos casamos, há 25 anos – e ele respondeu falando do dele.

E o pior é que não tínhamos consciência disso, naquela época. Hoje sofro muito, porque, embora meus filhos sejam maravilhosos, um com 23 anos [...] como o irmão de 19.

Mas eu sinto que eles, lá no fundo tem algum problema, resultado da educação castradora que lhes dei, achando que era o certo, super protegê-los. Além disso o mais velho foi mais infeliz por ter estudado sempre em classes masculinas o que o tornou inibido com as mulheres, de certa forma.

Se tivéssemos tido naqueles anos de 56/57 para cá um programa como o TV Mulher, com a orientação como a sua talvez as coisas tivessem sido melhores e estou certa que sofrimento teria sido evitado. O sexo quer queiram ou não é muito importante na vida da gente. E me sinto culpada pelos possíveis problemas que possam não ter remédio; que causei aos meus filhos, que tanto amo.

Fiquei CONTENTE de aprender com a senhora e encarar sexo como coisa bonita, humana e que foi por Deus, é claro.

E assim sendo, porque não dizer com franqueza e sinceridade, honestidade o que deve ser dito a respeito do sexo, para que no futuro haja menos gente como eu? Com sentimento de culpa, embora não pudesse dar o que não tinha não é verdade?

Deveria haver sempre esse tipo de informação, porque a gente aprende e tenta transmitir. Os mais jovens talvez possam entender que nossa orientação era boa, despreparo é que não é bom.

E com isso, que aprendam a ser felizes com o sexo vivido bem saudavelmente, sem complexos. O meu muito obrigada e abraços.

PS. Fico contentíssima de ver uma pessoa como vocês, responde uma carta com delicadeza com que você responde. Avante!”

(São Paulo - SP, 15/08/1980)<sup>42</sup>

Nesta última correspondência, com bem escrita por uma mãe, nota-se a incorporação de palavras e termos utilizados por Marta Suplicy referentes à educação sexual – “educação castradora”; “sexo como coisa bonita”; “aprender a ser feliz com o sexo vivido de forma saudável, sem complexos” – o que a levou a sentir-se culpada por possíveis problemas que possa ter causado aos seus filhos, embora reconheça que possam ter sido frutos de seu despreparo e falta de orientação. Não deixa também de conciliar sua fé com este “novo

---

<sup>42</sup> Rememorando sobre o impacto positivo que seu quadro televisivo teve na vida de seus telespectadores, Marta Suplicy recorda-se de um fato semelhante: “Um dia na fila do supermercado uma senhora me cutucou e disse - Olha, eu não suportava o seu programa. Mas eu ficava cozinhando, o programa ficava passando eu o ouvia. E eu comecei a achar que, puxa vida, se eu tivesse tido alguma coisa assim teria sido muito bom para mim. Aí passei a falar para as minhas filhas que elas tinham que assistir - Então eu não só ouvia coisas ruins, mas também coisas boas.”

modelo” de educação sexual. – “sexo como coisa bonita, humana e que foi feita por Deus, é claro”. Na continuação de sua correspondência, pede a Marta Suplicy que faça uma palestra em uma paróquia no bairro de Higienópolis na cidade São Paulo, para orientar e atrair para a Igreja os jovens que se afastam da mesma devido a possíveis medos e repressões:

“Seria maravilhoso, porque são jovens carentes dessas informações e com essa palestra, que sabe até traríamos de volta para a comunidade os que se afastam?”

Há ainda pais que se questionavam se seria possível conciliar a educação sexual “moderna” proposta por educadores e especialistas junto aos bons costumes e os preceitos bíblicos:

“Assistindo a um seu programa na TV Mulher, ouvi-a aconselhar a uma viúva que praticasse a masturbação. Sendo eu católica, e sabendo que a Igreja considera essa prática pecado mortal, pergunto-lhe se você encontra apoio em alguma autoridade eclesial para tratar do assunto.

Mesmo que você não seja membro de qualquer religião, penso que deveria respeitar seus conceitos, a menos que possua o respaldo.

Sei que há até orientadores educacionais que aconselham seus alunos a praticar o onanismo, como benéfico.

Ora, tenho 3 filhos adolescentes, e me encontro no centro de teorias conflitantes, o que muito me confunde. Poderia você me elucidar?”

(São Paulo - SP, 20/09/1982)

Esta mãe, apesar de afirmar estar confusa, questiona se existem fundamentos cristãos e científicos que afirmem ser benéfica a prática da masturbação que há anos é condenada pela Igreja e por médicos. Tenta, com certa relutância, ir atrás de informações que a possibilite educar sexualmente seus filhos sem nenhum sentimento ao conciliar as novas “teorias” que possam respeitar sua fé.

“Querida Marta

Em primeiro lugar quero parabenizá-la pelo seu programa. Apesar dos “contras” que fazem o seu respeito eu a admiro bastante.

Quero através desta falar um pouco sobre um assunto que você está falando muito ultimamente. Sobre sexo antes do casamento e as suas consequências.

Acho de muita importância as explicações que você dá, pois tive essa experiência e sei a “barra” que é.

Eu, particularmente, fui deixada para pó um sentimento sincero e graças à Deus deu certo, pois agora ele é o meu marido, e até hoje, já com 2 anos de casa nunca tive problemas, tipo de jogar na sua cara alguma coisa, pois assumimos juntos o que fizemos.

Isso é muito importante, pois mesmo eles se casem, sempre há um medo, ele jogue na cara o que fizeram juntos.

Imagino então aquela que experimentou antes de casar, e que aquela que experimentou antes de casar, e que “esse” não seja, ou não será o seu marido.

É realmente muito difícil para os pais, pois eu “tapeei” a minha mãe por quase 3 anos. Comecei a praticar com 15 anos e me casei com 18, (c/ o mesmo), isso é importante frisar, pois quando ela soube, fiquei tão envergonhada que não tinha coragem de encará-la ou conversar com ela, pois sabia que aí viria 1001 perguntas, que eu não iria responder, como: Onde foi? Quando foi? Por que?

E depois que ela soube, me levou à ginecologista, onde eu já havia ido c/ meu noivo, e tive que fazer uma série de tratamento inclusive cauterização. Foi horrível. E a vergonha que eu passei?

É muito gostoso na hora, antes, nos planos, mas e depois?

Por esse motivo, eu continuo achando que você está de parabéns falando, explicando sobre isso.

Eu não tive preparo nenhum, para mim era novidade, pois com 15 anos, o que eu entendia? Se fosse hoje, eu não faria.

Não recrimino as que fazem, mas quem faz, pense bem, pense antes, durante, e o que será depois o mais importante.

Marta, eu acho que essas mulheres que te escrevem minando o que você fala estão é com inveja, pois não sabem de nada e querem ser bem sucedidas como você e não conseguem.

Fica aqui o meu abraço e o meu carinho.”

(São Paulo - SP, 17/06/1982)

Ao relatar a experiência marcante de perder a virgindade ainda na adolescência, esta telespectadora deseja dar sua opinião de quanto uma educação sexual ainda na adolescência é importante para conscientizar os jovens sobre as possíveis consequências de uma vida sexual ativa. A vergonha de contar a sua mãe e por passar pela situação considerada embaraçosa de ir ao ginecologista (mesmo que aliviada por ter casado com seu namorado de então) a telespectadora espera que outros jovens não enfrentem a mesma “barra” e “vergonha” que ela.

Para Marta Suplicy, exemplos como estes levam a uma situação conflituosa entre as gerações uma vez que ao deixar o jovem envolto em dúvidas quanto a sua sexualidade e o próprio corpo pode-se correr o risco de levá-lo a aprender da pior maneira possível, como por exemplo, uma gravidez indesejada. Para ela, educa-se de diversas maneiras, e ao optar em não dizer nada os pais ou os educadores em geral, já dizem algo, ou seja, já assumem uma postura

repressiva. Uma “má educação castradora e cheia de tabus” leva a formação de pessoas cheias de conflitos internos e culpa.

Ela enumera cinco princípios éticos para uma educação sexual adequada: 1- O respeito por si próprio e pela sua dignidade como pessoa; 2- O respeito ao outro. A ninguém é permitido ver o outro somente como meio para satisfazer suas necessidades; 3- O acesso à informação. Responder o que a criança perguntar de forma honesta e sem preconceito; 4; Ajudar a criança a desenvolver seu espírito crítico; 5 – Igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Dentre alguns dos telespectadores do quadro Comportamento Sexual, encontram-se aqueles que buscam conciliar as orientações dadas pela sexóloga as suas próprias convicções. Ponderam quanto à validade de uma educação sexual no meio televisivo e a maneira como é abordada por Marta Suplicy.

“Prezada Marta

Com todo respeito e admiração escrevo-lhe esta.

Há dezoito anos grávida de minha filha um curso no mesmo esquema de seu programa foram 8 dias maravilhosos em que aprendi muita coisa importantíssima a professora chamava-se \_\_\_\_\_, portanto tudo o que você fala não me escandaliza os nossos órgãos sexuais são parte integrante do nosso organismo portanto criado por Deus.

Sou coordenadora de cursos de noiva, só coordeno não dou palestras portanto tudo que ouço é importante para eu orientar as palestrite ou elas quando podem sempre ouvem

Acontece Marta que pelo que eu já notei você é uma apologista (ilegível) da anti-virgindade e do aborto, quando você faz suas pesquisas no mini-auditório a respeito e se alguém contesta você da sempre um geitinho de contornar a situação à favor da anti virgindade.

Sei que seu programa não é conselheira sentimental, mas o ser humano não é um animal que possa transar a hora que quer com quem quiser.

Sempre criei os meus filhos na maior liberdade, mas sempre orientando-os e lhes digo aos casal que “graças a Deus continuam comigo a mais velha é cazada” cuidem-se la fora porque aqui em casa vocês estão mais seguros.

Quando minha garota vai à bailes, festinhas, telefone aos amiguinhos dela que olhem por ela e a tragam para casa, dou-lhes um voto de confiança e eles gostam, ela é uma garota moderna mas graças a Deus com uma mente sã detesta essa tal de amizade colorida, o meu filho é um rapás maravilhoso nunca me deu desgosto graças a Deus, sempre lhe digo, meu filho respeite as meninas, lembre-se que o corpo é o Templo de Deus no espirito santo, ele, olha para mim com cem

sorriso maroto e diz – já vem a mamãe com seus sermões e bate um papo comigo, ele tem 22 anos.

Minha filha cazada sempre fala, que adora como foi criada e horroriza de ouvir as amigas dela contam como foram os pais, e diz que eu apesar de ser severa sou liberal e não “permissiva” (palavras que adoro da Xenia). [...]

Marta não sou nenhuma super mãe erro muito pensando acertar aí eles dão aquela bronca e me dão aquela lição mas eu ouço nem sempre à gosto pois eles são jovens e tem sua vida própria, minha filha detesta que lhe peça a (ilegível) diz que não é mais criança para ser fiscalizada é malandrinha não gosta de estudar, diz que terminando o colegial não vai continuar os estudos termina este ano imagina só!

Desculpe-me se a incomodei com uma carta tão longa, mas gostaria de escrever-lhe muito mais [...].

Muito obrigada

Tenho 48 anos e sou sua fã

A mesma”

(Barretos - SP, 27/09/1982)

Nesta correspondência a telespectadora do interior de São Paulo afirma ter sido educada sexualmente quando ainda jovem e grávida de sua filha. A professora marcante em suas memórias a fez entender que não se deve “escandalizar” pelo assunto uma vez que os órgãos sexuais “são parte integrante dos nossos organismos criados por Deus”.

Para ela, fé e sexualidade são complementares excetuando determinados assuntos que possam contradizer alguns dos dogmas cristãos, como a sacralidade dos corpos e da vida humana. Apesar de afirmar ser uma fã e de demonstrar possuir certa intimidade com a apresentadora, não deixa de criticá-la quando sua fé cristã está sob o que julga ser um ataque. Justifica seu posicionamento afirmando que seus filhos receberam uma “boa educação” e que os mesmos mantêm uma boa relação com ela: “minha filha cazada sempre fala, que adora como foi educada [...] diz que sou liberal e não “permissiva”.” Orgulha-se de sua filha que apesar de “moderna” repudia o que relacionamentos classificados como “amizade colorida” e de seu filho que a escuta quando advertido sobre a sacralidade dos corpos femininos.

Apesar de considerar não ser uma “supermãe”, entende que através do diálogo e da liberdade concedida aos seus filhos a faz estar em um caminho certo em suas educações: “erro muito pensando em acertar aí eles dão aquela bronca e me dão aquela lição mas eu ouço nem sempre à gosto pois eles são jovens e tem sua vida própria [...]”.

“Exma. Snra.  
Dra. Marta Suplicy  
a/c. da T.V. Globo

Prezada Senhora:

Devo confessar que não é sempre, ou melhor dizendo, todos os dias que tenho oportunidade de assistir ao programa “TV Mulher” no qual a Doutora participa no quadro “Educação Sexual”.

No entretanto, quando é possível, não perco esse programa e devo dizer que a sua apresentação particularmente me chama atenção, por se tratar de uma assunto muito atual e que realmente necessita de muito esclarecimento.

Mas, devo ser sincero e dizer que muitas vezes esse assunto vem sendo tratado de uma maneira muito vulgar, isto é, sem levar em consideração as suas características que atingem os sentimentos de religiosidade de nosso povo e que embora nós tenhamos que acompanhar a evolução do mundo e não parar no tempo, acredito que também temos obrigação de não cooperar na total materialização de tudo que vem ocorrendo na humanidade.

Assim sendo, estou enviando à Doutora uma fotocópia de um artigo que retirei de uma revista e que acredito, - esclarece bastante nossas idéias sobre o assunto “SEXO”.

Sem mais para o momento e esperando que esta minha atitude sirva apenas de uma pequena colaboração para o seu programa, subscrevo-me

Atenciosamente”

(Bauru - SP, 25/05/1982)

Ainda que considere a educação sexual necessária e atual para o período, este telespectador faz observações quanto à maneira como é tratada. Para ele, em muitas ocasiões os assuntos são tratados de forma vulgar e desrespeitosa para a “religiosidade de nosso povo”. Em seu entendimento, a sociedade brasileira não é estática e que deve acompanhar a “evolução do mundo”, porém entende que a espiritualidade deve ser levada em consideração em detrimento do que entende ser uma “materialização” da sexualidade humana.

“Prezada Senhora Marta Suplicy

Tenho assistido “TV Mulher” sempre que posso e também leio a revista “Veja” e a “Folha de São Paulo”.

Assim esclareço que vi as reportagens e assisti ao seu programa onde “fala às damas de Santana”.<sup>43</sup> Não sou de Santana e nem assinei

---

<sup>43</sup> As “Senhoras de Santana” ou “Damas de Santana” foram um grupo de mulheres que se reuniam para reflexões sobre o Evangelho e para ações de caridade. Estas mulheres pertenciam em sua maioria à classe média do bairro paulistano de Santana. Na década 1980 este grupo de mulheres se mobilizou em combate a tudo que consideravam ser imoral na sociedade e mídia brasileira. Acreditam ainda que o “comunismo internacional” estaria financiando ações que visavam destruir os valores ocidentais e cristãos. Em diversas situações as

o referido abaixo-assinado, mas ouvindo sua explicação no programa, achei por bem entender ao seu apêlo no sentido de opinar.

Acho você uma pessoa super esclarecida com uma simplicidade no falar muito agradável e insinuante, porém concordo que para o horário de seu pronunciamento essa simplicidade se torno perigosa e até, às vezes, prejudicial.

É claro que esta senhora que a cumprimentou no aniversário de “TV-Mulher” foi sincera. Acredito até que hajam dezenas delas, mas veja bem foi uma senhora. O risco que vejo no seu programa é por ser no horário que é, acessível à criança e pessoas de todas as idades. Acho que seria super válida e necessária uma boa orientação sexual, mas com o sexo sem que a sua evolução na vida de uma pessoa, sua orientação também deve ser dosada de acôrdo com a esta evolução, não antes como pode acontecer com seu programa neste horário, aberto a todas as idades, e nem depois como erroneamente acontece em grande número de famílias. Assim entendo que as Senhoras de Santana foram muito mal analisadas no vídeo, pelo que pude entender na matéria publicada.

Sabe, sou uma simples mãe e na educação sempre acho o equilíbrio o mais sensato. É muito difícil esclarecer e orientar faixas etárias tão variadas sem criar choques e problemas que muitas vezes poderão ser graves. Naturalmente o balanço dos resultados cabe exclusivamente a você e sua equipe de trabalho, é lógico, que não falo do “Ibope” porque este assunto de Ibope em qualquer evento, por ser o próprio motor gerador. Falo dos resultados em têrmo de educação-formação orientação positiva.

Também me preocupo com as situações com o posicionamento que muitas vezes a gente tem que tomar porém no meu caso apenas meia dúzia de pessoas me ouvem, meu mundo é restrito, no seu milhares ouvem, sem dialogar, assim para você tudo se torna mais difícil de um lado.

Bem esta é a minha resposta ao seu apêlo. Sem mais [...]  
Um abraço”

(São Paulo - SP, 12/05/1981)

Logo no início desta carta a telespectadora afirma estar acompanhando através de jornais e revistas os imbróglgios entre a sexóloga e as “Damas de Santana” alegando não pertencer ao referido grupo e de não ter tomado parte de qualquer abaixo-assinado contra o programa. Porém, atende ao pedido da sexóloga para opinar sobre esta situação.

Acredita que a maneira “simples”, “agradável” e “insinuante” de Marta Suplicy tratar a temáticas sexuais no horário matutino não é adequado para crianças que durante este horário

---

“Senhoras de Santana” promoviam abaixo assinados contra a “pornografia” presente em jornais, programas televisivos e novelas. Geraram discussões na mídia brasileira devido à apreensão quanto a um possível endurecimento da censura devido à atenção que o então ministro da Justiça do Governo Figueiredo dispensou ao grupo durante a entrega destes baixo assinados em Brasília. Ver: Revista de História da Biblioteca Nacional. As 'Senhoras de Santana'. Disponível em: < <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/conteudo-complementar/as-senhoras-de-santana>>. Acesso em: 05 Setembro 2014.

podem acompanhar. Entende que a educação sexual é válida e necessária para as famílias brasileiras desde que se leve em consideração as faixas etárias. Uma educação sexual televisiva deveria ir ao ar em um horário mais avançado destinado apenas a adultos.

Evidencia-se nesta correspondência a relação estabelecida entre uma autoridade do saber médico e uma telespectadora ordinária, na qual esta última considera-se uma “simples mãe” que preza por educação “equilibrada” e “sensata”, no entanto reconhece a “sexóloga” e apresentadora, que a seu ver deve fazer uma avaliação de seu trabalho a partir de critérios próprios. Reconhece viver em um mundo restrito no qual poucas pessoas escutam sua opinião enquanto que Marta dirige-se a milhares de pessoas, colocando-a em uma situação delicada.

“Marta,

Parabéns a você e sua equipe, pois vocês estão conseguindo manter na TV um programa tão importante à brasileiros qto mau olhado e mau interpretado por muitas pessoas.

Posso lhe assegurar este “mau olhado e mau interpretado” levando em consideração o universo onde eu convivo com meus familiares. Os homens na sua total maioria a condenam e as mulheres a aplaudem. Já aprendemos a compreender mais sobre educação sexual e atividade sexual ouvindo vocês.

Meu pai que tem 82 anos já censurou seu programa por diversas vezes aqui em casa, mas insisto dou um tempo e volto a ver seu programa novamente. Eu entendo o semblante horrorizado e ruborizado de meu pai qdo assiste seu teu programa, vem de uma geração passada com completo tabu em matéria de sexo, mas não lhe dou o direito de tolhar minha informação.

Marta, não se preocupe com isso, foi a partir do descobrimento do seu programa que meu pai e eu e o resto da família passamos a comentar um tiquinho desse assunto.

Minha mãe com sua total simplicidade e sabedoria apenas diz: pena que eu não tenha tido todas essa informação que vocês tem a glória de ter, não teria incorrido em erros absurdo. Teria vivido sexualmente e não vegetado, minha vida seria completamente diferente.

Marta continue com o programa que eu considero absolutamente sem tendências e extremamente necessário a todos nós. Pense na possibilidade de colocar algumas vezes, alguns homens falando no seu lugar, de problemas sexuais, orientando e explicando com linguagem bem simples (assim como você), quem sabe assim os machões daqui se interessariam pelo assunto.

Acredito que homens e mulheres deveriam ter informações minuciosas sobre esse assunto e responsabilidade também pois só assim poderemos falar de sexo sem malícia, tal qual se fala em consultório médico sem malícia mas com respeito.

\*Solteira, 33 anos, sou a quem mais meus sobrinhos fazem perguntas sobre sexo, procuro responder naturalmente e se não sei não nego dizer.

Marta, um grande abraço.”

(Arcadas - SP, 19/12/1982)

O ambiente familiar retratado nesta correspondência demonstra os conflitos que surgem entre as gerações quando a temática sexual passa a fazer parte das discussões. Mesmo censurada por seu pai de 82 anos por assistir ao quadro de Marta Suplicy, esta telespectadora não aceita mais sua autoridade quando considera que as informações prestadas são importantes para ela. Entretanto, não deixa de reconhecer que tais conflitos surgem devido à maneira como as gerações passadas foram educadas.

Em seu entendimento, os maiores críticos a Marta Suplicy são em sua maioria homens como seu pai. Já as mulheres a “aplaudem” e entendem a relevância do assunto para suas vidas, lembrando que sua mãe que lamenta a vida que levou por não ter recebido tais informações enquanto jovem. Para melhorar esta situação, chega a propor que o quadro de Marta também traga homens para falarem sobre suas sexualidades da mesma maneira simples como ela e com isso abrir diálogos que conciliem homens e mulheres nas em suas conquistas sexuais.

Importante destacar nesta correspondência é que o quadro de Marta Suplicy na televisão brasileira abriu caminho para que muitas famílias passassem a dialogar de alguma maneira sobre sexo. Ao passo que as falas da sexóloga provocam mudanças liberalizantes e normatizavas na mentalidade e na conduta de homens, mulheres e jovens quanto a suas sexualidades, a possibilidade de abordar a temática pela primeira vez graças a um programa televisivo foi transformadora. O debate que se formou acerca do programa rompeu com barreiras que até então não era vislumbradas por muitos brasileiros do período.

As críticas ao quadro Comportamento Sexual tendem a considerar o trabalho desenvolvido por Marta Suplicy como imoral, inapropriado e até mesmo desnecessário. Alguns identificam como pornográfica as informações prestadas. Relacionam a sexóloga à atividade da prostituição e acusam-na de colaborar para o desvirtuamento moral da “família brasileira”, de mulheres e das novas gerações:

“Marta Suplicy

Por que razão você incentiva tanto os telespectadores a degradação moral, a falta de pudor?

Por qual motivo você levanta o mínimo valor moral? Seja: homossexual, lesbicos, mulher de (amor) livre, praticantes de aborto (homicidas), tomador de drogas, etc... Será que você não tem a mínima consciência, do absurdo desvalorado e imoral que vive a transmitir diante de um vídeo de TV? Será que você consegue ter um sono tranquilo e abençoado? ou dormes dopada de drogas. Porque você é tão deformada mentalmente? Que ambiente permissivo foste criada e educada? Vieste de um reformatório? Você por acaso pratica todas as lições que defendes para as pobres vitimas incautos? Veja a sua idade e procure usar sua medíocre psicologia para coisa de mais futuro.

Caso você tenha filhos (pobres coitados); procure observa-los melhor e educá-los com decência, moral, e religiosamente; para que não venhas colher frutos podre – pois de árvore sadia só de colhe frutos saudios, mas de arvore doente (que é o seu caso) sinto até pena das vítimas futuras que serão seus pobres filhos. Você talvez seja defensora árdua das criminosas do que geram na ventre (abôrto), em parte você tem razão, sabe por que? Para mulheres que agem e vivem como você, deformadas, anti-cultural, débil-mental, desajustadas (todas as integrantes do TV mulher) já deviam nascerem esteril, ou melhor, deviam ser abortadas, pelo menos teríamos uma menos poluída moralmente.

Creia-me que aqui no Edificio no qual moramos fizemos um boicot, e só ligamos a TV logo após este programa tão medíocre! E por sinal não é, só o programa TV Mulher que cortamos de nossas lares, e sim; quase toda programação da Rede Globo, pois nos parece que quem dirige a mesma, são “homossexuais”; e mulheres “sapatão” pois sinceramente, vicemos decepcionados com tanta sujeira!

Tudo isso deve-se a uma abertura total e seu contrôle que há em nossos dias. Tudo na vida tem que existir freios! A liberdade que as feministas tanto propagam virou libertinagem, e bagunça, mas tudo isto está escrito no Apocalipse. Quem conhecer a Bíblia, você estão enquadrados dentro dos contextos do fim dos tempos. Que pena não?

Sem mais, desejamos (eu, e varias amigas) que crie juízo, responsabilidade, e respeito pra com o publico. Transmita os nossos pêsames e a criadora pobre sequencia (TV Mulher) que deve ter sido ideia de sua pessoa muito ifeliz e recalcada que só tem felicidade de conscientizar os telespectadores (principalmente os jovens) para o caminho da perdição e corrupção. [...]

(Recife - PE, 16/09/1982)

Através deste grupo critico de quatro telespectadoras mulheres, com idade entre dezessete e vinte e três anos, a moral cristã se faz presente: “um sono tranquilo e abençoado”; “procure educar [seus filhos] com decência, moral e religiosidade”; “tudo isto está escrito em Apocalipse. Quem conhecer a Bíblia, vocês estão enquadrados dentro do contexto do fim dos

tempos”. Consideram que Marta Suplicy, uma psicóloga medíocre, deformada-mentalmente, anti-cultural e desajustada, está corrompendo a moral e cultura vigente brasileira ao defender o aborto, as práticas homossexuais e o “amor” livre. Creditam o “fim dos tempos” a total liberdade promovida por ela e outras feministas que não são mais controladas devido a abertura total presente no período.

“Hoje tive a infelicidade em ouvi-la. [...] Minha filha de oito anos estava com a de televisão ligada quando passei pela sala. Parei para ouvi-la e senti muito. [...] Há tanta coisa bonita para se falar com relação ao sexo, que se liga diretamente ou que o sexo faz parte indissociável. Entretanto você esta usando sua inteligência, a sua beleza, o seu conhecimento para falar de coisas desnecessárias. Talvez uma mocinha ou um mocinho não pensem em se masturbar e de hoje em diante vai procurar fazê-lo por meio do seu programa. Creio que estamos mesmo no “fim dos tempos”; agora fico imaginando como será o encontro de certas pessoas com Deus.”<sup>44</sup>

(Manhaçu - MG, 13/06/1980)

Novamente o “fim dos tempos” bíblicos é mencionado para descrever o trabalho desenvolvido por Marta Suplicy. Nesta situação relatada, acreditam que incentivar a masturbação em jovens é “desnecessário” que corrompe a sociedade.

“Dona Marta

Eu gostaria que você parasse, com essa tolice de teu programa. Acho o teu programa, a maior imbecilidade. Você só fala besteiras e muitas safadezas , eu não adimito esses tipos de safadezas para televisão.

Olha, no meu tempo, graças a Deus não existia essas sujeiras, você disse que na quele tempo as pessoas só aprendiam sexo sujo. Olha a aqui! Minha filha! Você devia pensar um pouco no sexo antigo, pois você esta enganada.

Eu graças a Deus, não tive filhos, para quebrar a cabeça, explicando sujeiras e safadezas em felismente criei uma menina do meu 2º marido, um dia ela me fez uma pergunta, a resposta era um castigo.

Eu odiava ela, porque só assim não me fazia pergunta. E eu não estou arrependida do que fiz com ela. Ela não vive mais com migo e me parece que ela escreveu para você e você deve mais o menos saber que é.

---

<sup>44</sup> Esta carta continha a resposta dada por Marta Suplicy a telespectadora: “Tanta coisa bonita para se falar de sexo. Não acho que falei nada de feio. Dada como esperma fertiliza o óvulo (inicio da vida) até educação sexual (para o amor) passando pela masturbação e prazer sexual que fazem parte da [ilegível] Tenho recebido muitas opiniões de pessoas que acham isso bonito e que [ilegível] Quanto as mocinhas que vão ver o programa e se masturbar me preocupa mais as que já se masturbam e se sentem anormais tem imenso sentimento de culpa que as torna assim e atrapalha a realização em várias áreas.”

Olha no meu tempo, as mães sabia criar. Hoje as moças só faltam andar núa, e tem mais, você está fazendo com que as moças se entreguem mais cedo.

Olha, eu graças a Deus não preciso das tuas explicações. O que me parese é que você não sabe realmente de nada.

E olha aqui! Procure, criar, juízo. Procure um trabalho d um circo de safadezas.

Você pode pensar que eu sou uma tola, pois você esta enganada eu sei muito bem do que estou falando. E se quiser saber a minha idade tenho 58 anos.

Responda-me

1º Até que ponto o teu programa vai chegar? <sup>45</sup>

2º Quando é, que você, vai parar de falar safadezas?

3º Porque você não procura um emprego melhor? ”

(Recife - PE, 12/10/1982)

Esta senhora de cinquenta e oito anos considera que Marta Suplicy exerce uma atividade que presta um desserviço à sociedade. Suas explicações desnecessárias servem apenas para levar as jovens, que já andam pelas ruas “nuas”, a perderem suas virgindades ainda mais cedo. Educada de acordo com a moral cristã e de forma repressora, esta senhora pensa o sexo como algo “sujo” e “pernicioso”. Sua aversão a qualquer assunto ligado ao sexo, a faz sentir aliviada em não ter que orientar nenhum filho quanto a esta “safadeza”, e quando teve a oportunidade sentiu cumprir seu papel ao repreender sua enteada por questioná-la.

Mulheres como estas foram classificadas por Marta Suplicy de “bloco monolítico”, denominação que “surgiu da semelhança entre a apresentação mental dessa Mariazinha – sólida, maciça, sem dúvidas – e pedra inteira, impenetrável.” (SUPLICY, 1985: 141) Marta caracteriza essas mulheres como moralistas que em muitos casos são bem informadas e sem preconceito algum, uma vez que seus preceitos não verdades. Quem pensa diferente está errado:

“A informação que quer transmitir é a que ela acredita ser melhor, a vinculada principalmente a Deus e ao amor. Tudo que aborde outros aspectos ou não enfatiza Deus e amor é sentido como ameaçador e, portanto, deve ser excluído. [...] E, tratar de maneira correta [as informações referentes à sexualidade humana] seria não falar claramente a respeito. A falta de capacidade do outro, no caso a minha, fica confirmada no momento em que são abordados temas que as perturbem. A Mariazinha tem que ser muito rígida nos seus pensamentos para evitar qualquer dúvida que abale sua estrutura.” (SUPLICY, 1985: 142-143)

---

<sup>45</sup> Marta Suplicy responde em nota: “Vou continuar prestando todas as orientações.”

Marta Suplicy também recebia correspondências, em sua maioria enviadas por homens, que a criticavam e a buscavam ofender. O modo direto e aberto de falar sobre sexualidade da psicóloga era julgado por estes críticos como sendo semelhante à atividade da prostituição:

“Dona Psicóloga, estou lhe escrevendo esta carta para protestar contra o programa de sexo que você faz, todos os dias, no programa TV Mulher. Nunca pensei na vida que uma mulher que parece instruída pudesse descer a nível tão baixo. Dona Marta Suplicy, o que é você é? É louca, é puta ou apenas faz papel o papel de mulher sem-vergonha na TV? Porque mais sem-vergonha do que você eu nunca vi nem em puta de bordel. Você já sabe que com esse seu maldito programa de sexo você esta arrazando com a família brasileira? [...] Eu já escutei você falar algumas vezes e achei que o que você fala é impróprio até para bordel.[...] Compreende, burra, que seu programa sexual não é de instrução, é de imoralidade e pornografia.”

(Telespectador. São Paulo - SP, 22/05/1981)

“Para Martha.

Sou um negro que tem o membro bem avantajado, mas não é para você porque tenho nojo de mulheres despuoradas, sem moral, metidas a besta.

Quem está na minha mira é o teu filho o Joãzinho. Ele já deve estar bem escolado, pois tem um pai homossexual e mãe degenerada e indecente. Portanto ele está bom pra mim.

O pai já deve ter feito experiências com ele. Não é isso vce. ensina?

Nós homens temos nojo de mulheres que querem modificar a vida dos outros . Sempre vivemos bem todos sabem se virar da hora H.

Nós fazemos gozações dos teus pretenciosos ensinamentos...

Vc. é pior que as putas.”

(Sem local e sem data)

Não tardou para aqueles contrários à presença de Marta Suplicy na televisão brasileira se mobilizassem contra o quadro Comportamento Sexual e exigissem que o mesmo fosse retirado do ar. Dois grupos se destacaram devido a sua notoriedade na sociedade e na mídia em favor da censura ao programa: o grupo das Senhoras de Santana e a organização católica Tradição, Família e Propriedade. Ambos afirmavam defender os valores morais cristãos da família brasileira que se via atacada pela imoralidade com que a sexóloga abordava o sexo na televisão.

Durante os três primeiros anos de exibição do quadro Comportamento Sexual, a Rede Globo de Televisão afirma ter pagado inúmeras multas. Já Marta Suplicy fora convocada a prestar esclarecimentos sobre suas falas ao DENTEL (Departamento Nacional de Telecomunicações) que considerava suas termologias inapropriadas e suas orientações influenciava negativamente as crianças que assistiam à televisão naquele horário. Os textos parciais e as temáticas a serem abordadas no programa eram, em um primeiro momento, submetidos a um censor. Entretanto, Marta Suplicy afirma ter deixado de enviar alguns textos alegando esquecimento até que, em forma de protesto, recusou-se a enviá-los para avaliação.

Em busca de uma maior compreensão e assimilação das orientações dadas pelo DENTEL por aqueles que sentiram-se “agredidos” por suas falas, Marta Suplicy buscou ler todos os cadernos dos censores que continham as manifestações contrárias ao seu quadro. Proibida de abordar determinadas temáticas, como a prática de sexo anal, e liberada para falar outras, como a prática de sexo oral, ela alegava não saber explicitamente o que dizer ou não.

“Quando comecei a ler os tais textos censurados, percebi que não tinha critérios e não tinha ideologia, não tinha nada. Tinha a cabeça do censor no momento. Num programa, por exemplo, que falava sobre “cheiro de mulher”, por que uma mulher que perguntava sobre se deveria usar spray vaginal, eu disse que não deveria por que faz mal a saúde, pode dar mil doenças e tal, porque tem cheiro próprio, o que é interessante, etc. Então o programa foi censuradíssimo, embora eu achasse que tivesse feito com muita habilidade, com muita delicadeza. [...] Por muito tempo a multa era porque falava pênis, então nós fomos a Censura Federal para saber como falar, para não falar pênis. Ele me disse “a senhora fala membro”, e aí eu falei que membro é uma palavra grosseira que pode ser perna ou braço, veja como é subjetiva a palavra membro, e ele me disse “então fala phalus” e eu dizia “phalus só eu e o senhor vamos entender”. Depois eu pensei comigo qual seria a diferença da palavra latina e a grega, e concluí que uma todo mundo entendia e a outra não. O que eles queriam no fundo, o que a Censura quis, é que eu falasse numa termologia que ninguém entendesse [...] O que realmente mexeu com a Censura é que alguém falava de sexo como se fala, como fazer um torta de abacaxi, ao alcance de todos.”<sup>46</sup>

Apesar de Marta Suplicy reconhecer não sofrer pressões por parte da Rede Globo e, da mesma manifestar seu apoio a ela, a emissora decidiu retirar do ar o quadro Comportamento Sexual por tempo indeterminado. A Rede Globo alegou publicamente estar sendo pressionada através de altas e acumulativas multas bem como através de ameaças de suspensão de suas

---

<sup>46</sup> CIOFFI, Silvio. A censura com medo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 Dez. 1982, Caderno Mulher, p. 3.

transmissões por horas e dias. Em novembro de 1982 a direção da emissora envia este comunicado ao diretor do programa, Nilton Travesso:

“Rio, 26 de novembro de 1982

MEMO VPO 679/82

Sr. N. Travesso

Lamentamos informar que a psicóloga clínica Marta Suplicy deverá deixar de participar do programa “TV Mulher” a partir da próxima segunda-feira, dia 29.11.82.

Esta decisão é motivada pelos incontáveis problemas que a empresa vem enfrentando junto a diversos órgãos oficiais ainda dominados por um obscurantismo que impede a livre discussão de problemas fundamentais para o telespectador.

A contribuição que a Sra. Marta Suplicy assegurou ao programa, elevando o seu nível e prestando um serviço público de real importância, torna esta decisão extremamente penosa para todos nós. Entretanto, o crescente volume de multas com que a empresa tem sido penalizada e a ameaça de suspensão das transmissões da Rede Globo tornam o problema incontornável.

Esperando contar com a sua compreensão, desejamos expressar os nossos agradecimentos á Sra. Marta Suplicy pelo seu brilhante trabalho e manifestamos a nossa esperança de podermos, no futuro, contar novamente com sua colaboração.

José Bonifacio de Oliveira Sobrinha

Vice Presidente da Rede Globo de Televisão” (SUPLICY, 1983: 20)

Durante os sete dias em que esteve fora do ar, a psicóloga recebeu apoio e solidariedade através de inúmeras correspondências e mobilizações públicas que se posicionavam contra a censura ao programa:

“ [...] confesso que, ao ler neste jornal o depoimento doído da formidável psicóloga Marta Suplicy, que viu seu programa na TV Mulher ser suspenso sem maiores explicações, tenho vontade de arrumar meus pertences e sair à procura de ares mais arejados e menos convencionais, onde a palavra sexo não seja uma tabu. [...] Estou bestificada, como diria meu pai! Neste, onde filmes brasileiros ou enlatados, com doses “cavalares” de alta pornografia e aberrações sexuais, circula adoidado por nossos cinemas, proibir que uma mulher elogiada pela imprensa internacional dê aulas magistrais sobre sexologia, com informações essencialmente didáticas, com linguagem

inelegível e sadia, com uma discrição inerente às pessoas seguras e que dominam a matéria, ah, é de “lascar”!” (Rio Claro - SP, 4/12/82)<sup>47</sup>

“Sr, Presidente

Há quase 3 anos a psicóloga Marta Suplicy vem apresentando um quadro – Comportamento Sexual – dentro do programa TV Mulher, na Rede Globo. A psicóloga vinha discutindo temas até então silenciados, dentro da televisão brasileira principalmente. Tal discussão vinha lançando um pouco de luz sobre o obscurantismo que mal conseguia disfarçar as meias verdades e a grande ignorância que pairam sobre este tema: aí a importância do quadro.

Mas abrir um debate significa incomodar, tocar em pontos nevrálgicos e evidentemente estar preparado para críticas.

A psicóloga, entretanto, não teve críticas. Ela foi silenciada pela censura, num ato obscurantista e anti-democrático. Gostaria muito de poder contar com vossa interferência nesse assunto.”

(Rio de Janeiro - RJ, 8/12/1982)

O jornal Folha de São Paulo dedicou toda uma edição do caderno Suplemento Mulher à Marta Suplicy em decorrência desta censura. Além de uma entrevista que abordava o assunto, a reportagem do jornal Folha de São Paulo destacou a ação de apoio à Marta promovida pelo Movimento de Mulheres de São Paulo (que reunia os movimentos Pró Mulher, S.O.S Mulher e a Frente da Mulheres Feministas, entre outros) que ocorrera no dia 2 de dezembro de 1982 no centro da cidade de São Paulo. Além de questionar a opinião de transeuntes quanto ao trabalho desenvolvido pela sexóloga, a reportagem destacou as falas de integrantes do movimento contra a censura imposta. Fotografias do ato exibem-nas empunhando cartazes com os dizeres: “O Movimento de Mulheres Consulta o Povo”; “Comportamento Sexual (TV Mulher), Para ou Continua?”.

Segundo a reportagem, o movimento estava ali para se posicionar em favor de Marta Suplicy e para consultar, por meio de um abaixo assinado, a opinião da população a respeito da censura ao programa. De 438 consultados (114 homem e 314 mulheres) o resultado para a pergunta “O quadro deve voltar a ser apresentado no programa TV Mulher?” foi: Sim (421 votos), Não (7 votos). Foi ainda questionado qual seria o horário ideal para a transmissão do quadro sendo que: Manhã (158), Tarde (20), Noite (64), Manhã e/ou Tarde (8), Manhã e/ou Noite (13), Tarde e/ou Noite (4), Manhã, Tarde e Noite (36).<sup>48</sup>

O jornal ainda problematizou o fato de que o DENTEL, ligado ao Ministério das Comunicações, afirmou que não havia multado a Rede Globo no ano de 1982 e que também

---

<sup>47</sup> Cartas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 04 Fev. 1982, Ilustrada, p. 35.

<sup>48</sup> PAIVA, Fernando. Pesquisa de rua. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 Fev. 1982, Caderno Mulher, p. 5.

não havia ameaçado retirar do ar suas transmissões da emissora. As informações foram posteriormente confirmadas pela Rede Globo que alegou estar sendo pressionada através de inúmeras notificações: “Primeiro se diz que houve pressões, “ameaças”; depois o órgão oficial desmente, em seguida a emissora concorda que não houve ameaças, mas considera “pressão” o crescente número de notificações que o quadro Comportamento Sexual vinha recebendo.”

(Figura 2 – Capa do Caderno Suplemento mulher com Marta Suplicy)



(Fonte: Acervo Jornal Folha de São Paulo)

# A Censura com medo



A Marília Gabriela terminou o programa de terça-feira, um dia depois da sua suspensão, dizendo "esperamos que o obscurantismo seja passageiro, de fato". Que obscurantismo é esse? Quais são as pressões que o programa enfrenta? Elas são escritas ou não?

O obscurantismo é o obscurantismo que nos persegue no programa Comportamento Sexual desde que ele começou, praticamente. Eu acho que ele vem da ignorância mesmo das pessoas — pessoas em postos de grande importância, que justamente não deveriam nem ter ignorância, nem preconceito a respeito do sexo e da verdade sobre o sexo. O programa vem convivendo com muitas desde o seu início. Algumas vezes, como há um ano e meio, a situação se tornou tão séria, tão difícil, que pensei mesmo em sair, por não aguentar a pressão. Pressão não da Globo, mas pressão da Censura, da Censura Federal. Eu tinha de mandar o texto do que ia falar, tinha de dizer o tema. Se por acaso falava alguma coisa que não estava programado, tinha que ser corrigido no dia seguinte, sempre com muitas implicações. Isso sempre foi uma coisa difícil de fazer, sempre foi difícil. Agora, me parece que numa certa hora, há um ano, um ano e meio, quando as muitas ficaram muito altas, eu me peguei no que o Dentel se manifestava contra. Peguei o caderno inteiro, porque eles mandam datilografado e tudo, e fiz um estudo a respeito tentando entender qual era a ideologia, os critérios que estavam atrás disso. Quer dizer, o que é que não podia ser falado? Não tinha nenhuma necessidade de agredir ninguém, sempre tentando pensar que fosse uma coisa simplesmente construtiva. Porque, quando eu comeci a fazer o programa, não tinha mesmo experiência de televisão e percebi que muitas coisas que eu falava chocavam e que eu podia falar de outra forma. E nunca fiz tão bem o programa como estou fazendo hoje. Bem, peguei o negócio do Dentel para ler e ver se eu podia aprender alguma coisa ali. Alguma forma de poder falar sem agredir a platéia, porque se eles estavam me pressionando é porque

eles estavam sendo pressionados por uma parcela da população que se sentia agredida. E eu tinha interesse em entender essa parcela da população, não em agredir, mas em assimilá-la. Quando comeci a ler os tais textos censurados, percebi que não tinha critério e não tinha ideologia, não tinha nada. Tinha a cabeça do censor do momento. Num programa, por exemplo, que falava sobre "cheiro de mulher", porque uma mulher que me perguntava sobre se devia usar spray vaginal, eu disse que não devia porque faz mal para saúde, pode dar mil doenças e tal e porque as pessoas têm de ler cheiro próprio, que é o interessante e etc. Então esse programa foi censuradíssimo, embora eu achasse que tivesse feito com muita habilidade, com muita delicadeza.

Você tinha de submeter sempre o seu texto para o censor?  
Não, houve períodos em que tive de submeter o tema. O texto integral, nunca. A briga com a Censura sempre foi um... por exemplo: quando eles começavam a implicar muito, eu esquecia de dar o texto para ver o que acontecia, e aí, quando não acontecia nada, eu esquecia outro dia. Sempre foi, então, um terreno baldado, conseguido aos poucos. Agora, teve uma certa época em que eu realmente me enchi e falei: não dou mais o texto, chega, não dou mais o texto.

*Está formado o sururu: depois da carta do vice-presidente da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, ao diretor-geral de produção — Nilton Traverso — justificando o c' tamento de Marta Suplicy: "O crescente volume de multas com que a empresa tem sido, nalizada e a ameaça de suspensão das transmissões da Rede Globo tornaram o problema insustentável"; vem o Dentel e afirma que jamais multou a Globo durante este ano, que não faz qualquer tipo de pressão e; para terminar, vem a direção regional da Globo, em São Paulo, e diz que realmente o Dentel nunca ameaçou tirar o emissora do ar, "apesar de haver legislação prevendo isso. Que a atitude da Globo foi no sentido de evitar a aplicação de tal legislação, de salvaguardar a empresa".*

*É isso aí. Primeiro se diz que houve pressões, ameaças; depois o órgão oficial desmente, em seguida o emissora concorda que não houve ameaças, mas considera "pressão" o crescente número de notificações que o quadro Comportamento Sexual vinha recebendo. Tudo isso quinta-feira, à noite, quando vários movimentos a favor do programa e contra a Censura estavam em andamento. Não se querendo enveredar por raciocínios precipitados, deve-se supor, entretanto, que tem "caroço no angu". Afinal de contas, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni não está onde está por ser um tipo precipitado e emocional. Nem que Nilton Traverso é um principiante na profissão. No dia seguinte à suspensão do quadro ele disse ao "Mulher" que "lamento que na Abertura a porta tenha sido fechada para o "TV Mulher". E reiterou o apoio a Marta.*

*Ora diante de tudo isso resta pensar com a cabeça que funciona o Brasil: as emissoras de televisão são concessionárias, sujeitas à legislação do Departamento Nacional de Telecomunicações, por sua vez órgão do Ministério das Comunicações. Quer dizer: se a emissora de televisão põe a boca no trombone, corre o risco de perder sua concessão (em última instância) na pior das hipóteses e, na melhor, ser boicotada. Só resta mesmo passar uma borracha em tudo isso, ficar o dito pelo não dito, na base das interpretações subjetivas. Pelo menos ficou assim até quinta-feira à noite quando fechamos a edição.*

**Marta Suplicy foi, a partir desta semana, proibida para menores ou mesmo maiores de 18 anos. Ou ela saía do ar, ou saía a Globo. Saiu ela. Por causa de coisas como relações sexuais, amor, prazer. Coisas do outro mundo.**

vra latina e a grega, e conclui que uma todo mundo entendia e a outra não. O que eles queriam no fundo, o que a Censura sempre quis, é que eu falasse numa terminologia que ninguém entendesse, porque uma sugestão que pede para falar phalus no livro de pénia, uma grega e outra latina, está a fim de que a platéia não entenda o que se fala. O que realmente mexeu com a Censura é que alguém falava de sexo como se fala, como fazer uma torta de abacaxi, ao alcance de todo mundo.

Eles consideravam o seu programa atentatório à moral, aos costumes?

Nunca ficou claro o que eles achavam. Inclusive eles acham que faz mal às crianças. Então, eu vou lá e falo de pesquisas que mostram que a criança de cinco ou seis anos que não está interessada no assunto não fica ouvindo o que não está interessada. Não sei de nenhuma criança que fica ouvindo a televisão se o assunto não interessa. Não tem como prender a criança. Depois, eles também falavam que eu poderia estimular a criança, no que eu discordo, pois acho que só se pode preencher um vazio se existe a curiosidade para ele ser preenchido, e que ele vai ser preenchido pelo vizinho, no caso do não ser preenchido pelo meu programa. Ainda outra coisa que eles falam é que deve ser preservada a ignorância das crianças, o que seria a virtude das crianças, mas o que a gente sabe hoje de pesquisas de universidades muito famosas é que a virtude não é sinônimo de ignorância, e que ignorância leva à experimentação, e que experimentação leva à gravidez não desejada com quatorze anos de idade!

Na terça-feira, o "Jornal do Brasil" publicou uma pequena matéria em que a trede de Cardoso, produtora da TV Mulher, dizia

Você entregava para uma determinada pessoa? Como é que funciona isso todo dia?

Uma semana antes, para o funcionário da Globo que é o intermediário entre a Globo e o Dentel, quer dizer, entre a Globo e a Censura Federal, aí não é Dentel. Ele pegava os temas e se eu, por acaso, escappalia sem entregar, ele ligava para minha casa.

Sempre a mesma pessoa?  
Sempre a mesma pessoa.

Então você sempre soube das multas? Sabia, mas não tinha mesmo por onde me pautar para não ser multada. Eles não têm critério. Por muito tempo a multa era porque se falava pênis, então não fomes na Censura Federal para saber como falar para não falar pênis. Ele me disse "a senhora fala 'membro'", e aí eu falei que membro é uma palavra grosseira que pode ser perna ou braço, veja como é subjetiva a palavra membro, e ele me disse "então fale phalus" e eu disse "phalus só eu e o senhor vamos entender". Depois, pensei comigo qual seria a diferença entre a pala-

**Mulher**  
220-0011 Remais 236/237  
LÓIAS — REVENDA  
Fabricante atacadista  
37-5006 e 35-4833.

**BEBÊ E MAMÃE**  
A CIAMAR tem o melhor enxoval das melhores marcas e pelo menor preço. Venha ver! Rua Oriente, 393 — Brás — Fone: 292-6824.



Entre duzentas e trezentas cartas por mês, de todos os lugares. A maioria do Brasil, de mulheres mais necessitadas, mas os homens também escrevem.

que a multa era de 500 mil cruzeiros por praça retransmissora, e que as praças são de dez a vinte. Você sabe disso?

Sei, isso não é nenhuma novidade. Desde os primeiros meses do programa já tínhamos muitas. Milhares de multas. E também ameaças de sair do ar. Por isso é que eu acho estranho que tenham vindo logo depois das eleições com a ameaça mais formalizada, para a Globo resolver tirar o programa do ar. O que eu sinto em relação à Globo é que o programa sempre teve total apoio da Globo. Total. Até porque, se fosse para tirar do ar, deveria ter sido tirado logo nos primeiros dois meses, quando começaram a pagar multa. Eles nunca me proibiram de falar, ou de falar assim ou assado; podiam conversar comigo a respeito de qual estratégia a seguir, mas nunca foi uma coisa imposta de cima para baixo. Mas no momento em que foi formalizada a ameaça de tirar a TV Globo uma hora e meia do ar, por causa do programa, eles realmente tiveram de ceder.

**Foi por carta?**

Parece que sim, mas eu não vi a carta. Agora, o que eu penso é que 80% devem ser Censura mesmo, porque é uma coisa que já existia há dois anos. Mas os votos por certo finalis, que foram a gota d'água, eu acho que foram uma coisa política. Uma pressão política, não necessariamente com referência a mim, mas ao meu marido.

**Depois da sua saída, o deputado Suplicy encaminhava uma carta, não na Assembleia Legislativa, fazendo ao presidente um pedido de revisão e que fosse feita uma consulta popular.**

É, porque eu acho que essas decisões são tomadas na base da mulher de não-sei-que que achou que eu falei qualquer palavra feia, ou na cabeça do censor do dia que tem "gripa" com relação oral, ou qualquer coisa do gênero. Elas não são feitas consultando comunidades, consultando as pessoas que realmente não têm acesso à educação, não têm acesso aos livros, aos psicólogos. Essas pessoas, pela minha experiência diária de ler para a rua e ouvir como o programa tem beneficiado a elas, é que me dão a consciência de que, se fossem perguntar ao público, o programa ficava no ar, não mais um mês ou dois, mas anos. A população não tem informações a esse respeito, sente essa carência e não tem onde buscar. Isso desde a baiana que vende acarajá na praia em Salvador, que me contou que a vida dela mudou depois desse programa, até a garçonne do Caneção que me disse, durante o show da Simone, que a vida dela melhorou após ouvir o programa.

**E o que mais está sendo feito?**

Também um ato público, na frente da Globo. E serão recolhidas assinaturas na frente do Teatro Municipal.

**E a Globo sabe das manifestações, do ato público?**

Estou por fora disso, porque não fui eu que organizei, nem pedi. O que eu soube é que algumas mulheres queriam fazer alguma coisa e resolveram fazer a manifestação. Que eu saiba, a Globo sabe.

**Você sabe se a Globo vai recorrer, ou você mesma vai recorrer do seu afastamento arbitrário da televisão?**

Eu não sei se a Globo vai recorrer. Li, acho que no "Estado de S. Paulo", que a Globo tinha impetrado um mandado de segurança. Não sei se é verdade. O que eu sei é que fui procurada por diversas entidades feministas e que o Tribunal Bertha Lutz, aqui de São Paulo, vai impetrar um mandado de segurança contra o Dentel em nome de entidades feministas paulistas. Esse mandado pede a reconsideração dessa interrupção, dessas multas, dessa pressão e o reconhecimento do programa como alguma coisa de bom para a sociedade, como educativo.

**Não seria mais sensato fazer concessões à censura para manter o programa?**

Não sabemos como fazer concessão. Tentamos durante dois anos e oito meses sem saber o que eles queriam. Eles foram incapazes de dizer qual era o critério a ser seguido, se não eu faria. Agora, existem certos princípios; quando da visita à Censura Federal, depois de toda a discussão de pênis e thal e não sei o quê, eu falei que a dizer a tal palavra e que se quisessem tirar do ar que tirassem, assumindo as consequências, ele afinal engoliu e a palavra foi para o ar. Pode-se ceder em algumas coisas, mas não em tudo. O fato é que eu nunca soube nada que não pudesse. Quer dizer, eu soube que não se podia falar sobre relação anal, e existem pilhas, cem cartas, sobre relação anal. Nunca falei disso. Agora, pode-se falar sobre a relação oral, mas por que uma pode e outra não pode está na cabeça do censor, no preconceito. Algumas palavras não se pode falar, como tesão, trepar. Eu me lembro quando a TV Mulher fez um ano e eu falei a palavra trepar e houve uma multa enorme. O caso é que não faz falta alguma falar a palavra trepar. Não faz falta alguma, como não preciso falar tesão, posso falar desejo. Mas pênis, eu acho que não podia falar membro ou phalus, ou órgão sexual masculino. Não dava. Eu tenho um critério!

Silvio Cloeff

### Fala o Povo

Praça Ramos de Azevedo, 2 de dezembro, quinta-feira. Do topo do edifício do Banco Itaú, o relógio digital marca 12h30. No alto das escadarias do Teatro Municipal, protegendo-se da chuvinha chata que começa a cair, três mulheres e um rapaz alto tiram de uma sacola de plástico duas faixas, desenrolando-as. Nas faixas, os dizeres "O Movimento de Mulheres Consulta o Povo" e "Comportamento Sexual (TV MULHER), Para ou Continua?" convocam a população paulistana a se manifestar sobre a questão, através de um plebiscito. Está começando mais uma manifestação da sociedade civil brasileira em defesa de seus direitos.

Alguns minutos após, com o término da chuva, os manifestantes resolvem mudar de ponto, atravessando a rua e se colocando numa posição mais estratégica: bem defronte ao "Mappin", onde o volume de passantes é maior. Pedindo às pessoas para opinar por meio do abaixo-assinado/plebiscito, a psicóloga Teresa Ferraz, do "Pró-Mulher", fala sobre a proibição do Dentel: "Uma coisa impossível, pois o povo brasileiro precisa dessa informação (comportamento sexual)". Pergunto se ela tomou conhecimento do desmentido feito pelo Dentel no dia anterior: "Soube rapidamente, só que não tive tempo para ler a matéria. Mas acho que isso é simplesmente uma alegação para enfraquecer o movimento, que agora toma vulto em todo o Brasil."

Elen Santos Araújo, 27 anos, é uma das primeiras a assinar o documento. Trabalhando como digitadora na VASP, durante o conhecimento do caso ali mesmo, pois se encontrava no Rio no dia anterior e achou a proibição "uma besteira, porque hoje em dia sexo é tratado de um modo muito aberto". Quanto ao horário, "tanto faz: de manhã à tarde, porque trabalho à noite". Algo com que não concorda Leni da Silva, empregada numa indústria de plásticos: "O melhor horário é à noite, pois a maioria dos jovens trabalha durante o dia."

Trazendo um garoto pelo braço, a dona-de-casa Sandra Rosa Ferreira, justifica a manutenção do programa por gostar muito dele, exclamando com veemência: "Deus me livre de terminar com o programa! Agora, se pudesse ser à tarde, lá pela uma hora, era melhor." Sugerindo que a Globo substitua as novelas repetidas do início da tarde por um prolongamento do TV-Mulher, ela conta um caso meio para o escabroso: "Pra você ver o quanto a informação sexual é importante, hoje mesmo o Gil Gomes falou no rádio numa menina de 18 anos que matou a filha. Ficou grávida, em vez de falar com a família ficou com medo: o nenê nasceu de madrugada, ela enforcou a criança e jogou no lixo." E conclui, olhando para o garoto: "É melhor as crianças aprenderem pela TV, dum jeito certo, do que na rua, tudo errado."

A telefonista e caixa de loja Francisca Augusto de Azevedo, no entanto, concorda

parcialmente com Sandra: "Acabar não deve, mas tem de mudar o horário, porque tem muita criança assistindo." Indago se ela vê algum problema no fato de crianças assistirem ao programa. Meio confusa, ela tenta explicar: "De jeito nenhum, mas é que tem muita criança pequena, que não deve entender isso: o programa é mais para adolescente. Das seis da tarde em diante seria bem melhor." De repente, uma voz dissidente. "Dá licença, meu filho — pede uma senhora de cabelos grisalhos e óculos — que eu vou assinar aí pra acabar com essa pouca vergonha na TV." Trata-se de da Mercedes, que assiste regularmente ao programa e não gosta nem um pouco do quadro de Marta Suplicy. Negando-se a fornecer sua idade — mas, com certeza já na casa dos seus sessenta e poucos anos —, da Mercedes acha "que lugar de bobagem não é na TV". E tenta convencer algumas das mulheres a assinarem contra, sem qualquer resultado.

Aproveitando o mote da velhinha enfurecida, um rapaz comenta que bobagem é tirar um quadro como o da sexóloga do ar, enquanto permitem "músicas indecentes" no rádio. É, com uma cara de galto, logo após assinar o manifesto, sai cantando: "Põe devagar, põe devagarinho, que pra não machucar..."

Mais para o sério, o advogado João Alberto Pizarini, preparando-se para assinar o documento em favor da volta do quadro, comenta que "essa suspensão é um ato arbitrário, que não tem sentido numa sociedade democrática". Achando que o programa deve ir ao ar em qualquer horário, ele brinca quando perguntado se a proibição vai servir a tão propaganda aberta: "Lógico, de longo contra a abertura. Agora, precisamos ver de que tamanho é essa tal abertura, pois acho que é muito pequena."

Finalizando, dirijo-me a Antonio Marques, que vigora segura — junto com um companheiro — a faixa pedindo a consulta popular sobre toda a celetura: "Se eu sei do que se trata esse negócio? Não, sei não. Tô segurando isso porque tá me pagando: uma quina (Cr\$300) pra mim e pro colega aí." Pergunto-lhe se está desempregado. A resposta vem meio sem jeito: "Tô não. Eu trabalho por conta própria..."

### Fala a Globo

Terça-feira — um dia após a suspensão do quadro Comportamento Sexual, no programa TV-Mulher:

— A emissora não tem por norma recorrer judicialmente das ordens que recebe da Censura ou do Dentel e não irá à Justiça para obter a determinação oficial; embora tenha tomado posição firme de apoio a Marta Suplicy — afirmou Nilton Travesso.

Nesse mesmo dia afirma-se que a Globo vinha recebendo pesadas multas — sempre cumulativas, isto é, aumentando a cada reincidência.

— Lamento que na Abertura a porta te-



**SIMPLASTICA - A**  
Clínica de cirurgia plástica para a classe média brasileira  
CRM 29072 Av. Paulista, 807 cj. 503 F. 289-9877

**Mulher**  
edição especial de Natal  
Reserve já seu espaço

(Fonte: Acervo Jornal Folha de São Paulo)

O jornal Folha de São Paulo evidencia existir um "caroço no angu" já que ambos os diretores José Bonifácio, o Boni, e Nilton Travesso não ousariam se precipitar em retirar do ar o quadro sem existir qualquer tipo de pressão. Entretanto, além da opinião pública brasileira

do período manifestar-se contra qualquer tipo de retorno à censura praticada durante anos pelo Regime Civil-Militar, era de conhecimento da Rede Globo as repercussões e as manifestações positivas ao quadro de Marta Suplicy.

Isto posto, podemos levantar a hipótese de que a intenção da emissora era a de pressionar as autoridades causando uma comoção popular a favor de Marta. Esta manobra, caso tenha sido adotada, surtiu os efeitos desejados, já mencionados. Cerca de uma semana após o quadro ter sido retirado do ar, a Rede Globo volta atrás de sua decisão e decide liberar sua exibição:

“03 de dezembro de 1982

Sr. Nilton Travesso

É com prazer que comunicamos a V. Sa. A liberação do quadro “Comportamento Sexual” do nosso “TV Mulher”, sem qualquer restrição.

Sentimo-nos duplamente felizes com a notícia.

Primeiro pela oportunidade de continuarmos prestando excelente serviço ao público.

Segundo por registrarmos uma animadora perspectiva de revisão de critérios por parte dos órgãos oficiais.

A equipe do programa e a psicóloga Marta Suplicy recomendamos a manutenção do alto nível do programa desejando a todos contínuo sucesso.

Cordialmente

José Bonifácio Oliveira Sobrinho” (SUPLICY, 1983: 21)

A própria Marta Suplicy reconhece que seu retorno a televisão deu-se graças às diversas mobilizações de entidades e pessoas, citando as participações dos movimentos feministas e a sociedade civil como um todo que ligaram inúmeras vezes e também enviaram dezenas de correspondências a Rede Globo: “Acho que quando a sociedade se sente prejudicada por uma arbitrariedade e protesta, os resultados aparecem.”<sup>49</sup>

### **3.2 Virgindade e Orgasmo**

Como já abordamos nesta pesquisa, Marta Suplicy e sua equipe organizaram a documentação segundo critérios temáticos próprios. Entretanto, no decorrer da análise empírica da documentação é possível identificar variadas temáticas que tratam da sexualidade e do comportamento de homens e mulheres que não estão necessariamente circunscritos apenas a estas temáticas. Uma determinada correspondência, apesar de estar inserida no grupo temático de “problemas de relacionamento pessoal”, pode apresentar uma narrativa que aborde outros assuntos, como por exemplo, aqueles que estejam relacionados ao corpo.

---

<sup>49</sup> E Marta pode voltar. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 04 Fev. 1982, Painel da Ilustrada, p. 35.

Devido a esta multiplicidade de temas que possibilitam uma infinidade de análises e discussão, optamos por dois assuntos que apresentam uma maior incidência de correspondências: orgasmo (ou frigidez feminina) e virgindade.

Ambos os assuntos são recorrentes entre as telespectadoras e trazem narrativas e questionamento semelhantes. Por apresentar esta característica traremos apenas algumas das correspondências que conseguem dar o tom ao conjunto documental dos temas escolhidos.

### 3.3 Virgindade

O assunto da virgindade gerava polêmicas na imprensa brasileira desde a década de 60, quando os movimentos sociais e feministas passaram a questionar opressões exercidas sob o corpo da mulher. Em 1963 a revista *Claudia* decidiu realizar uma pesquisa, organizada pelo IBOPE, para saber a opinião dos homens a respeito de experiências sexuais femininas antes do casamento. Cerca de 70% dos entrevistados afirmavam que uma mulher só poderia manter relações sexuais após o casamento. Tempos depois uma nova pesquisa sobre o mesmo tema, foi feita pela IBOPE e pela *Claudia*, só que desta vez apenas as mulheres foram consultadas. Das cerca de 600 mulheres entrevistadas, 320 mulheres 38%, acreditavam que apenas os homens deveriam ter experiências sexuais pré-matrimoniais. Mas o número era bem inferior ao contingente masculino de 70%. Através de comentários feitos a partir de suas respostas a revista, as leitoras afirmavam que a virgindade da mulher possuía além do caráter religioso, o econômico, já que corriam o risco de ficarem solteiras.<sup>50</sup>

Em 1971 a revista *Realidade*<sup>51</sup> publica a reportagem “Ser virgem é muito importante. Muito.” contando o caso de uma jovem deixada pelo marido quando o mesmo descobriu que ela não seria mais “pura”. Em um novo noivado, relata submeter-se a uma cirurgia “reparadora de hímen” para não correr o risco de ser novamente rejeitada.<sup>52</sup>

Já mencionada, a reportagem também de 1971 da revista *Capricho* trouxe na seção *Sexo na Prática* a pergunta: “Até que ponto a virgindade é importante para a felicidade da mulher?”. Apesar de afirma na reportagem que cada mulher é dona e responsável pelo seu corpo, não deixa de advertir suas leitoras sobre as dificuldades que poderão encontrar parar

---

<sup>50</sup> Ver: (CAVALCANTE; MORAIS, 2003).

<sup>51</sup> Em 1967 a revista *Realidade* já havia abordado o tema em sua edição especial dedicada as mulheres brasileiras através da de entrevista com duas mulheres com o tema “A mulher deve ser virgem ao casar?” (CAVALCANTE; MORAIS, 2002)

<sup>52</sup> Ainda na década de 70 vigorava o artigo 219 do Código Civil brasileiro que previa a possibilidade de anulação do casamento caso marido não soubesse que sua esposa já havia sido deflorada.

casar caso optem por perderem suas virgindades, tendo em vista a importância que a pureza ainda representa para os homens:

“A grande maioria dos homens brasileiros quer para esposa uma mulher virgem, pois isso representa para eles a confirmação de tudo o que aprenderam como “certo”. Embora a virgindade não seja o retrato da honra e da dignidade da mulher, o fato é que quase todos os homens dão a ela enorme importância. E isso deve ser encarado conscientemente pelas mulheres, sabendo que, sem a virgindade, o casamento poderá ser mais difícil.” (GURGEL, 2010: 98)

A partir dos depoimentos e questionamentos das telespectadoras do TV Mulher, podemos notar que virgindade demonstrava ser ainda quesito relevante para muitas brasileiras que possuíam perspectivas de matrimônio. A perda ou “violação acidental” do hímen gerava grandes aflições às mulheres. O sangue virginal e a vagina estreita ainda dividiam o sexo feminino entre possíveis boas mães e esposas daquelas consideradas mulheres fáceis e promiscuas. O medo que sentiam por acreditar não serem mais puras, causada tormentos a mulheres que pretendiam ter “seu final feliz” casando-se com seu marido ideal.

“Aos me digiri a esse programa eu procura mais uma vez a resposta para um problema pra min muito grave não se pode ser até da minha cabeça Marília no envelope vai um porque assunto muito pouco ao programa por falta de tempo[...] Meu problema e o seguinte eu peço a voce se possivel que ponha esta carta a senhora que fala sobre educação. sexual tenho 18 anos estou noiva e isto mi pertuba ja fui duas vezes a uma ginecologista antes ela falou era uma coisa muito pequena isto não ia muda nada a minha vida na 2º ela falou que sou realmente tenho medo quando mais jovem eu e minha migas nos masturbavam com os dedos essas minhas amigas ja ate casaram como manda o figurino eu estou aqui com minha duvidas eu botei com os dedos mais e um dedo só séra que isso acabo com a minha virgindade de tenho um pequeno furo enrrolei esse papel em meu dedo pra dar grossura da ponta do meu dedo que o inicio é assim com essa largura depois não vai o dedo todo [reprodução em linha horizontal com cerca de 5,5 cm] não fica todo esse tamanho dentro só a metade [em vertical com cerca de 1,5 cm]

Abraço a essa pessoa maravilhosa que a senhora é meus agradecimentos tanto a senhora como todos deste programa maravilha

Por favor não fala sobre min diga assim nome e endereço tenho pessoas conhecidas que assistem ao programa não quero que saibam desse meus grilos vou aqui ficar aguardando sua resposta por carta e só dizer que sou eu não basta pra mim. Essa ginecologista como disse na 2º vez min confirmo que sin mais não contei pra ela com foi conto com mais uma pessoa da mesma formação pra meu caso min ajude por favor tenho tanto medo já penso si eu caso no dua seguinte tenho

que anular esse casamento antes não casando ou falando sobre antes com meu noivo mais uma vez meus agradecimento a voces desta linda equipe e espero a resposta esclarecendo minha duvidada  
Abraço especial a dotora que fala sobre esses problema.”

(Posse - GO, 07/04/1981)

Apesar de ter se consultado com uma médica ginecologista por duas vezes, a jovem de dezoito anos decide recorrer à ajuda da “doutora que fala sobre esses problemas [sexuais]” no programa TV Mulher para por fim a uma dúvida que muito lhe aflige: a possível ruptura de seu hímen em decorrência da masturbação. Comparando-se a suas amigas que já se casaram “como manda o figurino”, a telespectadora teme ter que anular seu futuro casamento a partir do momento em que seu noivo descobrir que ela não possuiria mais seu hímen e sua virgindade.

“Marta eu gostaria que você lêsse esta carta no dia 12 ou no dia 19 de novembro porque eu estou de férias e depois volto a trabalhar.

Marta eu acho o seu programa muito bom porque voce já esclareceu muitas dúvidas que eu tinha sobre sexo.

Mas eu estou com um problema e ando desesperado, e se for possível eu gostaria que voce me ajudasse.

Eu namoro um moço já faz três aos e nós estamos pensando em nos casar, mas ele quer que eu prove a ele que eu sou virgen e antes do casamento, eu nunca tive relação sexual.

Mas o meu problema é que quando eu era menina aos 13 anos eu introzi um objeto na vagina, e o tempo foi passando e eu fui aprendendo muitas coisas sobre virgindade, e daí eu achei que não era mais virgem, e por isso ando sem saber o que fazer pois acho que não sou mais virgen.

E eu eo meu namorado estamos para ficar noivos em dezembro eu já pensei até em romper o noivado, porque ele disse que não casa sem ter a certeza que eu sou virgen.

Eu estou com 20 anos e ele esta com 21 anos, por favor me ajude a encontrar uma saída pois não quero ficar na pior depois da minha primeira relação sexual, me ajude a resolver esse problema.

Atenciosamente agradeço.

Um abraço.”

(Cerqueira César - SP, 3/11/1982)

Novamente uma jovem telespectadora recorre a Marta Suplicy para questionar se a introdução de algo em sua vagina configura a perda de sua virgindade, o que acarretará no o fim de seu relacionamento com seu possível futuro marido. A “prova da virgindade” ainda configurava como exigência básica para homem levar adiante seu relacionamento com uma mulher.

“Presada Marta

Sou ouvinte do seu programa gosto de tudo que você falando tudo claramente.

Marta o meu problema é muito complicado. Tenho 22 anos sou casada a seis anos e sou mãe de três filhos.

Nunca faltou nada para mim nem para os meus filhos mas acontece que eu não me sinto feliz, eu sinto que falta alguma coisa para completar mas eu não sei o que é.

O meu marido é muito bom, mas nunca me faz um carinho e quando tenta fazer eu me afasto, os seus carinho me irrita eu não sei porque, na verdade eu gosto do meu marido mas me sinto distante dele.

Quando nos começamos namorar eu me sentia diferente mas depois de uns meses ele começou a perguntar se eu era virgem eu disse que sim. Mas ele não acreditou e pediu para experimentar, como era quase uma criança e gostava dele eu deixei.

Eu não sei porque não sangrou, e ele começou a dizer que eu não era mais virgem. E isso me magoou bastante porque eu nunca tive relação com ninguém a não ser com ele.

Marta eu peço por favor para você me esclarecer, se o fato de não sair sangue na primeira relação significa não ser virgem.

Já se passou seis anos e eu ainda não consegui tirar isso da minha cabeça.

Por favor me responda breve.

Eu peço para não dizer o meu nome e se for possível nem a cidade que eu moro.

Não me deixa sem uma resposta a seis anos que eu a espero.”<sup>53</sup>

(Perdeneiras - SP, 29/04/1981)

“Querida Marta Suplicy

Peço a você que não revele o meu nome.

Marta, tenho 18 anos, sou casada a 2 anos, e tenho uma filha de 6 meses.

Estou com um grande problema, tive minha primeira relação sexual com o meu marido, que ainda não eramos casados.

Nesta primeira relação não sangro, daí começa o problema.

O meu marido disse que eu não era virgem.

Em fim nós casamos e até hoje estou esse problema.

Marta é possível a gente ter a primeira relação sexual e não sangrar, apenas sentir muita dor e o pênis entrar pouco?

Desde já agradeço.”

(São Paulo - SP, 10/09/1982)

---

<sup>53</sup> Resposta de Marta Suplicy: “Você sabe que era virgem se já não teve relação com ninguém [ilegível]. Porque então não crê na sua [ilegível] e se contente com isto? Nem sempre ocorre o sangramento. Outra [ilegível] com relação você se irritar com seu marido não aceitar ficar perto. Podem ser varias coisas: 1- Conflito – [ilegível] quer intimidade; 2- você coloca o problema na virgindade mas dá entender que talvez você esteja falando de falta de confiança entre você dois. O que a afasta. Converse sobre isso com seu marido.”

Estas três telespectadoras relatam a mesma situação conflituosa com seus maridos: a acusação de não serem mais virgens. A ausência de sangramento após a primeira relação sexual configura para os parceiros a mentira de esposas quanto a suas virgindades. Uma vez casados, sentem-se lesionados e enganados. As pressões que então surgem as fazem sentirem-se deprimidas, uma vez que não faltaram com a verdade. Buscando uma solução, questionam sobre a possibilidade da não existência do o sangue virginal durante a primeira relação.

Marta Suplicy trata do sexo sob dois aspectos: o fisiológico e o psicológico. Para ela, a relevância dada ao hímen é apenas psicológica e cultural, já que sua função fisiológica é desconhecida até então. As preocupações de telespectadoras, como as relatadas, constataam a preocupação que as mulheres tinham em prestar contas do próprio corpo. Como símbolo e prova de “virtude”, o hímen serviria como atestado de honestidade ou ainda para diminuir a ansiedade dos homens quanto ao seu desempenho, pois não teriam que se preocupar com comparações (SUPLICY, 1983:75)

Marta, então, questiona porque as manipulações feitas pelos homens quanto à “importância psicológica” do hímen foram e ainda eram aceitas pelas mulheres:

“Um dos aspectos que me ocorre, e devem existir outros, é que a mulher ganhou (!) com a invenção da preciosidade do hímen um objeto de barganha. Isto é, ela passou a ter algo para negociar. Em sociedade onde a mulher não tem outro recurso econômico, a posse do hímen (inato) a fazia possuidora de um bem imediato. Em sociedade onde a mulher usufrui maior igualdade econômica com os homens, a necessidade de se tratar ou de se valorizar como objeto a ser negociado – quanto mais novo, sem uso, bonito e utilizável tem maior valor – diminui.” (SUPLICY,1983:75-76)

A necessidade de se comprovar a virgindade por parte das mulheres e, a constante desconfiança por parte dos parceiros, faz com que o casal vivencie dificuldade que acabam gerando magoas e raivas de um ou de outro. “O que sobrar de desse relacionamento?” Questiona Marta Suplicy. Enquanto o homem não é questionado quanto a suas experiências sexuais (quando mencionadas, são para valorizar a sua virilidade) a mulher é levada a prestar satisfações aos usos que dá ao próprio corpo: “O que realmente importa, a honestidade como pessoa, sentimentos, respeito que tem por si mesma e pelo companheiro etc. não entra em questão.” (SUPLICY, 1983: 80)

“À TV Mulher

Sou policial militar casado há 6 anos. Tenho 4 filhos. Desde que me casei tenho um problema na vida, pois, no primeiro dia que fui manter

relação sexual com minha Esposa, ouve penetração total do penes, sem nenhuma dificuldade.

A esposa sempre afirma que jamais manteve relação sexual com outro, mas um copo não pode quebrar sem algo o toque.

Gostaria de esclarecimento para esse problema.

Atenciosamente.

Lucio.”

(Minas Gerais, 6/02/1981)<sup>54</sup>

Apesar de longa a citação da resposta dada a este telespectador por Marta Suplicy, a daremos para que possamos compreender e analisar seu discurso a respeito do tema:

“Sr.,

A sua pergunta requer uma explicação física e uma reflexão. Vamos à parte física primeiro.

O não sangramento quando da primeira relação não constitui evidência de a mulher ser virgem ou não. Se a mulher não tem hímen (é raro mas ocorre) ou existe um orifício muito amplo e o hímen tem a orla bem estreita, ou a mulher possui hímen complacente é um dos motivos pelos quais pode não ocorrer sangramento.

No caso do hímen complacente, que poderia ser ou não o da sua esposa, pode não haver o rompimento, daí não sangrar e a penetração ser fácil, pois as fibras que compõem esse tipo de hímen são mais elásticas e cedem. [...]

O senhor coloca “um copo não quebrar sem algo o toque”. Temos observado que mais frequentemente a mulher é tratada como se fosse um objeto, às vezes, até semiprecioso, do que valorizada como ser humano. Seu valor está relacionado com propriedades mais características de objetos do que de pessoas [...] Objetos é que não tem valor intrínseco. Valem pela sua beleza e utilidade. Quanta coisa o senhor esta esquecendo quando vê como problema a existência da virgindade. E o relacionamento afetivo? E o que e como pessoa? “(SUPLICY, 1983: 76-77)

O questionamento deste telespectador e a resposta dada a ele demonstram que a presença de Marta Suplicy na televisão brasileira representava uma possibilidade de mudança na sexualidade e consciência de homens e mulheres quanto aos seus corpos e papéis sociais para muitas brasileiras. O posicionamento conciliatório entre o casal deveria ser, segundo Marta Suplicy, um dos caminhos a serem percorridos pelos homens e mulheres que juntos poderiam romper com os estereótipos que envolvem ambos os gêneros. Uma possível postura combativa aos homens ou que assumisse posturas masculinizantes por parte das mulheres não colaboraria para a causa feminista:

“Foi necessária muita garra e agressividade para romper com o *status quo* e essas características ainda estão presentes no cotidiano da mulher, que exige ser tratada com respeito e dignidade devidos a um ser humano. Daí a imaturidade de muitas confunde a dose necessária de “características masculinas” para obter uma mudança na situação atual com uma negação das qualidades femininas e uma tomada de

---

<sup>54</sup> (SUPLICY, 1983: 76)

postura francamente hostil ao homem. [...] A hora parece muito mais síntese. Da mulher que não é estereótipo: nem Amélia nem Malu. De uma recuperação das qualidades femininas dentro de uma postura feminista: uma luta ombro a ombro com o homem. Para que ele também deixe de ser um estereótipo e possa chorar quando tiver vontade, não ter respostas quando não souber, e mostrar insegurança quando não tiver certezas.” (SUPLICY, 1984: 161)

Marta defende que não bastaria mudar a consciência da mulher sem levar em consideração uma mudança na mentalidade dos homens. O relacionamento ideal para ela seria aquele em que ambos os parceiros estejam engajados em abrir um canal de diálogo que permitisse uma maior interação entre ambos, possibilitando elevar o relacionamento a um patamar mais igualitário, aberto e interativo.

### 3.4 O orgasmo feminino

Como observamos anteriormente, desde o início do século XX já eram publicados manuais de higiene sexual ou de "higiene do amor e das paixões" que instruíam homens e mulheres sobre a fisiologia de seus corpos e que advertiam sobre a falta de excitação, de prazeres, cuidado no ato sexual em relação as “parceiras mães de seus filhos”. Ao analisar o manual *Hygiene Sexual* do Dr. Olavarrieta, publicado em 1929, a historiadora Margareth Rago aponta que manuais como estes alertavam sobre importância do prazer sexual nas relações sexuais de casais em combate, por exemplo, ao onanismo e relações extraconjugais. As mulheres, por sua vez, também deveriam receber atenção para que não desenvolvessem a "*chlorose lenta e contínua*" ou algo mais grave como as práticas degradantes do onanismo e da prostituição:

“Segundo o médico, a indiferença feminina pelos prazeres sexuais resultava tanto de uma educação errônea, que acentuava sua ignorância em relação às necessidades sexuais e aos deveres conjugais, quanto do egoísmo e do “nécio excesso de pureza” dos maridos. Chegando ao casamento “sexualmente gastos, enfatiados e estragados”, estes submetiam suas esposas a regimes de relações sexuais extremamente austeros, “transformando as carícias em obrigação, quem sabe em repugnância ou em dor.” (RAGO; TVARDOVSKAS, 2014: 270)

O resultando de tais problemas presentes na vida sexual do casal seria uma esposa que foge do sexo com seu marido. Margareth Rago destaca que mesmo com uma visão misógina que restringia a mulher ao espaço doméstico, médicos como o Dr. Olavarrieta reconheciam em seus manuais a existência do prazer sexual feminino que deveria ser, ao menos, parcialmente satisfeito. (RAGO, 1996: web)

O mesmo assunto relacionado aos prazeres do casal ganhava as páginas da mídia impressa nacional, quando analisamos o tema da sexualidade presente em revistas como

Êle&Ela, Playboy Claudia, Nova e Pais e Filho. A historiadora Roselane Neckel observa a mudança no comportamento sexual de brasileiros que cada vez mais se preocupavam em melhorar sua prática sexual e romper com determinados tabus que até então eram muito presentes em suas vidas. Distanciavam-se cada vez mais do sexo focado apenas na reprodução para se aproximar daquele que privilegiava o prazer, ainda que este existisse discursos que pregavam o fortalecimento da unidade do casamento. Um bom desempenho sexual do casal era sinônimo de felicidade:

“Os leitores e leitoras estavam sendo informados de uma “revolução sexual” que abria a possibilidade do sexo sem o compromisso do casamento, que já era uma alternativa real tanto para homens como para mulheres, mas que, agora, era discutido publicamente, mesmo que em um contexto de apreensão em relação ao futuro do casamento. A “revolução sexual” nas revistas estava, na maioria dos artigos, atrelada à manutenção do casamento.” (NECKEL, 2007:320)

A partir da década de 70, homens e mulheres configuravam um público que ansiava por respostas a suas angústias com relação à sexualidade dos “tempos modernos”. Proliferava-se pelas revistas masculinas e femininas discursos de psicólogos e médicos que incentivavam a buscar pelo prazer sexual. A liberdade sexual tornou-se sinônimo de seres saudáveis e felizes: “Nas revistas masculinas e femininas, as exigências em torno da família e dos filhos deram lugar aos prazeres sexuais e ao direito à busca do prazer.” (NECKEL, 2007: 326)

Apesar de existir nos anos 60 as publicações de manuais sexuais voltados às mulheres, o interesse maior destes ainda era o de preparar minimamente a mulher para sua futura vida conjugal. O prazer sexual da mulher não era abordado publicamente como algo importante a elas. Já nos anos 70 a sexualidade feminina, que antes não era tratada publicamente como algo importante, já que a maternidade e a família eram causas maiores na vida de uma mulher, também passou a ser abordada com novos olhares na mídia impressa brasileira. Agora brasileiras eram incentivadas a buscar o prazer e o orgasmo como formas de adquirirem a tão esperada liberdade sexual. Roselane Neckel destaca que apesar da “revolução sexual” e a liberdade sexual aparecerem nas revistas brasileiras as mesmas não eram divulgadas como possibilidades de escolha para as mulheres, mas sim como uma obrigação a ser sentida e pensada como foi culturalmente constituída para o homem.

A revista Nova, por exemplo, foi uma das primeiras da imprensa feminina a trazer reportagens que tratavam diretamente do orgasmo feminino: “O orgasmo depende muito de você.” (Nova nº1, 1973), “Você gosta mesmo de você?” (Nova nº2, 1973); “Toda mulher (até

a mais comportada), tem fantasias sexuais, isso é bom sabia?”. Dentro da proposta de ser útil as suas leitoras Nova buscava auxiliar e ensinar as mulheres a romperem com os tabus, controlarem seus corpos, compreenderem e decifram seus sonhos e anseios, gostarem de si mesmas e atingirem o orgasmo com seus parceiros. Reconhecer o próprio corpo e os próprios desejos, por meio das práticas e do cuidado de si postuladas por Foucault, era a maneira que a revista Nova e as demais do segmento feminino incentivavam suas leitoras a “compreenderem melhor” quem eram e assim corrigirem seus corpos. Os “especialistas do orgasmo”, com a autoridade de seus saberes científicos e discursos, entendiam que o clímax atingindo superaria problemas psicológicos que causavam a frigidez feminina e, desta maneira ter o orgasmo era o equivalente a possuir uma vida sexual saudável.<sup>55</sup>

“Alguns termos e análises, até então reservados aos médicos e psicólogos, tornaram-se uma constante nas revistas. A frigidez, a impotência orgástica, masturbação, o auto-erotismo, o prazer feminino e masculino, a fase ascensional, a plenitude sexual, as neuroses sexuais, maturidade sexual e sensual, indicavam a presença de uma nova linguagem até então restrita aos livros e aos consultórios de médicos e psicólogos, que colocaram à disposição dos leitores um rol de conhecimentos variados.” (NECKEL, 2007: 326)

Em seu livro *Conversando sobre Sexo* (1983), Marta Suplicy trata das questões relacionadas à ausência de prazer e do orgasmo nas mulheres como sendo uma “disfunção sexual feminina”. Em sua definição, a disfunção sexual em homens e mulheres é um “problema relacionado com a inadequação da resposta sexual”. (SUPLICY, 1983: 211) Marta explicita que apesar de existirem fatores orgânicos que levam a este problema sexual, estes não chegam a 10%. Grande parte das disfunções é originada por fatores psíquicos.

Neste livro, a disfunção sexual feminina é analisada através das queixas de telespectadoras do TV Mulher, sendo as causas identificadas como: falta de desejo; estimulação inadequada; medo da gravidez; marido rápido; medo da intimidade; raiva na relação; orgasmo clitoriano versus orgasmo vaginal; medo de não corresponder e ser rejeitada; desejo sexual diferente: medo de dizer não; sentimentos ambivalentes; ignorância; medo de exigir e ser rejeitada; insegurança no relacionamento; humilhação pelo parceiro; e uso de pensamentos negativos.

Vejamos como as telespectadoras relatam o problema à apresentadora:

---

<sup>55</sup> Ver: (BÉJIN, 1987a), (BÉJIN, 1987b).

“Prezada Marta Sublicy

Vou começar esta, dispensando os elogios cabíveis ao programa TV MULHER e em especial a você.

Já que temos consciência da boa repercussão do programa, tenho medo, ou melhor, vergonha de ser identificada por parente ou amigos devido ao problema que vou abordar, por isso chame-me apenas de L.R.R.

Tenho 27 anos e meu esposo 35, estamos casados há 3 anos, meu esposo é ótimo. Materialmente estamos subindo os degraus um a um, cada dia melhora um pouco, mas em se tratando de sexo não posso dizer o mesmo. Da parte dele anda tudo bem, conversamos sobre tudo que queremos saber e fazemos o que achamos que vai nos proporcionar prazer. Aí é que está o problema pois acho que nunca cheguei a ter orgasmo tendo relações sexuais porque tenho certeza que já senti sensações mais fortes me masturbando e pensando nele (meu esposo) quando namorávamos. Prá você ter uma idéia estou sentindo como um ferro de resistência queimada, quero chegar ao clímax e só consigo alguns arrepios, algumas leves sensações que só me levam a depressão.

Tudo isso já conversamos claramente por isto gostaria de sua orientação. Será que um médico resolve meu problema? Isto poderá ser um problema de hormônio?

Aproveito a consulta para outras dúvidas: Tomava anticoncepcional há dois anos e a mais de um ano tento engravidar.

Pela radiografia do útero minha médica disse que tenho uma trompa obstruída mas já ouvi você dizer que isto não é problema pois a outra é boa. Parece que o mais sério é que não estou ovulando e é sobre isto também, que gostaria de orientação.

Para resumir este jornal, quero ter orgasmo e quero ter um filho, só não sei se meu esposo vai ter paciência para me aguentar pois ando uma pilha de nervos.

Me ajude “

(Camaçari - BA, 30/11/1982)

Apesar de relatar estar casada com um “ótimo” marido que mantém com ela diálogos “sobre tudo” que está relacionado ao sexo e ao prazer, a telespectadora do interior da Bahia chega a questionar-se se chegou a atingir o orgasmo em alguma de suas relações sexuais. O máximo do prazer que sentiu, ou de “sensações fortes”, foi através da masturbação (a qual foi praticada com pensamentos fieis ao seu marido).

Ao comparar-se com “ferro de resistência queimada” a telespectadora lamenta, ainda que sinta algum prazer, estar em um estado de depressão em decorrência da ausência do clímax. Acredita que este fato pode por em risco seu casamento, pois não sabe se seu marido estará disposto a enfrentar com ela este problema.

“Querida Marta, em 1 lugar gostaria que não revelasse meu nome. Estou desesperada e lhe escrevo em busca de sua ajuda. Sou casada há 7 anos e nunca consegui me satisfazer e atingir o orgasmo com meu marido fingi à êle esse tempo todo, ele só não percebeu porque nunca teve relação sexual com outra mulher, eu tenho medo de contar pois não sabia qual seria a reação dele, mas há 2 meses atrás atrás eu não aguentei mais e contei, pois estava desesperada. Nesses 7 anos, eu fiz de tudo, lia livros, lia revistas ouvia conselho Das amigas e foi tudo em vão.

Eu nunca me masturbei, pois eu quero sentir prazer com meu marido, e não sozinha, pois eu o amo demais.

O nosso relacionamento como marido e mulher é maravilhoso êle é muito bom para mim e é carinhoso, nos nos amamos muito.

Há poucos dias uma amiga conversando comigo me disse que também tinha o mesmo problema meu, e já era casada há 5 anos. Mas a poucos dias ela tinha conseguido sentir prazer pois ela se desligou de todos os problemas, imaginando que o sexo era uma coisa boa, e que iria conseguir, e conseguiu mesmo, eu fiz o mesmo mas não deu resultado.

Bem quando contei a êle foi horrível, eu não sabia como começar, chorei muito e êle ficou até com pena de mim, e disse que ia me ajudar.

Esses 2 meses tem sido uma luta, mas sem vitória, êle me consola dizendo, que se consegui (até) nesses 7 anos que eu tenho que ter paciência que vai demorar um pouco, você acha que isso é verdade?

Estou desesperada, pois acho até mesmo que sou uma mulher anormal, mas ao mesmo tempo acho que não, porque quando êle me toca e me faz carinhos, eu me excito.

Como a gente pode saber quando uma mulher é anormal? Existe mesmo a mulher anormal? Devo procurar um psiquiatra ou um ginecologista? E existe remédio para o meu problema? Gostaria também que você me mandasse o xerox da carta da sua espectadora do rio, que conseguiu o orgasmo.

Eu não quero resolver o meu problema não só por mim, mas pelo meu marido pois tenho medo que êle procure outra.

Eu conto com sua ajuda e desculpa a carta longa, espero resposta breve.

(Votuporanga - SP, 21/7/1980)

“Querida amiga Marta Suplicy

Tendo assistido sempre ao programa TVMulher vejo que recebe muitas cartas tentando resolver os problemas sexuais de muitas pessoas. Gostaria de ser também mais uma de suas clientes e amigas. Tenho um problema que para mim é gravíssimo pois me atormenta demais! Todas as vezes que tenho relações sexuais com meu noivo, fico apavorada achando que não sou uma mulher anormal. Pois nunca consigo chegar ao orgasmo sem a minha própria ajuda. Tenho que me masturbar para conseguir alcançar o meu orgasmo. Tenho 18 anos e antes de ter relações sexuais com meu noivo, me masturbava sempre e

meu noivo acha que estou muito acostumada a me masturbar e parando de fazer-lo conseguirei alcançar o orgasmo sem a ajuda da masturbação. Já ouvi você dizer que para a mulher chegar ao orgasmo, é necessário que o penis do parceiro esteja sempre em contato com o clitoris durante a relação.

E em nossa relação o penis dele jamais consegue encostar no meu clitoris, já tentamos varias posições para ver se consigo resolver meu problema mas, não tem jeito, tenho sempre que ficar esfregando o meu dedo no clitoris para conseguir alcançar o orgasmo. Por favor, me ajude a resolver este problema, pois vou me casar breve e não quero continuar com este tipo de problema o resto de minha vida.

Esperarei sua resposta ansiosa e espero que consiga encontrar solução para o meu problema. Desde já, muito obrigada.

Sua cliente e amiga.”

(Vitória - ES, 12/05/1982)

São muitos os relatos de telespectadoras como estas que acreditam serem “mulheres anormais” possuidoras de um algum tipo “mal” que a impede de atingir o clímax. Esta vida sexual “imperfeita” não é somente uma fonte apenas de tristezas, mas também de angústias. Caso não consigam atender a “normalidade” que é atingir o orgasmo junto aos seus maridos (a quem sempre se mantêm fieis), pensam que podem ser trocadas por outras mulheres que o façam: “sou casada há 7 anos e nunca consegui me satisfazer e atingir o orgasmo com meu marido fingi à êle esse tempo todo, ele só não percebeu porque nunca teve relação sexual com outra mulher [...]”. Ao confessarem à psicóloga a vida angustiada sem o prazer e orgasmos que viviam, estas mulheres intencionavam receber instruções de como proceder para dominarem seus corpos a fim de produzir aquilo que tanto ouviam falar e desejavam.

A partir do século XVIII Foucault identifica diferentes técnicas que inovam no controle dos corpos que ficavam presos no “interior de poderes muito apertados, que lhes impõem limitações, proibições ou obrigações.” (FOUCAULT, 1988:126)

As novidades nos esquemas que tornaram os corpos dóceis estariam presentes nos controles que tratam o corpo como uma unidade indissociável e altamente detalhada e que exercem constante coerção que controla os movimentos, gestos e atitudes. Também foram alvos deste controle, elementos significativos que ditavam a eficácia dos movimentos e sua organização interna como a coação das forças:

“A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante que vela sobre os processos da atividade mais sobre seu resultado e se exerce de acordo com a codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhe impõe uma relação de docilidade- utilidade, são o que podemos chamar de as “disciplinas”.” (FOUCAULT, 1988:126)

Essas disciplinas, presente há tempos na sociedade, tornaram-se entre os séculos XVII e XVIII, fórmulas gerais de dominação sobre os corpos. Esta “arte do corpo”, como denomina Foucault, visa não só do aumento das suas habilidades, mas também a formulação de mecanismos que o tornam obediente e útil: “Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.” (FOUCAULT, 1988: 127)

Nascem, assim, corpos dóceis, disciplinados e submissos que aumentam suas forças (em termos econômicos de utilidade) e diminuem as mesmas em termos políticos de obediência. Tais forças coercitivas não nasceram do nada, foram se multiplicando e sendo geridas em diferentes origens e localizações, como em colégios, hospitais, organizações militares e prisões.

Através das técnicas de sujeição dos indivíduos nasce um novo corpo natural, comandado por movimentos e portador de forças e sede de algo durável. Este novo corpo treinado para ser útil, seria mais manipulado por autoridades do que por ímpetos animais.

Foucault, contudo, reconhece que o poder exercido nos corpos não é necessariamente repressivo, ele é tênue e por vezes estimulado, produzindo nos indivíduos efeitos no âmbito do desejo e na estimulação do autoconhecimento e do controle de si:

“Razão geral e tática que parece ser um por si mesmo: é somente mascarando uma parte importante de si mesmo que o poder é tolerável. Seu sucesso está na proporção daquilo que consegue ocultar dentre seus mecanismos. O poder seria aceito se fosse inteiramente cínico?” (FOUCAULT, 1999:83)

Assim sendo, são desenvolvidas políticas que esmiúçam corpos e agem por meio de confissões, exames clínicos e psicológicos. De confissões da intimidade às análises, nascem discursos múltiplos que anseiam normatizar os indivíduos. Daí a necessidade de se inserir técnicas de controle e governabilidade de si que passaram a determinar as práticas e os “usos corretos” dos prazeres e dos possíveis impulsos que são condenados pela sociedade.

Como já analisado, esta regulação da sexualidade através de discursos, técnicas, práticas e instituições será denominada por Foucault de “dispositivo da sexualidade”. Este dispositivo estará ancorado em quatro eixos principais e em quatro figuras alvos do saber-poder que serão: a mulher histórica, a criança onanista, o casal malthusiano, e o adulto perverso. (RAGO, TAVARDOVSKAS: 2014)

Nesta perspectiva, em um período em que o discurso da liberalização da sexualidade está em voga bem como o discurso feminista de autonomia da mulher se faz presente, a

normatização da sexualidade das mulheres brasileiras exercerá influência ao afirmar não ser mais possível existir uma mulher que não sinta prazer ou atinja o orgasmo por conta própria ou por meio de suas relações sexuais. Em comparação ao “novo ideal de mulher”, estas mulheres se consideravam “doentes” em decorrência da “frigidez” que as tornavam “anormais”. Segundo esta nova normatização, as mulheres para serem felizes devem gozar para satisfazer-se a si e/ou ao seu parceiro.

Marta Suplicy assumia uma posição crítica as preocupações femininas e masculinas quanto à obrigatoriedade ou preocupação excessiva quanto ao orgasmo em uma época definida como sendo a “era do orgasmo” e de “libertação sexual”. A psicóloga rechaça a ideia de qualquer modelo imposto ou valorizado por uma sociedade que foque apenas em como o sexo deveria ser para ambos no quesito desempenho. Para ela a repressão pode estar presente tanto na proibição do exercício da sexualidade, quanto na obrigatoriedade do sexo ou no prazer centrado no genital.

Marta reconhece a existência de um poder normalizador presente numa sociedade que valoriza e exige cada vez que os indivíduos tenham experiências sexuais e sintam orgasmos: “Não basta ser livre, precisa ser “orgásmica”. E o orgasmo ainda não pode ser à sua maneira. Mas de acordo com o último capítulo da revista tal.” (SUPLICY, 1983: 355)

Esta preocupação excessiva quanto ao orgasmo ditada pela “nova libertação” leva a uma desvalorização dos sentimentos e dos afetos que possam existir entre um casal:

“Observo que quando a liberação sexual ocorre sem a educação sexual as consequências podem ser desastrosas, com uma desconexão do sexo em relação ao amor, gerando “campeonatos” de atletismo sexual, a ideia de “normalização da sexualidade com obrigatoriedade de orgasmo [...] Em suma, promiscuidade e esvaziamento.” (SUPLICY, 1984: 213)

Em sua visão, o sexo só ganha sentido pleno quando relacionado ao amor entre duas pessoas. Um casal atingirá a felicidade em seu relacionamento somente com a superação de uma “fase de atração mútua” que dará lugar a uma interação mais intensa alcançada através da compatibilidade em relação à vida, religião, política, sexo e casamento entre ambos. Segundo Marta, o prazer sexual é importante, porém secundário para se conseguir em uma relação do que a capacidade de estabelecer intimidade e amor:

“Se os indivíduos percebem-se complementares, muitas vezes não é algo que possam especificar, mas explicam como uma sensação de conforto e segurança junto com o ser amado [...] O sexo com amor propicia ao ser humano uma experiência de plenitude semelhante à da criança no ventre da mãe. Esta busca de unidade, inerente ao ser humano, é insaciável e só é encontrada durante o breve momento do encontro amoroso. O sentimento de transcendência, obtido na sensação de fusão durante o ato

sexual com o ser amado, a experiência de não ser mais você e de se fundir no outro, talvez seja para o ser humano a experiência mais próxima de felicidade.” (SUPLICY, 1984: 132)

Esta preocupação excessiva presente numa época da “liberação sexual” exercia para Marta Suplicy uma notória pressão em muitas pessoas que não se enquadravam nestes “novos padrões”. Certamente esta realidade não condizia com o cotidiano de muitos brasileiros que podiam estar inseridos em perspectivas sociais distintas. Por, trazemos o relato da telespectadora que, apesar de extenso, transmite um pouco esta tensão observada por Marta e que esta relacionada ao que ela entende ser a “obrigatoriedade” do sexo e dos prazeres e o distanciamento das relações afetivas:

“Querida Marta

Oi tudo bem? Gosto de você e por isso estou lhe escrevendo. Sei através da sua sessão na “TV Mulher” que você é uma pessoa inteligente e muito esclarecida. Admiro muito seu trabalho.

Mas esta carta não é apenas uma carta de elogios, nem tão pouco uma consulta para esclarecimentos sexuais. Esta carta é uma denuncia.

Marta, eu sou uma jovem de 22 anos, solteira, universitária. Como quase a maioria das moças de minha idade eu tive uma educação muito repressiva no que se refere a sexo. Tive alguns namorados, fui noiva e aos poucos fui aprendendo com a própria vida a liberta-me de muitos tabu e preconceitos que possuía.

Há dois anos rompi com um noivado por que a relação estava desgastada e desde então comecei a vivencia uma triste realidade. Os rapazes começaram a se aproximar de mim apenas por queria sexo.

Ora, o sexo é maravilhoso quando existe entre as pessoas se não o amor, pelo menos que o afeto, respeito e confiança.

Não existe sentindo em sexo desprovido de relação afetiva. [...]

Sabe Marta, o que de terrível nisso? Raciocine comigo: se há alguns anos atrás tudo era proibido para os namorados em matéria de sexo, tudo era feio, tudo era pecado, ou tudo “moça direita” não deve fazer isso (esse fato) se constituía numa verdadeira tortura. [...]

Porém atualmente a postura está no fato de que tudo é permitido ou em outras palavras todos devem fazer sexo. Se você namora deve fazer sexo com seu namorado, se você é noiva deve fazer sexo com seu noivo, se você tem um amigo deve fazer sexo com ele. Veja Marta, se você não age assim você é considerada quadrada, você fica isolada ou sozinha. [...]

Agora e lhe pergunto: a liberdade sexual que tanto ansiamos por anos não está em uma forma de prisão, de tortura maior ainda que a repressão de anos atrás? [...] Marta, onde fica o amor ou pelo menos aquele encantamento, aquela magia que envolve as pessoas que se relacionam sexualmente?

Estou muito triste porque estou vendo e vivenciando que as pessoas estão se usando reciprocamente como latas de lixo ou como privadas, sei lá; os homens usam as mulheres como depósito de esperma e as mulheres usam os homens como fonte de orgasmo, apenas isso.

Bem Marta, esta minha denuncia. [...] É preciso falar, divulgar, alertar as pessoas, pois só assim chegaremos a um ponto de equilíbrio. Nem repressão, nem excessos. Equilíbrio com amor. [...]

Um grande abraço, querida. Muito obrigada e... deseje-me sorte.”

(São Paulo - SP, 4/04/1981)

## Conclusão

Quais seriam as possibilidades de intervenção e transformação nas vidas das mulheres através dos diversos canais da imprensa feminina em um período de transição para a sociedade brasileira entre as décadas de 70 e 80?

As críticas feitas à imprensa feminina são inúmeras: “conservadora, alienante, consumista, estereotipada, despolitizada” e mantenedora do *statu quo* (BUITONI, 1981: 76). Na análise Dulcilia Buitoni, ao evitar controvérsias e temas polêmicos sem tomar partido algum, a imprensa feminina “acaba por formar uma visão mitificadora da sociedade”.

Como qualquer produto da indústria de massa, as revistas femininas reforçam em suas páginas, segundo a pesquisadora, o individualismo e consumismo por produtos supérfluos. Para isso, vale-se de “armadilhas linguísticas” com formas verbais imperativas, aproximando-se constantemente do linguajar publicitário persuasivo que busca estreitar as liberdades de suas leitoras.

É evidente que para conquistar suas leitoras e consolidarem-se no mercado, os folhetins femininos não poderiam adotar discursos radicais que propusessem ruptura ou mudanças profundas no comportamento ou que ainda estimulasse grandes debates acerca dos temas feministas. A revista *Capricho*, por exemplo:

“resistiu muito às mudanças que transcorriam a seu redor. Certamente ela não poderia ficar totalmente alheia a elas, sob o risco de perder público, mas a impressão que se tem é que sua opção foi manter-se, o máximo possível, distante do barulho que estava acontecendo “lá fora”.” (MIGUEL, 2012: 249)

Esta forma de lidar com determinados assuntos também foi seguida por outras revistas destinadas ao público feminino. Para sobreviver no mercado editorial eram necessárias reformulações e adaptações aos gostos e as tendências da sociedade vigente, não deixando, porém, de contrabalancear o tradicional com o moderno.

A revista *Claudia* contava com a feminista e psicanalista Carmem da Silva que contribuiu na difusão e na construção de um novo papel do gênero feminino, mais autônomo e seguro de si. Carmem defendia a ideia de que a mulher deveria integrar-se e relacionar-se melhor não só com os homens, mas também com toda a sociedade e com isso pudesse ser mais autônoma e deixar de viver sob a guarda de seus maridos. Casamento, infidelidade, divórcio, aborto, maternidade, orgasmo eram temas recorrentes em suas reportagens. Para muitas leitoras, entrar em contato com suas palavras era o mesmo que entrar em contato com muitas das discussões feministas que estavam em pauta no Brasil e no mundo na época. Nesse

sentindo, Carmem da Silva estabelecia uma mediação entre os discursos feministas de seu tempo com a realidade de suas leitoras.

Buitoni, apesar de concordar com as críticas feitas ao segmento, já evidencia em sua pesquisa que mesmo servindo à cultura de massa e aos ideais de lucro, a imprensa feminina serviu para democratizar os costumes (roupa, móveis, alimentação, pedagogia, saúde, lazer, etc.) ampliando oportunidades e conhecimentos que poderiam possibilitar uma transformação resultante em qualidade de vida para suas leitoras.

Através das pesquisas recentes faz-se necessária uma revisão das críticas feitas ao segmento. Um perfil de uma leitora passiva que constantemente é estimulada através dos anúncios e das reportagens a consumir uma variedade de produtos não condiz mais com a complexidade que se estabelece na relação de mediação entre emissor, receptor, canal e mensagem.

Edgar Morin vai além das críticas pessimistas frankfurtianas com relação à alienação causada pela indústria cultural. Morin acredita que há uma mediação entre os meios de comunicação e as massas. Segundo o sociólogo, tal relação se dá através mediação entre o imaginário e o real, ou seja, neste caso, entre o imaginário e a vida privada (MORIN, 1977).

Durante a crise sociopolítica dos anos 60, emergem os conflitos sociais latentes, que colocam no centro das discussões – e a partir de uma análise histórica das ações dos homens – uma cultura que não mais dialoga com as mudanças sociais ocasionadas pelos diversos movimentos sociais (com o foco voltado para os ditos de contracultura). Esta análise de Edgar Morin nos permite refletir sobre a relação entre as mídias e seu público consumidor. Para vender, agora é necessário levar em conta os anseios, as mudanças ocorridas na sociedade e os novos padrões comportamentais que são captados a partir das reivindicações dos variados movimentos sociais.

Ao folhearem estas revistas e assistirem a programas e teledramaturgias voltados a elas, mulheres de todo Brasil puderam entrar em contato com discursos que contribuíram para a manutenção do ideário de ser mulher para o período, mas que, no entanto, também possibilitou o contato com novos discursos que eram colocados diante de si: “um leque de novas opções, opções estas construídas através das conquistas efetivadas por outras mulheres, militantes ou não, espalhadas pelo mundo” (MIGUEL, 2012: 249).

Como a pesquisa buscou demonstrar, o período de transição que compreende os anos 70 e 80 vivenciou uma grande efervescência de movimentos sociais que pressionavam a sociedade e as autoridades por mudanças em questões que há tempos lhes afetavam

negativamente. Grupos feministas e femininos demandavam por mudanças que resultassem em melhorias efetivas na qualidade de vida das mulheres brasileiras. Já a sexualidade do brasileiro liberava-se cada vez mais, ao passo que ganhava mais espaços para discussão entre diversos setores da sociedade e de segmentos da mídia.

Variados movimentos sociais com suas pautas e propostas faziam-se visíveis e em determinado ponto acabavam sendo apropriados pela mídia brasileira com seus diferentes produtos como revistas, jornais e programas televisivos. Marta Suplicy, quanto ao momento de sua chegada à televisão, insere-se neste período de demandas e transformações sociais. Para Marta Suplicy, a estréia de seu quadro deu-se em um momento em que a sociedade brasileira encontrava-se em um estágio de maior maturidade:

“As mulheres tiveram um papel muito forte na história brasileira. Este foi um dos momentos maduros para discussões. As pessoas queriam liberdade. Mesmo que tentassem cercear, a sociedade não estava mais aceitando. Se fosse na Ditadura não teria como. Mas se fosse antes, também teria. Não era o momento, o tabu era muito forte. Nós quebramos tabus. Não entramos com passinhos pequenos. A porta foi arrombada a pontapé com aquele programa.” (Informação verbal)<sup>56</sup>

Jovem, casada, mãe, bem vestida, articulada e que tratava de maneira clara, objetiva assuntos que concerniam à realidade cotidiana e a sexualidade das mulheres brasileiras, fez com que a profissional no comportamento e sexualidade ganhasse destaque na sociedade da época. Como psicóloga comportamental e feminista, Marta mantinha uma postura de “educadora” que pretendia produzir efeitos de verdades chegando a denominá-los em seu primeiro livro *Conversando sobre sexo* (1983) de “contra receitas”. Sua intenção era a de fornecer informações e orientações básicas quanto à sexualidade visando a ruptura de tabus, como por exemplo, a importância da não agressão a crianças que se masturbavam.<sup>57</sup>

Como referência de um saber científico especializado, a psicóloga chegou a normatizar, em certos casos, as condutas de sujeitos que lhe assistiam semanalmente chegando a atribuir as mulheres uma categoria de identidade que as individualizava sob um signo de verdade. Divididas em diferentes estágios evolutivos, as mulheres poderiam partir da “Mariazinha” totalmente submissa, amedrontada, alienada e inerte, e ascender a “Maria” livre,

---

<sup>56</sup> Informação pessoal concedida por Marta Suplicy em janeiro de 2015.

<sup>57</sup> Reavaliando os enfrentamentos do período, Marta Suplicy afirma que: “Não foi um trauma. Foi abrir caminhos. Algo muito forte para a sociedade brasileira. Quebrou todos os tabus que existiam [...] Romper é isso. Poder falar. Eram temas que não podiam ser falados na mesa e que passaram a ser.” Informação verbal concedida por Marta Suplicy em janeiro de 2015.

independente e segura de si. Marta Suplicy assumia, assim, uma forma de poder que podia aplicar-se:

“à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm de reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos.” (FOUCAULT, 1995: 235)

Podemos ponderar que no contexto histórico social do período, Marta Suplicy assumia este posicionamento pretendendo posicionar-se e fazer frente: aos estigmas sociais que envolviam as mulheres; os tabus sexuais vigentes; as inúmeras críticas que ela enfrentava cotidianamente de diversos setores da sociedade brasileira; e aos usos que considerava indevido e desvirtuantes que adinham desta “nova liberação” pela mídia brasileira.<sup>58</sup>

Entretanto, ainda que partisse de um poder-saber em sua atuação, também podemos considerá-la como produtora de possíveis efeitos liberalizantes, uma vez que seus discursos estavam carregados de muitas das pautas feministas do período, sendo alguns deles: os direitos sociais básicos; a ruptura com a lógica machista e “patriarcal” da sociedade brasileira; a autonomia financeira e psíquica das mulheres; o direito e o controle pleno de seus corpos e sexualidade; entre outros. Como psicóloga e ainda como “amiga íntima” que fornecia conselhos e orientações sobre assuntos delicados que envolviam o cotidiano das mulheres brasileiras como sexo, corpo, família e sentimentos Marta tornou-se referência de confiabilidade para aquelas que ansiavam por mudanças em suas vidas.

Para muitos telespectadores, o programa TV Mulher, com o quadro Comportamento Sexual, representava uma rara oportunidade de entrar em contato com alguns dos discursos liberalizantes presentes do período. Apesar da atuação de décadas anteriores dos meios de comunicação impressos e das mobilizações de diversos agentes sociais, era através da televisão (tão presente nos lares dos brasileiros e em muitos casos o único meio de entretenimento) que muitos brasileiros tinham o acesso a diversas informações.

Em um de seus últimos escritos, Foucault se propôs a analisar não o poder, mas a história das diferentes maneiras com que o seres humanos tornam-se sujeitos em nossa

---

<sup>58</sup> “Conversando com Rose Marie Muraro percebi que chegamos, por diferentes caminhos, à mesma percepção sobre as consequências da “liberação”. De um lado estamos aí. Nossos dois livros, de mulheres feministas falando sobre sexo, na lista dos best-sellers desde que saíram. Temos um espaço e somos ouvidas. O país discute sexualidade, as mulheres se posicionam sobre planejamento familiar, revistas falando sobre prazer e nossos direitos. Parece tudo muito bem e liberado. Puro engano. Estamos numa encruzilhada vital para nós mulheres: o sistema abischoitou nossa liberação e a está usando para si mesmo. A discussão sobre sexualidade, se por um lado desmitificou, quebrou tabus, por outro lado nos fez de “fazedora de tora de abacaxi” para segurar o marido pelo estômago, ao modo de “malabaristas sexuais”: dois orgasmos é pouco, tem que ser simultâneo e de ponta cabeça. [...] A ideologia ainda é a mesma de sempre: segura teu homem.” (SUP LICY, 1984:100)

cultura. Uma de suas preocupações é de demonstrar que apesar das relações de poder estarem enraizadas no conjunto de redes sociais não há um “poder fundamental” que a tudo controla e domina. O que há são:

“múltiplas formas de disparidade individual, de objetivos, de determinada aplicação do poder sobre nós mesmos e sobre os outros, de institucionalização mais ou menos setorial ou global, organização mais ou menos refletida, que definem formas diferentes de poder. As formas e os lugares de “governo” dos homens uns pelos outros são múltiplos numa sociedade: superpõem-se, entrecruzam-se, limitam-se e anulam-se, em certos casos, e reforçam-se em outros.” (FOUCAULT,1995:247)

Estas formas e estes lugares de “governo” são ainda exercícios de poder que consistem em “conduzir condutas”, ou seja, um agir sobre as possibilidades de ações de outros sujeitos. Segundo Foucault, nesta relação exclui-se um elemento de importância que é a liberdade. Uma vez que o poder é apenas exercido sobre sujeitos “livres” de maneira individual ou coletiva, os mesmos “tem diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer.” (FOUCAULT, 1995: 244)<sup>59</sup>

Jesús Martín Barbero acredita que ao analisarmos a relação de mediação estabelecida entre os meios de comunicação e os diferentes grupos sociais, regionais, familiares, étnicos, de gênero, idades, etc. não podemos deixar de analisar toda a bagagem cultural que estes trazem consigo. Para o autor, a mídia – quando assim o deseja – ajuda a mudar os hábitos e os costumes ao transmitirem novos valores. Entretanto, para entendermos as novas pautas e os novos valores propostos, devemos compreender as transformações pelas quais uma sociedade passa e com isso analisarmos as apropriações, recodificações e ressignificações que cada grupo em particular faz dos assuntos e temas mediados (BARBERO, 2000). No processo de subjetivação das informações que são transmitidas é necessário levar em consideração as assimilações e escolhas que cada um faz dos conteúdos recebidos.

Assim sendo, não podemos deixar de ressaltar as possíveis apreensões e ações que cada sujeito poderia realizar a partir daquilo que assistiam e ouviam. Através dos diversos relatos de telespectadores observarmos como cada um destes estabelecia a sua maneira, uma relação com a apresentadora bem como se apropriava dos discursos liberalizantes e normatizadores produzidos por ela. Estes telespectadores poderiam aceitar ou rejeitar, de maneira parcial e até mesmo completa, aquilo que lhes interessavam ou não de imediato. Em

---

<sup>59</sup> Ver também o conceito de “dobras do poder” desenvolvido pelo filósofo francês Gilles Deleuze: (DELEUZE:1991)

determinados casos as telespectadoras desejam apenas solucionar problemas pontuais que enfrentavam em seu cotidiano, como por exemplo, comprovar aos seus parceiros a virgindade antes da primeira relação ou ainda a vontade de satisfazerem-se sexualmente e atingir o tão esperado orgasmo. Não desejavam necessariamente romper com a relação de submissão que vivenciavam em seus relacionamentos. Para elas bastaria à solução imediata destes problemas para alçarem a felicidade e normalidade em suas vidas. Ainda qu estas telespectadoras reconhecessem e compreendessem a relevância das pautas feministas para suas vidas, as mesmas poderiam se apresentar distante de suas realidades ou eram colocadas em segundo plano.

Se nesta relação de poder, estabelecida entre a Marta Suplicy e as centenas de telespectadores, temos de um lado uma atuação liberalizante que poderia produzir efeitos de normatização, do outro temos liberdades individuais e coletivas que cada qual construía e agia segundo as possibilidades que lhes eram apresentadas.

## **Bibliografia**

ABREU, Maira. **Feminismo no exílio: o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris. 2010.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas.

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREU, Karen Cristina Kraemer. **A História das Revistas no Brasil: um olhar sobre o segmento mercado editorial. 2010.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em: 10 setembro 2014.

BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos Anos Dourados.** In: História das Mulheres no Brasil. DEL PRIORE, Mary (org.). São Paulo: Contexto, 2008.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil.** In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marcos. História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.

BÉJIN, André. **Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos.** In: ARIÉS, P.; BÉJIN, A. (Org.). Sexualidades ocidentais. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **"O poder dos sexólogos e a democracia sexual".** In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (Orgs.). Sexualidades ocidentais - contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, p. 236-254, 1987.

BOAS, Sérgio Vilas. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida.** São Paulo: UNESP, 2008.

BORGES, Joana Vieira. **Leitoras e leituras feministas no Brasil, Argentina e Uruguai (1960-1985).** In: Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul, 2009, Florianópolis.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias e Leituras Feministas: Brasil e Argentina (1960-1980)**. 2013. Tese de (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BORGES-TEIXEIRA, Nírcia Ribas; VALÉRIO, Maristela S. **A “nova” mulher: o estereótipo feminino representado na revista Nova/Cosmopolitan**. Verso e Reverso, ano XXII, n. 49, 2008/1. Disponível em :<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/view/5758/5216>> Acessado em: 16 outubro 2013.

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 2008.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. **Mulher de papel. 1980**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Escola de Comunicação e Artes, São Paulo.

CAVALCANTE, Ilane Ferreira; MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **A mulher na imprensa das décadas de 1960 e 1970**. Trabalho apresentado no 14ª Congresso de Leitura do Brasil. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <[http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais14/Sem03/C03013.doc](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Sem03/C03013.doc)> Acesso em: 10 setembro 2014.

\_\_\_\_\_. **Amor e sexualidade na revista Realidade entre as décadas de 1960 e 1970**. Trabalho apresentado II Congresso Brasileiro de História da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0533.pdf>> Acesso em: 10 setembro 2014.

CAMPOI, Isabela Candeloro. **O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX**. História [online]. 2011,

vol.30, n.2, p. 196-213. Disponível em:  
<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221021290009>> Último acesso em: 14 maio 2014.

CASTRO, Ana Lúcia de. Revistas **femininas e mundialização da cultura: Unidade na diversidade**. São Paulo: 1995. Disponível em:  
<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/05928b616c07f83cbcedb1b910278b21.pdf>>. Acesso em: 13 de novembro de 2013.

COSTA, Albertina de Oliveira. **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **É viável o feminismo nos trópicos? Resíduos de insatisfação – São Paulo, 1970**. Cadernos de Pesquisa (66), São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1988.

COSTA, Valmir. **Com repressão, não há tesão: a censura ao sexo no jornalismo de revistas no Brasil do século XIX ao Regime Militar (1964-79)**. Caligrama (São Paulo. Online), v. 2, n. 1, 2006. Disponível em: <  
<http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/viewFile/64647/67288>>. Acesso em: 15 agosto 2014.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral . **Sexualidade, Cristianismo e Poder. Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)**, v. 10, p. 700-728, 2010. Disponível em:  
<<http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/html/v10n3a05.html>> Acesso em: 09 setembro 2014.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas – Sexualidade e Erotismo na História do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o Barroco**. Campinas: Papyrus, 1991.

DUARTE, Ana Rita Fonteles Duarte. **“Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América”**. In: Revista Estudos Feministas, v. 14, n. 1. Florianópolis jan./ abr., p. 287-293,

2006, Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2006000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 abril 2014.

\_\_\_\_\_. **Carmen da Silva – o feminismo na imprensa brasileira**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

FARO, José Salvador. **Revista REALIDADE, 1966-1968: Tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Canoas: Ed. da ULBRA/AGE, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 28, n. 1, 2002 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022002000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 novembro 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir - Nascimento da prisão**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 231-249, 1995. Disponível em: <<http://www.gpef.fe.usp.br/teses/o-sujeito-e-o-poder.pdf>>. Acesso em: 09 janeiro 2014.

\_\_\_\_\_. **Técnicas de Si.** In: Dits et écrits. Tradução de por Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, Vol. IV, p. 783-813, 1994. Disponível em: <[http://metodologiaangel.files.wordpress.com/2010/10/foucault-michel\\_astc3a9cnicas-de-si\\_1982.pdf](http://metodologiaangel.files.wordpress.com/2010/10/foucault-michel_astc3a9cnicas-de-si_1982.pdf)> Acesso em: 12 janeiro 2015.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina.** Petrópolis: Vozes, 1971.

GODOY, Talita Franco. **Revista Realidade: Representações da sociedade na mídia impressa brasileira em 1966/1967- tempos de transformações políticas e sociais.** 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Paulista, São Paulo.

GOLDENBERG, Mirian (org.). **Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontro.** Rio de Janeiro: Record, 2000. APUD: LIMA, Luisa Guimarães. Você mulher em revista. Disponível em:<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/60076143875123951577356075566605757842.pdf>> Acesso em: 13 novembro 2013.

GURGEL, Raquel Torres. **A mulher de 'Capricho': uma análise do perfil das leitoras através dos tempos.** 2009. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>>. Acesso em: 12 novembro 2013.

HAMBURGER, Esther Imperio. **Telenovelas e interpretações do Brasil.** Lua Nova, v. 82, p. 61-86, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452011000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452011000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 setembro 2014.

\_\_\_\_\_. **Diluído Fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano.** In: SCHWARCZ, Lilia (Org) História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ALMEIDA, Heloísa Buarque de. **Trocando em miúdos: gênero e sexualidade na TV a partir de Malu Mulher**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 27, n. 79, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2002.

LIMA, Luísa Guimarães. **Você, mulher em revista. Estudo sobre uma modernização do discurso de gênero, na década de 70**. Trabalho apresentado no XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação. Belo Horizonte. 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/60076143875123951577356075566605757842.pdf>> Acesso em: 13 novembro 2013.

PARKER, Richard Guy. **Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

RAGO, Margareth; TAVARDOVSKAS, Luana. **"O prazer solitário: o corpo em êxtase no imaginário ocidental"**. In: Flávia Regina Marquetti; Pedro Paulo Funari - Corpo a corpo. Representações antigas e modernas da figura humana, Editora FAP-UNIFESP, p. 263-280, 2014.

\_\_\_\_\_. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

\_\_\_\_\_. **Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global**. Labrys, Estudos Feministas, n. 3, janeiro/julho 2003. Disponível em: <<http://www.tanianavarros-wain.com.br/labrys/labrys3/web/bras/marga1.htm>> Último acesso em: 08 setembro 2014.

\_\_\_\_\_. **O Prazer no Casamento**. In: Revista Idéias. Campinas: IFCH/UNICAMP, ano 2, n.2, p.69-88, 1996.

KEHL, Maria Rita. **“Eu vi um Brasil na TV”**. In: COSTA, Alcir Henrique; KEHL,

Maria Rita e SIMÕES, Inimá. **Um país no ar: a história da TV brasileira em três canais**. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1986.

NASCIMENTO, Lilian Soares do. **O corpo do Mulherio: possibilidades interpretativas nas páginas do jornal Mulherio sobre os corpos das mulheres (1981-1988)**. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Londrina, 2014. Disponível em:

<[http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT5\\_lilian%20soares%20do%20nascimento.pdf](http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT5_lilian%20soares%20do%20nascimento.pdf)> Último acesso em: 10 setembro 2014.

NECKEL, Roselane. **A “sexualidade e “vida a dois” nas revistas femininas e masculinas nos anos 1970”**. Caderno Espaço Feminino, v. 17, n. 01, Jan/Jul. 2007.

Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/444/413>> Último acesso em: 14 novembro 2013.

MATOS, Maria Izilda Santos de; MORAES, Mirtes. **Imagens e Ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940)**. ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 23-37, jan./jun. 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e mediações culturais**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, n.1, jan. 2000.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. **Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna**. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. **A “descoberta” do Segundo Sexo: intelectuais brasileiras e suas aproximações com o feminismo**. Fazendo Gênero, n. 9, 2010. Disponível em:

<<http://www.fazendogenero.ufsc.br>>. Acesso em: 15 novembro 2014.

\_\_\_\_\_. **Com a Palavra, o Segundo Sexo: Percursos do Pensamento Intelectual Feminista no Brasil dos Anos 1960.** Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MIGUEL, Raquel de Barros **Pinto.** **A revista Capricho como um lugar de memória (décadas de 1950 a 1960).** 2012. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Disponível em: [http://www.tede.ufsc.br/tedesimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=974](http://www.tede.ufsc.br/tedesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=974) Acesso em: 12 janeiro 2015.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. **Mídia e Identidade: a construção do discurso amoroso em revistas femininas.** In: Revista Letras & Letras, Uberlândia, v. 22 nº 2, jul/dez, p. 65-84, 2006. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25233> > Acesso em: 13 novembro 2013.

MORAES, Leticia Nunes de. **Cotidiano e política em Carmen da Silva e David Nasser. São Paulo.** 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

PENNA, Gabriela Ordone. **Vamos Garotas! Alceu Penna: moda, corpo e emancipação feminina. (1938-1957).** São Paulo: Centro Universitário SENAC, 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

S'ANTANNA, Denise B. **Cultos e enigmas do corpo na história.** In: TREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. L. **Corpos e subjetividade em exercício interdisciplinar.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. **As infinitas descobertas do corpo.** Cadernos Pagú, Campinas, n.14, p. 235-249, 2000.

\_\_\_\_\_. **“É possível realizar uma história do corpo?”** IN: SOARES, Carmen. Org. Corpo e história. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

SARTI, Cynthia A. **Feminismo no Brasil: uma trajetória particular.** Cad. Pesqui., São Paulo, n. 64, fev. 1988. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15741988000100004&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741988000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 31 outubro 2014.

\_\_\_\_\_. **"Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro"**. Cadernos Pagu, n. 16, p. 31-48, 2001.

SILVIA, Carmen. **A protagonista.** São Paulo, Claudia, Set., 1963. p. 108. In: MORAES, Letícia Nunes de. Cotidiano e política. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SOARES, Vera. **Muitas faces do feminismo no Brasil.** In: Mulher e Política – Gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

SOARES, Carmem Lúcia. **Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas.** In: SOARES, C. (Org.). Corpo e história. Campinas: Autores Associados, p.109-129, 2001.

TAMIÃO, Juliana Segato. **Escritas feministas: os jornais Brasil Mulher, Nós Mulheres e Mulherio (1975-1988).** 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp111835.pdf>> Último acesso em: 05 março 2014.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: brasiliense, 1993.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: **A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WOITOWICZ, Karina Janz . **Páginas que resistem - A imprensa feminista na luta pelos direitos das mulheres no Brasil**. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói/RJ. VI Congresso Nacional de História da Mídia - 200 anos de mídia no Brasil. Niterói: Universidade Federal de Niterói, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Paginas%20que%20resistem%20A%20imprensa%20feminista.pdf>> Acesso em: 23 maio 2013.

ZUCCO, Maise Caroline. **Influências do feminismo estadunidense no Brasil: relatos e leituras**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005.

## Anexos

**Tabela 1:** Quantidade de correspondências analisadas por estados brasileiros.

	<b>1980</b>	<b>1981</b>	<b>1982</b>	<b>Total</b>
<b>São Paulo</b>	303	474	262	1039
<b>Rio de Janeiro</b>	36	73	64	173
<b>Minas Gerais</b>	25	33	74	132
<b>Rio Grande do Sul</b>	35	105	47	187
<b>Bahia</b>	02	14	25	41
<b>Paraná</b>	04	10	18	32
<b>Espírito Santo</b>	01	07	13	21
<b>Pernambuco</b>	-	09	19	28
<b>Pará</b>	-	02	08	10
<b>Santa Catarina</b>	-	01	14	15
<b>Paraíba</b>	-	04	08	12
<b>Mato Grosso do Sul</b>	-	03	02	05
<b>Alagoas</b>	-	-	05	05
<b>Rio Grande do Norte</b>	-	-	03	03
<b>Maranhão</b>	-	-	02	02
<b>Goiás</b>	-	02	-	02
<b>Distrito Federal</b>	-	-	01	01
<b>Sergipe</b>	-	-	01	01
<b>Sem localidade</b>	-	-	-	09

**Tabela 2.** Quantidade de telespectadores identificados por gênero.

	<b>1980</b>	<b>1981</b>	<b>1982</b>	<b>Total</b>
<b>Mulheres</b>	346	727	607	1680
<b>Homens</b>	55	150	125	330